

av. ALVARO ...
R 138 29793/04

R\$ 18,70

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM



SE
610.7368
S 889d
2004

Fevereiro - 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM

Lia Carneiro Silveira

**DO CORPO SENTIDO AOS SENTIDOS DO CORPO:
SOCIOPOETIZANDO A PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Enfermagem, do
Departamento de Enfermagem da Faculdade
de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da
Universidade Federal do Ceará, para a
obtenção do título de Doutor em
Enfermagem, Área de Concentração Saúde
Comunitária, Linha de Pesquisa
Enfermagem e Estudos Teóricos e
Históricos das Práticas de Saúde.

Orientadora:

Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga

Fevereiro - 2004

S589d Silveira, Lia Carneiro.

Do Corpo Sentido aos Sentidos do Corpo: sociopoetizando a produção de subjetividade/ Lia Carneiro Silveira – Fortaleza, 2004.

187f.: il.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Violante Augusta Batista Braga.

Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.

1. Saúde Mental. 2. Enfermagem Psiquiátrica. 3. Pesquisa Metodológica em Enfermagem. I: Braga, Violante Augusta Batista (orient.) II: Título.

CDD 610.7368

Lia Carneiro Silveira

**DO CORPO SENTIDO AOS SENTIDOS DO CORPO:
SOCIOPOETIZANDO A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Enfermagem, Área de Concentração Saúde Comunitária, Linha de Pesquisa Enfermagem e Estudos Teóricos e Históricos das Práticas de Saúde.

Data da Aprovação: 03/02/04

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga (Orientadora)

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

Profa. Dra. Tânia Maria Leal Barbosa

Profa. Dra. Raimunda Magalhães da Silva

Profa. Dra. Maria de Nazaré de Oliveira Fraga

Para Kennedy:

*Essa tese é dedicada a você,
Não só pelo amor incondicional,
Não só pelo carinho e companheirismo,
Mas, sobretudo, pelas coisas que você me
ensinou sobre a vida e sobre o mundo.
Estas não se aprendem em nenhum curso,
em nenhum livro.*

Agradecimentos

Ao meu amor, amigo e companheiro de todas as horas, Kennedy, agradeço por ter continuado segurando a minha mão, mas agradeço-lhe mais ainda, por ter sabido soltá-la nas horas certas para que eu pudesse acreditar em mim mesma.

Ao meu filho, Lucas, que cresceu acompanhando os primeiros passos que deram origem a essa tese quando assistia às aulas da graduação junto comigo e hoje já está crescido o suficiente para me passar palavras de estímulo e me confortar nas horas difíceis.

Ao meu pai Silveira por ter me despertado, desde cedo, o gosto pela pesquisa.

À minha mãe, Socorro, por estar presente em todas as horas que preciso.

À minhas irmãs de sangue Léa e Fillipa e aos meus irmãos-cunhados Alessandro e Thiago pela mão reconfortante nos momentos escuros e pela presença forte nos de alegria.

À Violante Augusta Batista Braga, amiga, muito mais que orientadora, por acreditar em mim e por aceitar mais esse desafio junto comigo

À Sandra Haydeé Petit, por me ciceronear pelos caminhos da Sociopoética e mais ainda pela amizade que nasceu entre nós.

Ao grupo-pesquisador: Cícera, Francisco Cordeiro, Marcos Aurélio, Francisco José, Simone, Godim, Irene, Corina, Agliberto, Joseleuda, Fábria, Carlos, Lúcio e Andréa por terem recebido a minha proposta e tê-lo feita deles também.

À Madalena Bonfim, pela ajuda durante as oficinas e pela amizade que construímos durante essa pesquisa e que, com certeza, vai ficar para a vida toda.

Às amigas sociopoetas que compartilharam as delícias e as dores de uma pesquisa sociopoética pela sua ajuda intelectual e, sobretudo, afetiva: Rosi, Shara, Valdênia e Angélica.

À todos os amigos e amigas que estiveram presentes durante esse período de construção.

À CAPES, ao Departamento de Enfermagem e ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará pelo apoio técnico e financeiro;

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu realtive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente do que outras, de mais recente data. O Senhor mesmo sabe.

Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas

RESUMO

Este estudo teve início em um momento histórico específico marcado por fortes transformações no campo da assistência à saúde mental propiciadas pela proposta de reforma psiquiátrica brasileira a qual apontava para a importância da mudança de foco nas ações desenvolvidas, passando da doença para a valorização da produção da vida. Nesse contexto, interessou-nos entender como estavam se dando as relações de produção de subjetividade tanto no que diz respeito aos trabalhadores, como aos usuários dos serviços de saúde mental. O primeiro passo foi a realização de uma pesquisa de mestrado que objetivou conhecer aspectos relativos à produção de subjetividade dos trabalhadores de um serviço de saúde mental. O presente estudo pretende complementar o processo iniciado na pesquisa anterior, objetivando conhecer os mesmos aspectos, porém dirigindo o foco para o usuário dos serviços de atenção à saúde mental. Para alcançar este objetivo utilizamos como referencial teórico-metodológico uma composição entre a sociopoética e algumas idéias de filósofos da linha esquizoanalítica os quais nos permitiram abordar aspectos relativos à produção de subjetividade através da criação de espaços que possibilitaram ao grupo produzir conceitos e metáforas. Iniciamos escolhendo junto ao grupo o tema a ser pesquisado: as relações entre a família e a doença mental. Posteriormente, este tema passou por modificações e, ao invés de nos referirmos à “doença mental”, passamos a utilizar um conceito criado pelo grupo com o nome de “bicoфонia” o qual se mostrou mais amplo que o anterior, abrangendo desde elementos biológicos e psicológicos até aspectos sociais e afetivos. Outros conceitos produzidos pelo grupo podem ser destacados como o de “muro”, que abrange elementos múltiplos como a discriminação social, a necessidade de autoconhecimento e a separação na família, e o conceito de “corpo-seco” o qual refere-se às diversas necessidades de uma pessoa em sofrimento mental. Além dos conceitos o grupo produziu metáforas relativas ao tema como, por exemplo, a de “árvore da vida” que se refere à função protetora e mantenedora da família ou a de “coisas geladas na família” que diz respeito às dificuldades e desentendimentos nas relações familiares. Realizamos uma descrição detalhada de todo o processo, pois devido ao fato de esta ser uma metodologia inovadora e ainda pouco divulgada na enfermagem, entendemos ser importante explicitar claramente suas etapas. Concluímos com este estudo que, ao criar conceitos e metáforas, o grupo-pesquisador está ao mesmo tempo trabalhando a produção de subjetividade, uma vez que esta construção envolve ao mesmo tempo o objeto de pesquisa e o sujeito. Nesse processo, identificamos como se dá a experiência com a bicoфонia, as relações com a família, religião e sociedade além de outros importantes elementos que fazem parte desse diagrama de afetos e devires. Percebemos, ainda, que a criação de novos conceitos tem importância singular para a prática da assistência de enfermagem em saúde mental à medida que nos permite questionar os conceitos que se encontram instituídos e abrir espaço para que o próprio sujeito se manifeste acerca de suas questões.

Palavras-chave: Saúde Mental. Enfermagem psiquiátrica. Pesquisa Metodológica em Enfermagem.

SUMÁRIO

RESUMO

Parte I _____ 10

1 DELINEANDO UMA PROPOSTA	11
2 DA PRODUÇÃO HISTÓRICA DE UM CORPO LOUCO À POSSIBILIDADE DESSE CORPO PRODUZIR SUA HISTÓRIA	15
2.1 Produção Histórica da Loucura	16
2.2 O Corpo como Produtor de conhecimento	25
3 SOCIOPOÉTICA E ESQUIZOANÁLISE: A MÁQUINA DE PESQUISAR	37
3.1 O método do grupo-pesquisador	42
3.2 A produção de sentido como acontecimento	46
3.3 A comunicação dos acontecimentos na análise sociopoética	53

Parte II _____ 56

1 FORMAÇÃO DO CORPO COLETIVO – um bicho de sete ou mais cabeças	57
1.1 Categorização do corpo coletivo	64
1.2 Transversalização do corpo coletivo	68
2 AS MÁSCARAS DO CORPO COLETIVO	70
2.1 Análise da produção plástica – máscaras	74
2.2 Análise da produção oral	75
2.2.1 Categorização das máscaras	75
2.2.2 Transversalização da produção das máscaras	76
3 PRODUZINDO ATRAVÉS DO OLFATO	78
3.1 Análise da produção plástica do olfato – colcha de retalhos	87
3.2 Análise da produção oral	89
3.2.1 Categorização do olfato	89
3.2.2 Análise transversal – quais os cheiros da relação da família com a bicoфонia?	92
3.2.3 Análise Surreal	93
4 PRODUZINDO ATRAVÉS DA AUDIÇÃO	95
4.1 Análise da produção oral	99
4.1.1 Categorização da produção da audição	99
4.1.2 Análise Transversal dos dados – audição	101
4.1.3 Análise surreal da audição	101
5 PRODUZINDO ATRAVÉS DO TATO	103
Texto produzido	110
5.1 Análise da produção plástica – tato	113
5.2 Análise da produção oral – tato	114
5.2.1 Categorização dos dados produzidos no tato	114
5.2.2 Análise transversal - quais os toques da relação da família com a bicoфонia?	120
6 PRODUZINDO ATRAVÉS DA VISÃO	122
6.1 Análise da produção oral	127
6.1.1 Categorização dos dados	127

6.1.2	Transversalização das imagens	130
7	PRODUZINDO ATRAVÉS DO PALADAR	132
7.1	Análise da produção oral	137
7.1.1	Categorização dos dados	137
7.1.2	Análise Transversal do Paladar	139
7.1.3	Análise Surreal do Paladar	141
8	OFICINAS DE CONTRA- ANÁLISE	142
8.1	Primeira oficina de contra –análise (olfato e audição)	142
8.2	Segunda oficina de contra análise (Tato, visão e paladar)	148
9	SOCIALIZANDO A PRODUÇÃO	158
10	MOMENTO FILOSÓFICO: a produção dos confetos no intensivo dos encontros	161
11	CONSIDERANDO POSSÍVEIS FINAIS	173
12	REFERÊNCIAS	178
	SUMMARY	182
	ANEXOS	183

Parte I

1 DELINEANDO UMA PROPOSTA

Antes de começar a escrever a proposta deste projeto, entendo ser imprescindível regressar um pouco no tempo, mais precisamente ao ano de 1997, e retomar aquilo que considero o início desta caminhada; o primeiro contato com a loucura institucionalizada. Os passos que agora descrevo foram, desde o início, estimulados por uma pergunta: o que nós, enquanto profissionais da saúde, podemos fazer para melhorar as condições das pessoas em sofrimento mental?

O contexto onde esta interrogação surgiu já foi descrito em pesquisa anterior¹, mas vale a pena ser lembrado. Terminei minha graduação em enfermagem fascinada pelo mundo da saúde mental e, ao mesmo tempo, apavorada com as condições de assistência às pessoas em sofrimento mental que conheci em um hospital de internamento psiquiátrico onde fiz o estágio da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica. Para não me estender tanto neste assunto basta afirmar que o referido hospital foi fechado em meados de 2000 após a confirmação de denúncias de abusos e maus tratos cometidos naquela instituição contra os pacientes internados. Desta primeira experiência no contato com a loucura ficou a interrogação: Para que tipo de prática eu fui formada? Como profissionais que passam anos preparando-se para exercer uma prática humanística, ainda que predominantemente biológica, podem aceitar a desumanização exercida nesses locais?

Logo após a graduação, tive a oportunidade de exercer o cargo de professora substituta da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Ali, pude ter contato com um olhar diferenciado sobre a problemática da

¹ SILVEIRA, L. C. Equipe de Saúde Mental: sociopoetizando o hospital-dia. 2001 (Dissertação). Universidade Federal do Ceará – UFC, 2001.

pessoa em sofrimento mental, porpassado pelos conceitos da já então propagada reforma psiquiátrica.

Ficou, então, um questionamento: qual é o lugar da pessoa em sofrimento mental dentro desse novo modelo de atenção? Como ele realmente está sendo construído dentro dessa nova proposta? Hoje, quando vivemos o momento de desconstrução/reconstrução da assistência ao doente mental, estas perguntas voltam ainda com mais ênfase, como se sentíssemos que é este o momento, é esta a oportunidade que temos de redirecionar nossa prática, livrando-a das máscaras de vigia e carrasco ou de submissão que muitas vezes temos assumido ao longo dos anos.

Algum tempo e muitas idas e vindas depois, tive a oportunidade de iniciar o curso de mestrado na Universidade Federal do Ceará e desenvolver uma pesquisa na área da saúde mental. Nesse momento, todas as minhas inquietações com relação à loucura e à assistência prestada às pessoas com sofrimento psíquico voltaram à tona. As dúvidas eram muitas, a insegurança era enorme, mas a vontade de aprender e de acertar era maior ainda. E foi assim que nos dirigimos à equipe de trabalhadores de saúde mental do hospital-dia com nossa primeira proposta.

Na verdade, a idéia inicial era de trabalhar diretamente com os usuários do serviço, entretanto, ao conhecermos melhor o hospital-dia e ouvirmos suas demandas, pareceu mais acertado, naquele momento, iniciar proporcionando um espaço para que os trabalhadores soltassem a voz. A equipe estava vivendo várias dificuldades com relação ao desenvolvimento de sua prática, chegando inclusive a pedir que realizássemos juntos um trabalho onde eles pudessem discutir suas questões.

Dentro da proposta desta pesquisa, o simples fato de ter sido procurada pela equipe tinha uma importância ímpar. Estava me propondo a trabalhar com uma metodologia nova, a sociopoética, cujo princípio número um é o reconhecimento dos sujeitos da pesquisa como co-pesquisadores e a necessidade de valorizar as demandas desse grupo. Sendo assim, guardei com cuidado a proposta de trabalhar junto aos usuários do serviço para que pudesse desenvolvê-la mais tarde, possivelmente durante o doutorado.

Inicialmente, levamos ao grupo-pesquisador² a sugestão de pesquisarmos a produção de subjetividade no hospital-dia. Entretanto, ainda atenta à demanda do grupo, discutimos o tema e acatamos a sugestão de que delimitássemos mais a questão da produção de subjetividade e pesquisássemos o **relacionamento interpessoal na equipe**. Ao perguntar o porquê dessa escolha, obtive como resposta que alguma coisa não estava funcionando e que eles atribuíam isso a problemas de ordem pessoal fazendo, assim, uma espécie de *mea culpa*.

Desenvolvemos com o grupo-pesquisador um total de sete oficinas sociopoéticas. Utilizamos dispositivos baseados na capacidade criativa do tipo artístico, entre eles a técnica dos lugares geo-míticos. Esta técnica foi inicialmente criada por Gauthier e, segundo o autor, foi inspirada pelas culturas indígenas do pacífico, as quais pensam em termos de lugares geomíticos. Gauthier (1999) ressalta que esta é uma forma de organização do pensamento estranha àquelas que os membros do grupo estão acostumados a usar, visando criar um princípio diferente e gerar a expressão da energia imaginativa das pessoas e do grupo.

Foi interessante observar como a viagem pelos lugares geo-míticos foi possibilitando descobrirmos que não eram apenas de ordem pessoal os problemas que incomodavam a equipe naquele momento, embora esta representação culpabilizadora encobrisse tudo aquilo que a equipe enfrentava no seu cotidiano. Aspectos institucionais, sociais, econômicos e pessoais vieram à tona e compuseram um quadro bem diferente daquilo que existia quando começamos.

O reconhecimento da culpabilização a que estava se submetendo; as conseqüências da divisão técnica e social do trabalho; a polarização entre sujeito produtivo e sujeito individual; a escassa oferta de treinamento para as atividades que exercia; a instabilidade muitas vezes provocada pelo contato com a loucura; a transição entre os modelos de atenção em saúde mental e as dificuldades de trabalhar em equipe, quando a formação profissional estimula o individualismo; são algumas descobertas que o grupo fez no decorrer desta viagem, (SILVEIRA, 2000).

Assim, terminada a etapa de construção junto à equipe de trabalhadores de saúde mental, abriu-se um espaço para trazer, também, os usuários deste serviço para a discussão e

² O conceito de grupo-pesquisador é parte do referencial da sociopoética e nos dedicaremos a detalhá-lo no capítulo destinado à metodologia

tentar construir, junto com eles, a sua visão do processo de produção da subjetividade no atual contexto de atenção à saúde mental. Neste estudo, damos continuidade à mesma linha que seguimos durante o mestrado e trabalhamos junto a esse grupo utilizando as ferramentas da sociopoética, valorizando a dimensão criativa e sensível do grupo, os conceitos por ele produzidos, a importância dos sujeitos da pesquisa como co-pesquisadores e, principalmente, a capacidade do corpo produzir conhecimento.

Entendo que este duplo movimento; em direção à valorização dos sujeitos na produção do conhecimento e das possibilidades de realizar esta produção através de outros mecanismos que não se fechem exclusivamente na razão, abre novas perspectivas para o profissional de enfermagem, notadamente para aquele que se dedica à saúde mental. Em primeiro lugar, porque permite aos sujeitos do cuidado apropriar-se de suas questões identificando “seus” mecanismos de desejo e não mais recebendo um cuidado baseado em necessidades preestabelecidas por outrem. Em segundo lugar, porque permite ao profissional de enfermagem resgatar o aspecto artístico (ético-estético) tão preterido em sua prática em função da biologização de todos os processos.

Para que esta construção seja viabilizada, lançaremos mão de uma proposta que nos permita lançar mão de espaços de produção, criando aquilo que Rolnik (1987:06) chama de cartografia. Para a autora, a cartografia difere das formas convencionais de investigação na medida em que não pretende explicar ou revelar nada. Não procura criar mapas, ou seja, estabelecer verdades. *"O mapa delinea o contorno dos territórios tais como foram estabelecidos"*, cobrindo apenas o visível. A cartografia, por outro lado, pretende *"detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles. A cartografia se faz ao mesmo tempo que o território"*.

Desse modo, objetivamos, com este estudo, conhecer a produção de subjetividade da pessoa em sofrimento mental a partir dos sentidos produzidos para as experiências de vida que ficaram marcadas em seus corpos. Sendo assim, para que possamos alcançar este objetivo, entendemos ser necessário, em primeiro lugar, criar espaços que possibilitem esta produção para, em seguida, identificar quais são esses sentidos produzidos com suas respectivas linhas de fuga e territorializações possíveis.

2 DA PRODUÇÃO HISTÓRICA DE UM CORPO LOUCO À POSSIBILIDADE DESSE CORPO PRODUZIR SUA HISTÓRIA

Neste capítulo pretendemos, inicialmente, apresentar como a sociedade ocidental contemporânea produz e aceita como natural uma visão do sofrimento psíquico como sendo objeto de intervenção da ciência, seja ela médica ou de outras práticas “psi”. Nesse paradigma, o sofrimento psíquico recebe o rótulo de “doença mental”, com quadros nosológicos e sintomas claramente delimitados. Desde que o indivíduo padeça de uma doença, é claro que ele vai precisar receber cuidados e intervenções que serão prestadas por aqueles que dominam o conhecimento, dito científico, acerca dessa mente que padece. O objetivo final, ou seja, a cura, pode até ser conceituado de maneiras diferentes, mas, raramente, escapa à noção de (re) adaptação a um mundo do qual ele não faz parte ou se mostra estranho.

Sabemos que essa visão de mundo arvora-se de ser “A Verdadeira” e que já foi assimilada a tal ponto que corremos até mesmo o risco de sermos ridicularizados se tentamos apresentar os fatos numa outra ótica. Entretanto, a história mostra-nos que não é bem assim: loucura; alienação; doença mental; transtorno mental; sofrimento psíquico, nem sempre foram pensadas de modo uniforme, ainda que no mesmo espaço temporal.

Em segundo lugar, pretendemos iniciar a contextualização da nossa proposta neste estudo de possibilitar a produção de sentido para a experiência da loucura a partir do próprio corpo daqueles que, de alguma forma, carregam tatuados na pele as marcas desta história, uma pele que se chama variedade, como diz Serres (2001:56):

Nossa pele poderia ser chamada de variedade, no sentido preciso da topologia: fina folha de pregas e planos, salpicada de acontecimentos e de singularidades, sensível às vizinhanças; discreta quando a perfuram,

constantemente olhos, pan-óptica, mas também contínua quando tatuada, tal como a mulher nua em seu espelho, na realidade compósita como o licorne..

Sendo assim, que lugar seria melhor para mergulharmos nos processos produtivos da subjetividade? É aí, nesse corpo que, embora tatuado a ferro e fogo por tantas histórias vividas, mas que, ao mesmo tempo, não para de criar e recriar o mundo, que entendemos ser possível empreender nossa aventura.

2.1 Produção Histórica da Loucura

Algumas vezes, a experiência com a loucura era até mesmo considerada um privilégio como, por exemplo, durante a Grécia Antiga. De acordo com Pelbart (1989), filósofos como Sócrates e Platão ressaltaram a existência de uma forma de loucura tida como divina. Afirma, inclusive, que os antigos utilizavam a mesma palavra (*manikê*) para designar tanto o "divinatório" como o "delirante". Era através do delírio que alguns privilegiados podiam ter acesso a verdades divinas. Isso não quer dizer que estas pessoas fossem consideradas normais ou iguais, mas que eram portadoras de uma desrazão, apesar de habitar

... a vizinhança do homem e de seu discurso, permitindo um trânsito ritual que não desqualifica nem seu portador nem sua palavra. Ao mesmo tempo, porém, uma distância sem mediação possível: distância inapelável do sagrado, reverência perplexa às forças do mundo, exterioridade da loucura em relação ao sujeito, estranheza da mensagem que ele porta. (...) A loucura não é o Outro do homem (do qual ele possa se assenhorar), mas simplesmente o Outro. (Pelbart, 1989: 42).

A desrazão, segundo Pelbart (1990:133), é entendida como sendo uma dimensão essencial em várias épocas: "a estranheza, a ameaça, a alteridade radical, tudo aquilo que uma sociedade enxerga como sendo seu limite, seu contrário, seu outro, seu além". O autor afirma, ainda, que nem sempre coube ao louco a tarefa de representar a desrazão. Houve épocas em que essa dimensão era percebida na natureza, no sagrado, na arte, entre outros.

Fuganti (1990) diz que Platão dividiu o mundo em dois: mundo das idéias, que constituía um plano divino, mundo das essências, dos modelos superiores, e mundo das aparências, representado pela matéria, pelos corpos sensíveis, sendo esta uma região inferior. A conexão entre estes dois mundos não podia ser feita de qualquer maneira. Era preciso uma

relação especial estabelecida através do desejo, do amor ou do pensamento. Segundo o mesmo autor,

Na Grécia arcaica, a produção da verdade esteve ligada a três tipos de discurso ou de delírios: o do poeta, o do adivinho (ou profeta) e o do rei de justiça (ou sacerdote). É surpreendente e ao mesmo tempo fantástico para nós, acostumados que estamos a opor verdades à loucura, constatar que a verdade para esses gregos era produzida justamente pela loucura. (Fuganti, 1990:22)

Até aqui, existe a concepção do homem como imagem de uma idéia perfeita e infinita, onde reside a verdade, a qual ele tem que se esforçar para atingir. E a loucura é uma dos meios para atingi-la.

Na Antigüidade Clássica, ocorre um corte entre experiência mística e consciência crítica, sendo que, a esta última, passa a ser atribuída a posse da verdade. Foucault (1972:17), em sua fascinante “História da Loucura”, mostra-nos como este corte podia ser percebido através da crescente dissociação entre imagem e escrita observada nesse período. *“Entre o verbo e a imagem, entre aquilo que é figurado pela linguagem e aquilo que é dito pela plástica, a bela unidade começa a se desfazer: Uma única e mesma significação não lhes é imediatamente comum”.*

O autor afirma que, com o fim do simbolismo gótico, a imagem é liberada da sabedoria e da lição que a ordenavam e começa a gravitar ao redor de sua própria loucura, através de uma abundância de significações, de uma multiplicação do sentido por ele mesmo. *“O sentido não é mais lido numa percepção imediata, a figura deixa de falar por si mesma. Entre o saber que a anima e a forma para qual se transpõe, estabelece-se um vazio. Ele está livre para o onirismo”.*(Foucault, 1972:18).

Obras como a “Nau dos Loucos”, a “Tentação de Lisboa” e o “Jardim das Delícias” mostram animais, caras grotescas, pássaros de pescoço alongado e fascinam, encarnando a loucura em forma de tentação, expondo o mundo com tudo que nele existe de impossível, de fantástico, de inumano. Estas imagens, ainda que carregadas de fantasmas, exercem sobre o homem do séc. XV mais poderes de atração do que a realidade. De acordo com Foucault (1972:22),

Quando o homem desdobra o arbitrário de sua loucura, encontra a sombria necessidade do mundo; o animal que assombra seus pensamentos e suas

noites de privação é sua própria natureza, aquela que porá a nu a implacável verdade do inferno.

Por outro lado, na escrita, a loucura atrai mas não fascina. "Tudo nela é uma superfície brilhante: não há imagens ocultas." (Foucault, 1972:23). A loucura é dominada pelo saber e está associada aos pecados da gula, da luxúria e da soberba, desembocando num universo inteiramente moral.

Enquanto Bosh, Brughel e Dürer eram espectadores terrivelmente terrestres, e implicados nessa loucura que viam brotar à sua volta, Erasmo observa-a a uma distância suficiente para estar fora de perigo; Observa-a do alto do seu Olimpo, e se canta seus louvores é porque pode rir dela com o riso inextinguível do deuses. (Foucault, 1972:25)

Assim, essa brecha entre experiência mística e consciência crítica foi aberta durante a Renascença e nunca mais deixou de se abrir, acentuando um vazio entre o trágico e o crítico que nunca mais será preenchido. A loucura já não é mais porta-voz da verdade divina e em pouco tempo passará a ocupar o lugar de representante simbólico do mal.

Até o final da Idade Média, a figura do excluído, do representante do castigo divino, era caracterizada pelo leproso. Com o fim das Cruzadas e a ruptura com os focos orientais de infecção, a lepra retira-se deixando aberto um espaço que vai reivindicar um novo representante. Alguns séculos depois, essas estruturas de exclusão social serão ocupadas pela figura do louco.

No imaginário da Renascença, a forma de excluir o louco era expulsá-lo de suas cidades de origem através de barcos que levavam esses estranhos passageiros, escorraçando-os de cidade em cidade, além de levá-los a uma peregrinação em busca da salvação. Por outro lado, "(...) confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida." (Foucault, 1972: 12)

Apesar de percebermos que desde a Idade Média já existiam mecanismos de exclusão do louco, ainda não é aí que a loucura vai ser percebida como um fenômeno que requeresse um saber específico. Surge a necessidade de um espaço que abrigue o louco, mas não ainda medicalizado. De acordo com Foucault (1972), o início da definição desse espaço foi representado pela fundação do Hospital Geral em Paris, em 1656. Começam a ser criados por toda a Europa

estabelecimentos para internação que não são simplesmente destinados a receber os loucos, mas toda uma série de indivíduos bastante diferentes uns dos outros, pelo menos segundo nossos critérios de percepção: encerram-se os inválidos pobres, os velhos na miséria, os mendigos, os desempregados opiniáticos, os portadores de doenças venéreas, libertinos de toda espécie, pessoas a quem a família e o poder real querem evitar um castigo público, pais de família dissipadores, eclesiásticos em infração, em resumo todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade, dão mostras de alteração. (Foucault, 1972:78).

Como podemos perceber, estes estabelecimentos não se destinavam a tratar estas pessoas, mas, simplesmente, a retirar do convívio social pessoas que não se adaptavam a ele.

Apesar de, desde a Idade Média, já existirem mecanismos de exclusão do louco, ainda não é aí que a loucura vai ser percebida como um fenômeno que requeresse um saber específico. É só o século XVIII que vem, definitivamente, marcar a apreensão do fenômeno da loucura como objeto do saber médico, caracterizando-o como doença mental e, portanto, passível de cura (Foucault, 1972). É o Século das Luzes, onde a razão ocupa um lugar de destaque, pois é através dela que *"o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade social e política"* (Chauí, 1998:48). Ocorre uma valorização do pensamento científico e é em meio a esse contexto que as casas de internamento passam a ser asilos, ou seja, ocorre o surgimento do hospital como espaço terapêutico.

Podemos, inclusive, afirmar que essa foi a primeira reforma psiquiátrica observada na história. Entretanto, deve-se ter cuidado ao imprimir a esse acontecimento uma ótica humanitária e altruísta. Para Foucault (1979:103), essa medicalização do hospital não se deu visando *"...uma ação positiva sobre o doente ou a doença, mas simplesmente uma anulação dos efeitos negativos do hospital"*, pois com o amontoado de pessoas nas casas de internamento, gerou-se uma desordem propícia ao aparecimento de doenças as quais poderiam ser espalhadas para o restante da cidade.

Para garantir seu funcionamento, o modelo hospitalar necessitava da instauração de medidas disciplinares que viessem a garantir a nova ordem. Assim, surge uma arte de delimitação deste espaço físico, pois

"A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório." (Foucault, 1979:106).

Os princípios de vigilância constante e registro contínuo, de forma que nenhum detalhe escapasse a esse saber, são também fundamentais: *"Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares."* (FOUCAULT, 1979:106).

Como instituição total, o hospício institucionaliza, também, as relações lá exercidas, tornando-se um mundo à parte, afastando cada vez mais o indivíduo de suas relações exteriores. O discurso que alimenta esse sistema percebe os loucos como seres perigosos e inconvenientes que, em função de sua "doença", não conseguem conviver de acordo com as normas sociais. Retira-se, então, do louco todo o saber acerca de si próprio e daquilo que seria sua doença, ao mesmo tempo em que se delega ao especialista todo esse saber. Assim, cria-se a polaridade: de um lado, o louco portador de um discurso que é sempre irreal, sintomático de sua patologia; do outro, o médico psiquiatra ou outros profissionais "psi" que podem afirmar a verdade da loucura e dominá-la.

De acordo com Amarante (1995:29), somente no período pós-guerra desponta um cenário propício para o surgimento dos movimentos reformistas da psiquiatria na contemporaneidade. Começam a surgir, em vários países, questionamentos quanto ao modelo hospitalocêntrico, apontando para a necessidade de reformulação.

Alguns destes movimentos, apesar de afirmarem que o hospital precisava de uma reformulação, justificavam a necessidade da existência do mesmo como recurso terapêutico fundamental. Outros colocavam em questão *"... o próprio dispositivo médico psiquiátrico e as instituições e dispositivos terapêuticos a ele relacionados"* (AMARANTE, 1995:29). Entre estes, podemos citar as experiências de Franco Basaglia nas cidades italianas de Gorizia e Trieste, as quais tinham como principal referência a defesa da desinstitucionalização.

De acordo com Rotelli & Amarante (1992), uma importante questão dessa visão da reforma diz respeito ao conceito de "doença mental", o qual vai dar lugar a uma nova forma de perceber a loucura enquanto "existência-sofrimento" do sujeito em relação com o corpo social. Para os autores,

"De doença mental para existência - sofrimento, o fenômeno psíquico deixa de ser um mal obscuro que afeta as pessoas e passa a ser um fenômeno complexo, histórico, em estado de não-equilíbrio. Instrumento de reconstrução da complexidade do fenômeno, a existência-sofrimento"

reorienta o objetivo da psiquiatria, passando da 'cura' para a produção de vida, de sociabilidade, de subjetividades".(ROTELLI e AMARANTE, 1992:52)

A reforma psiquiátrica brasileira encontra-se neste segundo grupo e propõe-se a seguir a visão teórica adotada na reforma italiana. Entretanto, vale ressaltar que o processo histórico de relação com a loucura no Brasil teve peculiaridades que o distinguem bastante daquele observado na Europa, embora, inicialmente, tenhamos copiado de lá a forma de lidar com os loucos, importando, também, os seus mecanismos de poder.

A atenção específica ao doente mental no Brasil teve início com a chegada da Família Real. Amarante (1994) afirma que, em virtude das várias mudanças sociais e econômicas ocorridas e para que se pudesse ordenar o crescimento das cidades e das populações, fez-se necessário o uso de medidas de controle, entre estas, a criação de um espaço que recolhesse das ruas aqueles que ameaçavam a paz e a ordem social.

De acordo com Miranda (1997:85),

"A vinda da Família Real para o Brasil, impõe ao Rio uma classe social até então inexistente. A preocupação com a loucura exposta nas ruas era um tema que interessava a corporação médica, mas que foi gestado e desenvolvido na grande preocupação da Corte com a 'metropolização' das cidades do império."

Inicialmente, essa "limpeza das ruas" era conseguida através da exclusão dos loucos e vagabundos nos porões das Santas Casas de Misericórdia onde o cuidado era prestado por escravos, voluntários e religiosas. Só a partir de 1830 é que se começa a questionar o encarceramento do louco nesses hospitais. Entretanto,

"O repúdio é publicamente dirigido à questão organizacional do hospital: a forma como está estruturado não possibilita o domínio médico sobre a loucura, um alcance sobre ela e a produção de um saber/poder decorrentes" (MIRANDA, 1997:86)

Assim, começa um processo de medicalização do espaço hospitalar seguindo os moldes europeus, que culmina com a criação do primeiro hospício brasileiro em 1852. O Hospício Pedro II, como foi chamado, era subordinado à Igreja e sem caráter médico.

A assistência era prestada por freiras que, segundo Fraga (1989), foram as precursoras da enfermagem no Brasil. Por volta de 1890, com a proclamação da República, o Hospício Pedro II é desvinculado da Santa Casa de Misericórdia e passa, então, a ser dirigido por

médicos. Esta decisão é condizente com a concepção nascente na Europa (e importada pelo Brasil) de que a loucura é uma verdade médica. *"Como qualquer doente, o louco vai precisar de cuidados, apoio, remédios, criando-se sobre ele um corpo de conceitos: a teoria psiquiátrica, que vai passar a instrumentalizar esta prática clínica"* (MIRANDA, 1997:85)

Tendo o hospital psiquiátrico como cenário e o isolamento como principal técnica, o psiquiatra passou a necessitar de um profissional que servisse de vigilante e, ao mesmo tempo, seguisse suas instruções quanto ao tratamento. *"O 'enfermeiro' é um agente situado entre o guarda e o médico do hospício, devendo estabelecer entre aquele e o doente a corrente do olhar vigilante"* (MIRANDA, 1997:88). Assim, no ano de 1890 foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras visando sistematizar a formação de enfermeiros para atuarem no espaço asilar.

Percebemos, então, o enfermeiro psiquiátrico assimilando acriticamente o discurso médico, legitimando-o enquanto saber hegemônico. O surgimento dessa categoria profissional aqui no Brasil deu-se, de acordo com Miranda (1997), como instrumento de efetivação do poder médico sobre a loucura. Para levar a cabo a tarefa de vigiar e punir fez-se necessário a presença de um profissional que estivesse em contato permanente com o louco, pois a vigilância contínua e o registro periódico são as principais estratégias de funcionamento desse poder, e o enfermeiro, o perfeito executor dessas atividades. Para a autora,

Toda a violência e agressividade do hospício são descontadas na conta do desempenho agressivo e violento do enfermeiro, a quem cabe por herança secular o serviço sujo das pequenas e cotidianas atrocidades do espaço asilar: amarrar, conter, gritar, ofender, impor-se pela robustez física, proibir, aplicar medidas terapêuticas psiquiátricas prescritas, tudo em nome da pseudo ordem do hospital. (MIRANDA, 1997: 91)

O saber da enfermagem dentro desse processo esteve sempre subordinado a algum poder hegemônico: à Igreja no período monárquico e ao poder médico no período republicano. Em ambas as situações, a assistência esteve orientada pelos mesmos princípios de exclusão social.

Vários autores têm feito referência ao papel do enfermeiro enquanto representante dos interesses da instituição de assistência, em detrimento de uma atenção que vise realmente o bem estar do paciente (ALMEIDA e ROCHA, 1989; MARTINS, 1987; SILVA, 1986).

Num país subdesenvolvido, com um modelo de assistência à saúde centrado na prática curativa, individual e assistencialista, foi fácil transformar a doença mental em uma mercadoria bastante rentável (AMARANTE, 1994).

Ao se associar a lógica do capital (lucro), à lógica do modelo manicomial (poder disciplinar), não fica difícil perceber que a "assistência" limitava-se ao mínimo que fosse preciso para manter os loucos sob dominação sem precisar gastar muito. Na década de 70, não suportando a busca desenfreada pelo lucro dos empresários da saúde, a previdência social entra em crise, mostrando a ineficiência deste modelo e apontando para a necessidade de reformulação, abrindo espaço para o questionamento do modelo de assistência à saúde.

Vale ressaltar que estes questionamentos vieram à tona em meio a um quadro sócio-político e econômico específico, caracterizado pelo fim do "milagre econômico". Ocorre uma abertura lenta e gradual, após anos de ditadura, que permite a entrada em cena de novos atores políticos, dando vez à manifestação das *críticas e denúncias dos trabalhadores de saúde mental e outros setores da sociedade civil sobre a violência contra os pacientes, o abandono do qual estes são objeto e as precárias condições de 'assistência' dos hospitais psiquiátricos.* (AGUIAR, 1995:26)

É importante destacar a eclosão do movimento dos trabalhadores da Divisão Nacional de Saúde Mental, no Rio de Janeiro, o qual teve grande repercussão, influenciando a estruturação de movimentos de trabalhadores de saúde mental em vários pontos do país.

Em continuidade a esse processo, foram realizadas em 1987 e 1992, Conferências Nacionais de Saúde Mental, as quais possibilitaram a delimitação dos objetivos da reforma psiquiátrica brasileira atual. Esta tem como principal referência a experiência Italiana e as idéias de desinstitucionalização de Franco Basaglia. Visando à superação do modelo hospitalocêntrico, são propostos serviços substitutivos para a atenção à pessoa em sofrimento mental. Entre as estruturas propostas podemos citar: os centros de atenção psicossocial, os hospitais-dia, as pensões protegidas, a criação de leitos psiquiátricos em hospitais gerais para pacientes em crise e o atendimento ambulatorial onde são prestados cuidados de emergência e avaliada a situação do doente.

Com base nesse novo modelo, o relatório final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental divulga como marcos conceituais norteadores da assistência em saúde mental, o

respeito à cidadania e à atenção integral, onde o processo saúde/doença mental seja *entendido a partir de uma perspectiva contextualizada, onde qualidade e modo de vida são determinantes para a compreensão do sujeito, sendo de importância fundamental vincular o conceito de saúde ao exercício da cidadania, respeitando - se as diferenças e as diversidades.* (BRASIL, 1994:11)

O conceito de atenção integral expressa que a complexidade das questões que envolvem o campo da saúde mental exige a construção coletiva das práticas e saberes cotidianos, o que veio a pôr em evidência novos saberes na área da saúde mental como o de terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais, etc., definindo, assim, a equipe de saúde como multiprofissional, integrada e articulada com outros setores da sociedade.

Posteriormente, foi realizada em 2001 a III Conferência Nacional de Saúde Mental, a qual teve como preocupações principais a avaliação do processo de reforma psiquiátrica e a proposição de novos caminhos para sua efetivação.

Ao nível legislativo, surgiu a necessidade de modificar a arcaica legislação vigente baseada no Decreto Lei n. ° 24.599 de 03 de julho de 1934. Assim, em 1989, é apresentado o Projeto de Lei 3.657-A/89 do Deputado Paulo Delgado (PT-MG) que dispõe sobre a extinção progressiva dos manicômios prevendo sua substituição por serviços alternativos. Em março de 2001, o plenário aprovou, por unanimidade, um substitutivo a este projeto que, embora com algumas divergências em relação ao projeto original, representou um avanço na proteção dos direitos de cidadania da pessoa em sofrimento mental.

Na prática, o que se tem observado é a dificuldade de implantação das propostas da reforma psiquiátrica. Entendemos que esta dificuldade está associada, entre outras coisas, principalmente à falta de decisão política de alguns gestores públicos; às resistências por parte dos donos de hospitais, que não querem perder um negócio lucrativo, da família que teme assumir um fardo antes entregue aos hospitais e até da comunidade, que prefere esconder a enfrentar a loucura.

Diante desse quadro, é importante que todos nós, profissionais ligados à saúde mental, estejamos atentos ao processo de implantação da reforma psiquiátrica no Brasil, inclusive criticando diariamente nossa prática, para evitar que, assim como ocorreu na implantação do modelo hospitalocêntrico, a reforma psiquiátrica contemporânea não seja, também,

desvirtuada. Para isso, precisamos saber como a reforma está sendo vivenciada *in loco*, bem como conhecer as mudanças macro e micro políticas que têm sido suscitadas nesse processo.

Como pudemos perceber, a história da loucura, aquela que ficou registrada em livros e documentos históricos, tem muito a nos dizer sobre como se deu a construção da forma como percebemos e nos relacionamos com essa estranheza, com este Outro que algumas vezes está até mesmo dentro de nós. Entretanto, acreditamos que, além da razão, outros registros, talvez menos perceptíveis ao nosso olho impregnado de racionalismos e cientificismos, também foram se fazendo e ainda estão sendo.

2.2 O Corpo como Produtor de conhecimento

O corpo também produz conhecimento. É no mínimo estranha a afirmação anterior, não é mesmo? Há séculos a ciência tem defendido que a produção do conhecimento dá-se através de processos mentais, notadamente através da razão. Entretanto, esta “verdade”, como tantas outras que o homem já produziu, não é um dado natural como pode parecer. Pelo contrário, é uma crença historicamente produzida e, como tal, merece, se não ser desacreditada, pelo menos ser analisada com mais cuidado. Detenhamo-nos um pouco no processo de produção do primado da razão sobre o corpo e então poderemos entender melhor a afirmação que fizemos no início deste texto.

O corpo humano tem sido objeto de estudo das mais variadas áreas do conhecimento: o corpo biológico, das ciências da saúde; o corpo história, dos antropólogos; o corpo vida, dos filósofos, etc. Cada um com suas crenças, seus conceitos e suas práticas com relação a ele. Além disso, não precisamos, logicamente, de uma formação específica para saber o que é um corpo: cada um de nós que fala, alimenta-se, move-se, diverte-se, sofre e goza, embora não teorize sobre ele, sabe o que é um corpo. Mas será que sempre foi assim? Será que a forma como percebemos hoje nosso corpo é a mesma como nossos antepassados o fizeram?

Para responder a estes questionamentos, proponho um passeio por duas trilhas diferentes, mas que, em certo ponto, confluem. A primeira tem como guia Luiz Orlandi (2002) e seu texto “corporeidades em minidesfile”, no qual o autor propõe seis grandes linhas de indagação epistemológica com relação à conceituação de corpo. Na segunda, de natureza

histórico-antropológica, seremos ciceroneados por José Carlos Rodrigues (2000) e sua obra “O corpo na história”, onde é proposta uma aproximação do corpo contemporâneo através de sua confrontação com seu outro mais radical, ou seja, o corpo medieval. Sempre que se fizer necessário outros autores serão convidados a participar do nosso passeio.

Se meu convite para esta aventura sobre o corpo parece interessante, podemos começar. Mas antes, gostaria de avisar-lhes para não esperarem um passeio turístico, por lugares-comuns, com todas as garantias asseguradas. Preparem-se antes para uma aventura no melhor estilo *trekking*³, cheio de altos e baixos, incertezas, mas também de muitas descobertas interessantes. O ato de pensar entendido como uma viagem sem sair do lugar que, como diz Deleuze, pode ser perigoso. Perigoso porque destitui verdades, porque nos força a refazermos, nós mesmos, a nossa noção de “corpo”.

Dirijamo-nos, então, ao nosso ponto de partida. Atenas, por volta de 367 a.C., onde o filósofo Aristóteles conceituava o corpo como aquilo “que tem extensão em toda direção”. Segundo Orlandi (2002), esta maneira de perceber o corpo faz com que Aristóteles se aproxime da linha de indagação que vê o corpo como **estrito objeto da ciência, seja como coisa física ou algo orgânico**. Como nossa aventura não é, de maneira alguma, linear, podemos realizar saltos e ir até Descartes para ouvirmos sua descrição do corpo como “substância extensa em comprimento, largura e profundidade”. Nesta mesma linha, encontramos ainda o pensamento de Leibniz, segundo o qual a noção de corpo implica a de ação, e também o pensamento de Newton, que leva a noção de corpo para perto da noção de massa. Para o mesmo autor, apesar das diferenças que separam estes filósofos, a grande linha

³ O verbo *trekken* tem sua origem na língua africâner e significava migrar. Possuía uma conotação de sofrimento e resistência física, numa época em que a única forma de se locomover de um ponto a outro era caminhando. Quando os britânicos invadiram a região e estabeleceram seu domínio político na África, a palavra foi absorvida pela língua inglesa e passou a designar as longas e difíceis caminhadas realizadas pelos exploradores em direção ao interior do continente, especialmente na busca de novas descobertas, como a nascente do Nilo e as neves do Kilimanjaro. A seguir chegaram os aventureiros em busca de fortes emoções, normalmente encontradas em regiões distantes e de difícil acesso, só atingidas após longas caminhadas em terrenos acidentados. Estes eram os novos trekkers. Atualmente utilizamos a palavra também em português, significando caminhadas em trilhas naturais em busca de lugares interessantes para se conhecer.

(www.equipercara.hpg.ig.com.br/oqueetrekking.htm)

que perpassa todos eles é esta visão funcional do corpo, que tenta apreendê-lo pelas funções que implica ou é implicado.

Na segunda parada de nossa viagem voltamos à Grécia Antiga. Desta vez para vermos como Platão percebia o corpo como “a prisão ou o túmulo da alma”. Ou seja, nesta linha de indagação, o que está presente é a noção do **corpo como um mero instrumento da alma**. Esta posição não foi completamente abandonada pelo racionalismo cartesiano. Este pensamento, pelo contrário, veio para afirmar a dualidade corpo/alma e a necessidade de se colocar o corpo a serviço da razão e da moralidade (ORLANDI, 2002).

O próximo passo que o mesmo autor nos convida a dar é por uma linha que diverge profundamente da anterior. Aqui o corpo é visto como **uma questão que se impõe às variações de todo e qualquer modo de pensar**. Ou seja, o corpo não é instrumento, posto que a alma se encontra numa posição de ignorância quanto aos poderes que o corpo possui. Nessa vertente encontramos o pensamento de Espinoza que, segundo Deleuze (2002), propõe aos filósofos a adoção do corpo como modelo. Entretanto, a proposta de Espinoza, ao negar a supremacia da alma, não é a de instaurar uma superioridade do corpo, mas sim a de pensar esta relação como um paralelismo:

A significação prática do paralelismo aparece na inversão do princípio tradicional em que se fundava a Moral como empreendimento de dominação das paixões pela consciência: quando o corpo agia, a alma padecia, dizia-se, e a alma não atuava sem que o corpo padecesse por sua vez (...) Segundo a Ética, ao contrário, o que é ação na alma é também necessariamente ação no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma. Nenhuma preeminência, pois, de uma série sobre a outra. (DELEUZE, 2002:24)

Orlandi (2002) afirma que, ainda na mesma linha, encontramos o pensamento de Nietzsche, só que de forma mais radical: *Aos que desprezam o corpo quero dar o meu parecer. O que devem fazer não é mudar de preceito, mas simplesmente despedirem-se de seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos (NIETZSCHE, 1999:41).*

Seguindo nossa viagem rumo à contemporaneidade, Orlandi (2002) aponta-nos, agora, uma vertente que aborda **a experiência fenomenológica do corpo**, na qual passeiam pensadores como Husserl, Sartre e Merleau-Ponty, entre outros. Para o autor, essa forma de pensar percebe o corpo como o lugar complexo de nosso embate com o mundo. Dentro dessa linha, proliferam muitas outras micro-linhas como a da Gestalt, segundo a qual o todo é mais

do que a soma das partes e, sendo assim, a apreensão do corpo implica a percepção de toda a complexidade do seu comportamento.

A próxima linha é aquela referente ao **corpo procurando saída em meio a saberes e poderes**. Aqui somos chamados a modificar as lentes com as quais nos aproximamos do corpo e não mais questionaremos sobre as forças próprias do corpo. A pergunta agora vai recair sobre as configurações espaço-temporais de saberes e poderes e na forma como tentam moldar um corpo específico para cada uma delas por um processo de subjetivação. Assim, temos a relação consigo dos gregos, que envolve o corpo e seus prazeres, ou a dos cristãos, que abrange a carne e seus desejos. Cada uma dessas configurações tem seus saberes e poderes característicos e suas formações subjetivas também características. Deleuze afirma:

O que é preciso colocar, então, é que a subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego se tornar uma lembrança bem longínqua. Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não para de renascer, em outros lugares e em outras formas. (DELEUZE, 1988:111)

Há ainda uma última linha proposta por Orlandi (2002), mas esta ainda guardaremos um pouco, pois é sobre ela que iremos deslizar a maior parte deste trabalho.

Chegando a este ponto de nosso trajeto, já podemos perceber que a problematização do corpo não é apenas biológica, física e estética. Questionar o corpo é, acima de tudo, questionar como nos constituímos o que somos. Afinal, como se deu a produção desta forma corpo-indivíduo que vestimos hoje?

Para encontrar respostas a essa pergunta, convido o leitor a retomarmos nosso passeio, agora seguindo a trilha das idéias de Rodrigues (1999). Nosso ponto de partida é especificamente a época chamada de Idade Média. Segundo o autor, esta fase da história humana, geralmente descrita como o período “obscuro”, assumiu no imaginário da modernidade e da contemporaneidade o papel de tudo aquilo que negamos, e a subjetividade medieval passa a configurar esse “outro” contra o qual fomos definindo as nossas subjetividades atuais. Daí a importância de iniciarmos a partir desse ponto e não de um outro qualquer; o que diz o corpo contemporâneo está intimamente relacionado com o que não se quer mais dizer do corpo medieval.

A chave para compreendermos o corpo medieval e como ele se tornou o corpo da contemporaneidade está exatamente nas sensibilidades – auditiva, tátil, olfativa, visual e gustativa – que podem ser lidas nas entrelinhas da história:

“À vida coletiva é possível de se captar por intermédio dos empregos que os homens fazem de seus ouvidos, narizes, olhos, bocas, peles ... Mas, ao mesmo tempo, esses órgãos e sentidos correspondentes não existem de modo meramente orgânico, como absolutos a-históricos, devendo sempre ser considerados no âmbito da trama de relações sociais que lhes atribuem sentido” (Rodrigues, 1999: 177).

Os medievos eram detentores de uma intensa sensibilidade com relação ao universo que habitavam. Começamos com a audição e ouçamos o que ela tem a nos dizer. Como a invenção de uma escrita sistematizada já existia há muito tempo, não podemos pensar a sociedade medieva em termos de uma binarização entre oralidade e escrita, mas sim como uma variedade de meios que interagem afetando as formas de comunicação. Mesmo assim, vale lembrar que a cultura ocidental da Idade Média foi, durante muito tempo, fortemente marcada pela oralidade

Para que possamos entender melhor quais as influências da oralidade na sociedade medieval, recorramos às discussões de Goody (1987) na sua obra *The Interface Between the Written and Oral*. Segundo o autor, apesar de não podermos estabelecer um paralelismo entre as culturas da escrita e as culturas da oralidade, é possível destacar algumas singularidades dentro da complexa inter-relação entre as mesmas. Um dos pontos mais relevantes que podemos apontar é aquele que diz respeito à relação entre crença sobrenatural e ceticismo e ao elemento que, de acordo com Goody (1987:69), vai possibilitar a distinção ente os dois, que é exatamente o registro escrito:

In oral memory the many misses tend to get forgotten in favour of the occasional hits: this is the memory of the gambler who recalls his wins more frequently than his losses. It is the systematic recording (or even the possibilite of so doing) rather than an initial attitude of mind that allows us to be ‘generally sceptical’⁴.

⁴ Na memória oral os vários erros tendem a ser esquecidos em favor dos acertos ocasionais: esta é a memória do jogador que recorda suas vitórias mais frequentemente que suas perdas. É o registro sistemático (ou até mesmo a possibilidade de fazê-lo) em lugar de uma atitude inicial de lembrar que nos permite ser geralmente cético!

Mesmo que os fatos possam ser observados sistematicamente, o sentido atribuído à experiência nas culturas orais tende a ser aquele que melhor atende ao ponto de vista do observador, enquanto que, na cultura da escrita, a possibilidade de registrar os fatos e compará-los leva mais freqüentemente a um processo de comparação, análise e posterior atribuição de causalidade. Sendo assim, o terreno da oralidade torna-se fértil ao fortalecimento da fé no sobrenatural e à propagação de lendas que multiplicam as possibilidades de sentido, conferindo à categoria universal de “verdade” um peso muito menor que aquele atribuído na cultura escrita e possibilitando a recriação do “fato” a cada enunciação.

Com relação ao tato, as disparidades entre o homem medieval e o contemporâneo não são menores. De acordo com Rodrigues (1999:84), o relacionamento corporal na Idade Média caracterizava-se pela profusão dos contatos. Era um tempo “*de um corpo expansivo, indisciplinado, transbordante*”. A pele não tinha função de conter, segurar:

Era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Era o corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre. Não era um corpo contido pela musculatura. (...) Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individua (RODRIGUES, 1999: 84)

Ou seja, a pele não era, assim como entendemos hoje, o duro invólucro de um “indivíduo”. A própria noção de individualidade ainda não fazia sentido na Idade Média, pois a percepção do homem como unidade indivisível é completamente incompatível com a sensibilidade medieva; vias públicas que adentram as casas particulares; casas sem portas e sem divisão entre os cômodos; espaços onde se reuniam familiares, amigos e viajantes, tanto para conversar, como para comer ou dormir. A regra é a continuidade, a fluidez.

O paladar medieval também era afetado de maneira bem diferente que o nosso. Considerava-se, por exemplo, apetitoso, o animal servido inteiro à mesa, ainda com cabeça, olhos e vísceras para ser destrinchado pelos convivas. Esses, na verdade, eram muito mais freqüentes do que se possa imaginar: a hospitalidade era uma forte característica do homem medieval, tanto o camponês como o nobre. Em torno de grandes mesas realizavam-se as refeições medievais. A faca era o talher mais utilizado, a mesma que servia para cortar folhas, madeira e até mesmo matar. Os pedaços eram cortados e levados diretamente à boca ou

Mesmo que os fatos possam ser observados sistematicamente, o sentido atribuído à experiência nas culturas orais tende a ser aquele que melhor atende ao ponto de vista do observador, enquanto que, na cultura da escrita, a possibilidade de registrar os fatos e compará-los leva mais freqüentemente a um processo de comparação, análise e posterior atribuição de causalidade. Sendo assim, o terreno da oralidade torna-se fértil ao fortalecimento da fé no sobrenatural e à propagação de lendas que multiplicam as possibilidades de sentido, conferindo à categoria universal de “verdade” um peso muito menor que aquele atribuído na cultura escrita e possibilitando a recriação do “fato” a cada enunciação.

Com relação ao tato, as disparidades entre o homem medieval e o contemporâneo não são menores. De acordo com Rodrigues (1999:84), o relacionamento corporal na Idade Média caracterizava-se pela profusão dos contatos. Era um tempo “*de um corpo expansivo, indisciplinado, transbordante*”. A pele não tinha função de conter, segurar:

Era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito. Era o corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre. Não era um corpo contido pela musculatura. (...) Nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual (RODRIGUES, 1999: 84)

Ou seja, a pele não era, assim como entendemos hoje, o duro invólucro de um “indivíduo”. A própria noção de individualidade ainda não fazia sentido na Idade Média, pois a percepção do homem como unidade indivisível é completamente incompatível com a sensibilidade medieva; vias públicas que adentram as casas particulares; casas sem portas e sem divisão entre os cômodos; espaços onde se reuniam familiares, amigos e viajantes, tanto para conversar, como para comer ou dormir. A regra é a continuidade, a fluidez.

O paladar medieval também era afetado de maneira bem diferente que o nosso. Considerava-se, por exemplo, apetitoso, o animal servido inteiro à mesa, ainda com cabeça, olhos e vísceras para ser destrinchado pelos convivas. Esses, na verdade, eram muito mais freqüentes do que se possa imaginar: a hospitalidade era uma forte característica do homem medieval, tanto o camponês como o nobre. Em torno de grandes mesas realizavam-se as refeições medievais. A faca era o talher mais utilizado, a mesma que servia para cortar folhas, madeira e até mesmo matar. Os pedaços eram cortados e levados diretamente à boca ou

servidos em travessas coletivas, sem a menor restrição ou princípios de higiene (RODRIGUES, 1999).

E quanto ao olfato, que histórias tem a exalar? Na Idade Média, com certeza, muitas. Num ambiente ainda virgem de práticas higienistas e sanitaristas, o orgânico em decomposição habita livremente as ruas, as casas e os corpos. Dejetos são despejados em qualquer lugar e os banhos não são muito frequentes, inclusive nas cortes onde reis e rainhas conviviam pacificamente com o mau cheiro:

“O castelo de Versalhes – um dos mais belos da Europa – tinha seus corredores e escadas fedendo a urina e a excrementos de seus nobres moradores. Nele a água só tinha função decorativa na forma de lagos, fontes e repuxos nos belos jardins.” (DEL PRIORE, 2001)

Os animais passeiam livremente pelos mesmos espaços que os seres humanos, sendo que, os diminutos parasitas são hóspedes habituais de cabelos e pêlos. O final do século XVII, entretanto, já começa a sentir os efeitos da nova ordem que passaria a vigorar daí em diante. Para que o “Século das Luzes”, que viria a seguir, pudesse imprimir todo o seu destaque para a razão, o pensamento científico, a medicina, é preciso que haja uma reorganização do espaço urbano, acompanhada, logicamente, de uma higienização deste espaço.

O objetivo era o de limpar tudo o que ameaçasse os sonhos de prosperidade e acumulação de riquezas que a nova era proclamava. Foi assim que loucos, doentes, mendigos e dejetos orgânicos passaram a ser vistos como inconvenientes e a sua pronta remoção das ruas fazia-se necessária. Criam-se espaços bem afastados dos centros urbanos para acomodar o indesejável: manicômios para dejetos sociais e depósitos para o lixo. A palavra “limpo” passa a adquirir uma conotação moral e a limpeza exterior passa a significar também limpeza da alma e a higiene passa a justificar uma exclusão social pelo medo de se misturar às classes subalternas. (RODRIGUES, 1999)

Vai se constituindo assim um olfato característico da modernidade onde,

A nova sensibilidade não somente exigirá uma grande atenção para conter e aprisionar os próprios cheiros, toques, temperaturas, etc.: acima de tudo, ela não mais admitirá que o odor do outro invada nosso território individual, estabelecendo doravante, quanto a isso, os mais sérios tabus. (RODRIGUES, 1999:148)

Mas as mudanças ocorridas no final do século XVII e início do século XVIII não dizem respeito apenas à questão da higiene e da urbanização. Pelo contrário. O que se vê acontecer a partir daí é a configuração de um outro estrato de saberes, de uma outra estratégia de poderes e, conseqüentemente, uma nova dobra de subjetivação. O que antes era marcado pela contigüidade, passa a ser, agora, segmentaridade. Rodrigues (1999) mostra como isso se deu através da separação entre um mundo terreno e um mundo divino. O autor refere que,

a partir de certo momento, mas não de modo imediato, plenamente convicto e sem resistências, um número cada vez maior de homens passou a sentir ou imaginar que existe uma lógica das coisas deste mundo e que esta não coincide com a dos assuntos celestiais. A antiga imbricação entre o imanente e o transcendente deu lugar a uma espécie de cisão (RODRIGUES, 1999:148)

Deleuze (1998:134) mostra como Foucault abordou este corte referindo a transposição entre o que chamou de forma-Deus e forma-Homem. A forma-Deus, característica do pensamento clássico, tinha como marca principal sua maneira de pensar o infinito:

Assim na formação histórica clássica as forças do homem entram em relação com forças de fora de tal modo que o composto é a forma-Deus, nunca uma forma-Homem. Esse é o mundo da representação infinita.

Sob a égide dessa forma-Deus, as relações são percebidas como contigüidade e o pensamento é sempre remetido, de alguma forma, ao transcendente. Segundo o autor, o corte ocorre exatamente porque as forças do homem passam a entrar em contato com um novo tipo de forças de fora e essas agora são forças de finitude: a Vida, o Trabalho, A Linguagem. O resultado desse encontro vai ser, então, a forma-Homem cuja principal característica é a segmentarização e a dicotomização: entre humano e transcendente, entre objetivo e subjetivo, entre verdadeiro e falso, entre o público e o privado, e assim por diante.

De acordo com Rodrigues (1999), em decorrência desta nova ordem é que veremos surgir o corpo-ferramenta e o corpo propriedade privada tão caros ao capitalismo que se instauraria um pouco mais tarde. Para o autor, é deste corpo que o capitalista irá se apropriar para, valendo-se dele, fazer-se proprietário das demais ferramentas. Esta apropriação será, na verdade, a garantia para a própria manutenção do capitalismo como sistema hegemônico.

Através de gradativas e sucessivas separações, foi sendo elaborado o que conhecemos hoje como “indivíduo”, onde a noção de propriedade passa a ser aplicada inclusive na relação do homem consigo. No imaginário do capitalismo o indivíduo é o dono de uma intimidade, de uma biografia:

é ele quem decide seu destino; é ele quem pode tudo salvar ou tudo por a perder; é ele enfim, que pode fazer e desfazer a sua vida. Claro que essas crenças configuram uma fantástica ilusão. Mas não podemos esquecer que é exatamente sobre essa ilusão de propriedade de si, de posse do próprio corpo e da própria vida que o capitalismo se funda. A propriedade privada de si constitui o mito de fundação do capitalismo. Cada um dono de si. De sua iniciativa. Proprietário particular de sua vida. De seu corpo. Cada um pode alugar sua força de trabalho. Vendê-la no mercado. Ter interesses privados. Em contrapartida, cada ser humano torna-se responsável por si (RODRIGUES, 1999:127).

Cada um por si e Deus contra todos. Cada vez menos a forma-Deus vai ser capaz de fornecer respostas. As conseqüências dessa individualização exacerbada nós conhecemos no nosso próprio corpo, que experimenta a síndrome do pânico; em nossas casas, que se transformaram em prisões privadas com grades e cercas por todos os lados; em nossas relações com o próximo, que vai ficando a cada dia menos próximo.

Estamos agora perto do final de nossa viagem, mas antes, convido-os a fazer uma última parada. Gostaria de levá-los a visitar um pedaço de espaço-tempo que compõe uma linha a qual posso mesmo chamar de **minha casa, meu corpo** e corpo de tantos outros brasileiros e brasileiras. Um território onde a história do corpo se deu com certas particularidades, marcada, literalmente, a ferro e fogo durante anos de exploração que, infelizmente, permanece até os nossos dias.

O espaço é este pedaço de terra chamado Brasil, mas que também poderia se chamar Moçambique, Angola, Uruguai, Paraguai, ou tantas outras nações, vítimas do colonialismo, que se viram espoliadas, não só em seus recursos materiais, mas, principalmente, na sua condição humana, em seus valores culturais. O tempo pode ser o ano de 1500, o qual tão descaradamente fomos ensinados a chamar “o ano do descobrimento”. Mas também pode ser

o ano de 2003, onde, em nome da manutenção de um sistema capitalista com face de imperialismo, milhares de brasileiros vivem abaixo da linha de pobreza.

Os corpos que habitam este espaço – tempo de maneira alguma são eugênicos, puros e bem delimitados. Ao contrário, são corpos miscigenados, que trazem no sangue, sim, a segmentarização burguesa européia, mas trazem também a carne negra dilacerada, arrancada de sua terra e destituída de qualquer possibilidade de reclamar uma identidade. Como pensar a composição de uma forma-homem e de um processo de individualização num corpo que há muito perdeu o reconhecimento, até mesmo de sua condição humana? Esse corpo mestiço traz, também, impregnados em sua história, os fluidos e humores índios, primeiros habitantes de uma terra, mas que, nem por isso, mantinham com ela uma relação de propriedade, e sim, de continuidade. Estes também se viram repentinamente confrontados com uma corporalidade a qual, definitivamente, não estavam acostumados: corpo ferramenta de trabalho, terra explorada até a exaustão. Vale ressaltar, também, que apesar da exploração, estes são corpos que não se entregaram e nem se entregam, que resistiram e ainda resistem e que seguem, nessa mistura de luta e de dança, tentando construir seu corpo mestiço.

Após termos percorrido todo este percurso em nosso passeio, podemos entrar na sexta linha de indagação sobre o corpo que nos propõe Orlandi (2002), a qual é chamada pelo autor de **Corpos sem órgãos no intensivo dos encontros**. Por que deixamos para só agora falar sobre esta linha? Porque, apesar do “indivíduo”, o corpo sem órgãos não para de agir. DELEUZE e GUATTARI (1996:09) já nos informam isso logo no início de seu texto “Como criar para si um corpo sem órgãos”: *De todo modo você tem um (ou vários), não por que ele preexistia ou seja dado inteiramente feito – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo*. É como se os autores nos avisassem para não darmos toda a importância aos estratos. O indivíduo, o organismo, a significação, tudo isto não para de nos apreender, mas o corpo sem órgãos ocorre sempre, “apesar de”.

Para entendermos melhor o que é um Corpo sem órgãos temos que nos deter um pouco na forma deleuze-guattariana de conceber o desejo. Orlandi (2002) afirma que o corpo sem órgãos é a imantação de uma linha de fuga. O que o autor quer dizer com isso? Em primeiro lugar, precisamos saber que quando os autores falam em “desejo” estão

desvinculando-o de qualquer ligação com "falta". Ao desejo não falta nada, ele é pura produção. Como se dá essa produção?

O início dessa produção dá-se nos encontros (mesmo que seja um encontro solitário), dos contatos entre os corpos. Não apenas corpos humanos, mas de linguagens, saberes e percepções. Desses contatos surgem os afetos, intensidades ou forças desejanter. Para Deleuze (1998:73),

os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto e superior (alegria)".

Para que os afetos se expressem, criamos delimitações, territórios. Estes, por sua vez, são temporários, porque o contato com outros corpos gera novos afetos que não se encaixam nesses territórios criando, então, linhas de fuga. Sendo assim, uma linha de fuga é uma desterritorialização e os Corpos sem Órgãos são a imantação destas linhas de fuga, são esse espaço entre o desterritorializado e o território. Estão antes do organismo, antes da formação dos estratos, mas já trazem consigo a potência de criar.

Outro ponto fundamental é que não basta saber o que é o Corpo sem Órgãos, é preciso saber também como criar um para si. Como dissemos no início, ele vai se formar quer queiramos ou não. A arte dessa prática está, exatamente, em saber criar aqueles que irão aumentar nossa potência e não apenas aqueles que nos estratificam: *Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide.* (DELEUZE e GUATTARI, 1996:11)

Segundo os mesmos autores, nós podemos identificar três formações que nos territorializam, que nos estratificam. São eles: o organismo, a significância e a subjetivação:

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significativo e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo. (Deleuze e Guattari, 1996:22)

Onde se lê “*vagabundo*”, podemos também entender louco, drogado, homossexual, criança de rua, ou tantos outros corpos e não corpos que o pensamento ocidental-branco-machista não consegue suportar e, por isso mesmo, tenta a todo custo reterritorializar em pedaços mais assimiláveis através das instituições que mantêm: psiquiatria, mídiatização, escola, igreja, entre outras.

A tarefa do corpo sem órgãos será a de se opor a estas estratificações. Mas cuidado! Não se pode simplesmente desestratificar tudo e montar numa linha de fuga infinitamente imantada por um corpo sem órgãos que nunca se atualiza. Aí os autores sacam a palavra chave: Prudência. Não é preciso sabedoria, mas, sim, prudência para saber experimentar, sacudir, balançar levemente os estratos para, como num caleidoscópio, forçá-los a assumir novas configurações sem, no entanto, quebrar o brinquedo:

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. (DELEUZE E GUATTARI, 1996:23)

É assim que terminamos nossa viagem, voltando ao que afirmamos no início do texto: O corpo também produz conhecimento, o corpo como produção de sentido. Retomaremos a questão da produção no capítulo referente à metodologia quando procuraremos abordar este processo e suas conexões com a Sociopoética.

Entretanto, deixamos desde já um convite para uma nova viagem, só que desta vez nosso itinerário vai mudar. Ao invés de conhecermos o corpo através dos textos e idéias de tantos teóricos, filósofos e pensadores que o abordaram, iremos dar início a uma odisséia onde o transporte são nossos próprios olhos, ouvidos, narizes e bocas, ou seja, uma viagem de pele.

3 SOCIOPOÉTICA E ESQUIZOANÁLISE: A MÁQUINA DE PESQUISAR

A proposta deste estudo diz respeito a uma tentativa de fugir ao cientificismo tradicional, baseado em leis rígidas e na busca por uma verdade universal, em proveito de uma forma de se aproximar do mundo que valoriza, além da razão, outras ferramentas que são da ordem dos sentidos. Nesse primeiro momento, quando falamos em sentido, estamos nos referindo ao que de mais primitivo essa palavra pode ter, ou seja, aqueles canais de comunicação com o mundo: o tato, a visão, a audição, o olfato e o paladar. Trabalhando com estes elementos, buscamos realizar uma espécie de alquimia e construir um discurso estético. É esta construção que procuramos expor na primeira parte deste capítulo.

Entretanto, antes de aprofundarmos uma discussão sobre o corpo e suas produções, entendemos ser importante explorar com mais detalhes como pretendemos encaminhar teórico-metodologicamente a nossa proposta. Esta preocupação surge neste momento, pois entendemos que trabalhar com a produção estética, ainda mais fazendo uso de um instrumento institucionalizado pela prática acadêmico-científica, como o é uma tese de doutorado, não significa agir sem nenhuma espécie de rigor. Ele existe sim. Talvez o que mude aqui seja o foco para o qual este rigor está direcionado, pois, ao invés de uma dívida para com A Verdade, assumimos, antes, um compromisso com a criação de um espaço para a produção de sentidos. Agora, quando falamos em sentido, já não estamos nos referindo a relação direta com o mundo sensível, mas a um sentido-acontecimento. A segunda parte deste capítulo é destinada a abordar essa definição.

A aproximação teórica com as correntes que nos permitiram a busca por um paradigma estético iniciou-se ainda no mestrado, através do contato com a Análise Institucional ou, falando de forma mais ampla, com o "Movimento Institucionalista". Como o

próprio nome indica, este movimento não se trata de uma escola, de uma teoria, mas sim, de um ajuntamento de conceitos provenientes das mais variadas esferas do conhecimento. Tampouco se trata de uma colcha de retalhos, onde tais conceitos são justapostos. Na verdade, como diria Rolnik (1987), os conceitos são capturados de forma antropofágica, misturados e digeridos para inventar direções de concepção. Assim, na sua gênese conceitual, o institucionalismo vai se nutrindo de saberes e linhas teóricas bastante heterogêneas onde podemos nos deparar com idéias de Marx, Freud, Sartre, Heidegger, Kant, Nietzsche, entre muitos outros.

Dentro do Movimento Institucionalista, destaca-se uma corrente denominada Esquizoanálise, a qual rompe com alguns conceitos hegemônicos na forma de perceber a subjetividade, principalmente na psicanálise. Até então, o desejo vinha sendo conceituado pela psicanálise como diretamente associado à falta, apoiado na teoria do complexo de Édipo e da castração. Se desejar, desejo sempre algo que me falta. O *sócius* é percebido como um organismo sistêmico “*composto como um todo, como um objecto global e completo*” (DELEUZE E GUATTARI, 1968:358). E o sentido da vida consiste em vagar à procura desse objeto nunca encontrado, o objeto do desejo. Esse maquinário da psicanálise não surge por acaso. Antes, ele aparece no seio do capitalismo como a “arte de uma classe dominante”:

(...) essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, fazer vacilar todo o desejo pelo medo de falhar, fazer depender o objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade), enquanto a produção do desejo passa para o fantasma (e só para o fantasma) “ (DELEUZE E GUATTARI, 1968:32).

Ora, o que seria capaz de fazer com que hordas inteiras de seres se mantivessem subordinadas a uma minoria que extorque destes o sangue em forma de mais-valia? O que faria com que essas pessoas se mantivessem em total obediência, mesmo sem o uso da força, da censura ou do autoritarismo? E o que seria capaz de fazer com que as pessoas passassem a acreditar que elas realmente precisam de toda a parafernália produzida em grande escala pela indústria para levarem uma vida com qualidade?

A resposta para tudo isso estaria no medo da falta; os sentimentos de culpa e incapacidade gerados pela sensação de ser um eterno necessitado. Exemplos disto não nos faltam. Basta olhar à nossa volta para ver que, apesar de vivermos num sistema dito

democrático, temos nossos direitos negados constantemente e permanecemos num estado letárgico, chegamos inclusive a aceitar e a naturalizar os fatos. Capitalismo e psicanálise aparecem, então, como engrenagens imbricadas numa máquina celibatária destinada a estagnar o processo do desejo. O desejo psicanalítico vem para autenticar a lógica da falta da qual o capitalismo precisa para se manter funcionando.

Frente a tudo isso, a esquizoanálise aparece com uma dupla tarefa, sendo uma negativa e a outra positiva. A primeira, necessária para a realização da segunda e as duas executadas ao mesmo tempo. A tarefa negativa diz respeito à destruição:

“Destruir, destruir: a esquizoanálise tem que passar pela destruição, fazer toda uma limpeza, toda uma raspagem do inconsciente. Destruir o Édipo, a ilusão do eu, o fantoche do super-ego, a culpabilidade, a lei, a castração.” (DELEUZE E GUATTARI, 1968:325)

Para a esquizoanálise, o desejo é o próprio produtor do social. Ocorre uma ruptura com a concepção freudiana segundo a qual o desejo está associado à falta e à representação. (GUATTARI & ROLNIK, 1999). Aqui, o desejo é visto como processo, podendo ser conceituado como "produção desejante", processos de subjetivação, ou ainda como "agenciamento".

“Ao desejo não falta nada, não lhe falta o seu objecto. É antes o sujeito que falta ao desejo, ou o desejo não tem sujeito fixo; é sempre a repressão que cria o sujeito fixo. O desejo e seu objecto são uma só e mesma coisa: a máquina enquanto máquina de maquiñar.” (DELEUZE E GUATTARI, 1968:31)

O conceito de produção, também, adquire conotação diferente da concepção marxista. Segundo Gadelha (1998:64),

“Se há um modo de produção, hoje é melhor entendê-lo como múltiplo, envolvendo processos que de modo nenhum podem ser reduzidos apenas ao econômico - econômico no sentido que envolve a produção, distribuição e consumo das riquezas.”

Portanto, não se pode falar apenas em produção de bens de consumo, mas também, em produção libidinal, produção semiótica, entre outras. Aqui, deparamo-nos com a tarefa positiva da esquizoanálise. Ela consiste exatamente em:

“(...) descobrir no sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento de suas máquinas desejantes, independentemente de qualquer interpretação. O que é que são as tuas máquinas desejantes, o que é que fazes entrar e sair

das tuas máquinas, e como é que funcionam, quais são teus sexos não humanos?" (DELEUZE E GUATTARI, 1968: 337)

Ainda segundo os autores esquizoanalistas, deve-se dar atenção especial à maneira como essa produção desejante ocorre no modo de produção capitalista. Para manter-se funcionando, o capitalismo utiliza-se dessas máquinas desejantes para garantir sua hegemonia, modelizando formas de subjetividade às quais os indivíduos têm que se encaixar. Guattari e Rolnik (1999) caracterizam bem essa produção quando afirmam:

"Esquemáticamente falando, eu diria que, assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são acrescentadas, injeta-se representações nas mães, nas crianças - como parte do processo de produção subjetiva" (GUATTARI e ROLNIK, 1999:25)

Assim, após essa leitura, aquilo que considerávamos subjetivo toma uma conotação diferente. Não se trata mais de uma subjetividade psicologizada, individualizada e natural. É antes uma "subjetividade maquínica" que, literalmente, produz o real. Como afirmam Deleuze e Guattari (1968:34), "... o desejo produz real, ou a produção desejante mais não é do que a produção social."

Outro ponto a ser destacado é que, se vamos tratar de propiciar um espaço para a produção de subjetividade, precisamos encontrar ferramentas metodológicas que nos permitam realizar esta empreitada. Desde nossa pesquisa de mestrado já havíamos entrado em contato com a sociopoética. Esta corrente, inicialmente, chegou até nós de forma muito intuitiva, como algo que se insinua encaixar em nossos objetivos, sem que conseguíssemos explicar, ao certo, o porquê. Mesmo assim, fomos seguindo a trilha e, quando nos demos conta, tínhamos encontrado uma forma extremamente prazerosa de fazer pesquisa.

Nesse caminho, fomos encontrando pessoas, pensamentos, afetos, experimentando a construção de um conhecimento multiforme que recheia a sociopoética. Entre todas essas experiências, destacamos a oportunidade que tivemos de conhecer pessoalmente o criador da sociopoética Jacques Gauthier, e fazer parte de um grupo-pesquisador que, juntamente com ele, desenvolveu uma pesquisa sociopoética.

O mais relevante dessa vivência não foi um simples contato com alguém que vinha apresentar verdades, mas sim, a possibilidade de experienciar, na prática (ou na pele) o que é sociopoética. Das marcas que esta experiência deixou, a mais significativa foi a conclusão de que sociopoética não se aprende apenas pelo ritual acadêmico usual. Não se conforma em ser

retórica. Sociopoética é vida e, como tal, exige de quem nela se aventura a ousadia de vivenciá-la. Todas estas experimentações e aproximações com a sociopoética nos fizeram acreditar que, também nesta pesquisa, ela podia nos ser útil.

De acordo com o criador da sociopoética, Jacques Gauthier (1999:13), ela é uma prática e uma teoria da pesquisa e do ensino/aprendizagem que se propõe a uma análise crítica da realidade social buscando *proporcionar a expressão da transversalidade dos desejos e poderes que agem, de maneira inconsciente, na vida social*.

Do ponto de vista epistemológico, a sociopoética foi gerada num encontro entre a pedagogia do oprimido, a análise institucional, a escuta mitopoética e a educação simbólica. Da pedagogia do oprimido, herdou o método do grupo-pesquisador; da análise institucional, roubou a idéia de dispositivo. A educação simbólica veio para mostrar que, educar e pesquisar deveriam proporcionar mais prazer, respeito consigo e com o próximo e, acima de tudo, mais felicidade. A escuta mitopoética de René Barbier, também está presente para lembrar que

“O pesquisador ou professor deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser. Pois estes ritmos pertencem integralmente ao processo de produção de conhecimento”.(GAUTHIER, 1999:14)

Além desses referenciais, a sociopoética também mantém proximidade com a esquizoanálise, pois, como afirma Petit (2003), ambas realizam uma crítica radical a toda tendência homogeneizadora. Além disso, vários conceitos esquizoanalíticos, como “devir”, “afeto” e “linha de fuga” servem como peças muito úteis no maquinário da sociopoética.

Acreditamos que a sociopoética introduz no árido terreno da pesquisa um pouco da fertilidade da arte. O importante é o cuidado que se deve ter ao fazer essa conexão. Se a arte entrar na pesquisa, que supere a função estética e atue como um verdadeiro dispositivo. De acordo com Gauthier (1999:13), um dispositivo *“se caracteriza por um (ou uns) lugar (es), um (ou uns) tempo (s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem ‘objetivar’, isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária”*. São montagens ou artifícios que propiciam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades. Para Gauthier *et al* (1998:97), são eles que abrem caminho para o simbólico, para a superação das neuroses institucionais. *Sob a ação do analisador, fala-se (simboliza-se) agora no que era proibido, desconhecido, (...) Assim, um grupo até agora subordinado pode se tornar sujeito*.

A sociopoética é a caixa de ferramentas que nos possibilita construir os dispositivos necessários para mergulhar nesse espaço sem, no entanto, congelá-lo. Para isso, alguns pontos precisam ser valorizados como, por exemplo, a importância da participação dos sujeitos da pesquisa como co-pesquisadores, a percepção do corpo todo como passível de desencadear potências criadoras e utilização da criatividade de tipo artístico no processo de pesquisa.

Esses pressupostos rompem com outros já bastante arraigados na cultura ocidental. Afinal, além da mente, o corpo também pensa? Os sujeitos de nossa pesquisa podem ir além de simples fornecedores de dados? A arte pode produzir conhecimentos? A sociopoética vem para dizer sim a todas essas questões. Entre estas, destacamos com maior ênfase neste estudo a importância do corpo como produtor de conhecimento, pois acreditamos que este princípio vai nos permitir trabalhar na perspectiva sensorial-estética à qual nos referimos no início deste capítulo.

3.1 O método do grupo-pesquisador

Na pesquisa científica convencional a relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa é sabidamente bastante verticalizada. O pesquisador recorre a estas pessoas para coletar os dados e na verdade, sem este conhecimento do qual os sujeitos da pesquisa são portadores seria impossível pesquisar. Eles são, portanto, a ponte entre o pesquisador e a realidade que se quer conhecer. Entretanto, o que vai ser feito em seguida com esses dados quase sempre escapa completamente do universo dos sujeitos da pesquisa. Em outras palavras, o conhecimento que detêm é explorado e utilizado em proveito da manutenção de um *status quo* do pesquisador que passa, de título em título, a ascender cada vez mais na escala do saber/poder.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, quando muito, tomam conhecimento dos resultados da pesquisa e, mesmo quando isso acontece, os dados chegam até eles carregados de um sentido que lhes escapa completamente. Várias perguntas que muitas vezes nem chegarão a ser feitas, permanecem sem respostas:

A pesquisa terá efeitos favoráveis para eles? Desfavoráveis? Dormirá em gavetas? A pesquisa, mesmo de intenções sociais, será presa na lógica individualista da carreira do pesquisador? Ela terá um sentido partilhado, discutido entre ele e o grupo produtor dos dados? (GAUTHIER, 1999: 41).

Salvo raras exceções, nossas descobertas acabam sendo muito parecidas com aquela que, segundo os livros de história deu origem ao nosso país. Continuamos reproduzindo a lógica exploradora do colonizador que chega, pega o que lhe apraz e depois vai embora deixando o colonizado sem sequer entender o que aconteceu.

A sociopoética se instaura dizendo não a tudo isto de maneira radical:

criando dispositivos que gerem espaços e tempos para que as pessoas alvo da pesquisa, individualmente segundo uma vertente e grupalmente segundo a outra, tomem poderes os mais amplos possíveis na produção de conhecimento e na realização da pesquisa... (GAUTHIER, 1999: 41)

Sendo assim, os sujeitos na pesquisa sociopoética têm voz ativa desde o início da pesquisa até o fim. A seguir descrevemos como pensamos em implementar nesta pesquisa o método do grupo-pesquisador.

a) A formação do grupo pesquisador: Escolhemos como local para realização do estudo um hospital-dia da rede pública de Fortaleza. Como anteriormente já desenvolvemos lá nossa pesquisa de mestrado junto à equipe de profissionais, entendemos ser importante darmos continuidade ao nosso trabalho junto aos usuários do mesmo serviço. Além disso, o fato de já gozarmos de uma certa mobilidade dentro deste serviço facilita muito nossa aproximação com o campo. O referido hospital-dia foi criado em 1993, em instalações anexas a um hospital de internação psiquiátrica tradicional. Constitui-se num recurso intermediário entre a internação total e o ambulatório e tem por finalidade prestar atendimento a pessoas portadoras de transtornos psicóticos não-orgânicos, na faixa etária de 16 a 60 anos. Foi junto a esta população que desenvolvemos nosso estudo. Na primeira oficina realizada expusemos nossa proposta para os dezessete (17) usuários atendidos naquele momento pelo hospital-dia e averiguamos junto aos mesmos quem teria interesse em participar da pesquisa. Dentre os presentes, doze (12) usuários concordaram em participar da pesquisa. Entretanto, este número não se mostrou estável durante as oficinas seguintes em virtude do não comparecimento de alguns usuários nos dias de realização das oficinas. Em alguns momentos durante a produção dos dados, os usuários faltosos foram substituídos por outros que manifestaram interesse em participar. Entendemos que esta variação no número de integrantes do grupo não afeta o desenvolvimento da pesquisa, pois o objetivo da mesma não está ligado diretamente à vivência individual dos participantes. Vale ressaltar também que nem todos os participantes se manifestaram em todas as oficinas. Sendo assim, pode haver uma diferença entre o número de

integrantes em cada oficina e a quantidade de falas apresentadas. Além dos usuários e da minha participação como facilitadora, contamos também com a participação de Madalena Bonfim, fonoaudióloga e colega de estudos em Sociopoética, que se disponibilizou a colaborar durante a pesquisa atuando como co-facilitadora.

b) A escolha do tema a ser pesquisado: este momento geralmente se constitui no estabelecimento de um conflito gerado pela incompatibilidade entre o tema escolhido pelo pesquisador oficial e os interesses do grupo-pesquisador. A análise institucional teorizou esse conflito ao distinguir a *encomenda* (seja pela academia, seja pela cúpula da instituição hóspede da pesquisa) e a *demanda* – desconhecida do público-alvo da pesquisa. Essa demanda é meio-secreta, sendo constituída de potências e desejos íntimos, relações de poder congeladas. Entendemos, inclusive, que se este conflito não ficar bem claro e discutido dentro do grupo, a pesquisa sofre sérias restrições, pois os envolvidos podem sentir-se desmotivados a pesquisar um tema que não lhes interessa. No nosso caso, acreditamos que a escolha do tema não se constituiu num problema. Em primeiro lugar, devido à própria natureza do tema que estávamos propondo – a produção de subjetividade através do corpo – o qual, por ser bastante amplo, abre espaço para um leque de variações a serem pesquisadas sem que precisemos sair do tema proposto. Em segundo lugar, por já termos tido a oportunidade de desenvolver práticas grupais anteriores com vários grupos de usuários deste serviço, já podemos fazer alguma idéia das inquietações que os acompanham, principalmente aquelas que dizem respeito ao que significa ser “doente mental”. Em todo caso, se viesse a ocorrer uma necessidade de flexibilizar a nossa escolha e acolher a escolha do grupo-pesquisador, estávamos dispostos a fazê-lo.

c) A produção dos dados: falamos em “produção de dados” e, não, em “coleta de dados”, pois partimos do princípio de que o real está em constante produção, não existindo um mundo já dado, o qual podemos coletar. A produção se deu com a realização de oficinas nas quais utilizamos técnicas/dispositivos que nos permitiram fazer funcionar os princípios da sociopoética. Utilizamos como referencial na elaboração das técnicas grupais, os cinco sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição) para que pudéssemos através do corpo, da sensibilidade, permitir uma forma de produção do conhecimento que não fosse apenas racional. Desde que nascemos é assim que o mundo chega até a nós; toques e afagos, sons, visões e excitações, cheiros e lembranças, sabores e amores tudo se misturando e se

multiplicando e, também, na nossa superfície, na pele. É nela que ficam marcadas as experimentações que vamos estabelecendo com o mundo. Com o tempo, passamos a receber, além do leite materno, a tradição ocidental dominante, ou seja, racionalista, machista e burguesa em pequenas e diárias porções – razão/razão – devidamente processadas em máquinas de moldar gente. O que Deleuze e Guattari chamam de “linha fraca” – sensível, anti-machista e anti-capitalista, dessa tradição, tem pouca oportunidade de nos atingir, da mesma maneira que outras tradições, colonizadas, ficam marginalizadas e desvalorizadas pelas máquinas de homogeneizar. Até que chegamos ao ponto de negar nossos sentidos, nossa emoção, nossa intuição, nossa sensualidade e tantas outras ferramentas que poderíamos utilizar na empreitada de descobrir o mundo. Entretanto, gostaríamos de deixar claro que não propomos um movimento inverso com a negação da razão e sua substituição por qualquer outro instrumento. Não nos interessamos pela individuação, pela unidade. Buscamos, antes, a multiplicidade e, aqui, todos os caminhos são bem-vindos, desde que façam fluir nossa potência. O material produzido foi composto de produções plásticas, gravação das falas, textos produzidos pelo grupo e fotografias de alguns momentos. Foi solicitada a autorização dos participantes para que fosse utilizado todo o material.

d) Análise-experimentação dos dados: nesse momento também a participação do grupo-pesquisador é a chave do processo. O grupo iniciou a análise comentando os dados produzidos. Nesse momento, o grupo trouxe à tona os elementos que os constituem, tudo aquilo que foi capturando ao longo da sua vida e que agora possa ser utilizado como referencial de análise. Segundo Gauthier (1999:46), *os facilitadores participam discretamente deste momento. Sensíveis à fala do grupo como se fosse uma fala sagrada, os facilitadores respeitam ainda mais esse grupo ao ousarem, em seguida, contrapor sua fala, afirmar sua diferença.* Foi muito importante o fato de que o grupo tenha se permitido “experimentar” os dados sempre se utilizando do seu próprio corpo para entrar em contato com o universo da pesquisa: olhar, cheirar, tocar, ouvir, provar. Depois misturar, embaralhar, cortar, mesclar, para em seguida novamente olhar... *daí a repetição, e na repetição sempre a fissura, a diferença que expressa imediatamente a singularidade de cada momento* (GAUTHIER, 1999:24). Em seguida, o facilitador da pesquisa também experimentou os dados utilizando-se de ângulos diferentes. Em primeiro lugar, realizamos a análise de toda a produção plástica do grupo. É importante que a análise deste material ocorra separadamente,

pois se trata de um tipo de expressão bastante diferente da oral ou escrita. No segundo momento, analisamos a produção verbal do grupo procurando multiplicar ao máximo as possibilidades de produção de sentido. Entendemos que este ato de fazer deslizar os dados por múltiplas vias é que permitiu fazer acontecer a produção de sentido como acontecimento.

e) **Contra-análise dos dados** – nessa fase da pesquisa apresentamos as análises que realizamos ao grupo-pesquisador para que este pudesse avaliá-las, aceitando-as, alterando-as ou rejeitando-as e propondo a sua contra-análise. Aqui aconteceu um movimento dialógico de alianças, aliagens, miscigenação ou bifurcação de sentidos, no seio do grupo-pesquisador, pois os conflitos nem sempre encontram soluções. A divergência é produtiva.

f) **Socialização da pesquisa** - A finalização da pesquisa geralmente se dá com a elaboração de uma proposta de socialização do conhecimento produzido que envolva também o grupo-pesquisador. Na pesquisa convencional, apenas o pesquisador oficial termina o processo com um produto de valor, sua dissertação, tese ou artigo publicado. No caso da sociopoética, é relevante que criemos possibilidades para que o grupo também produza um produto final de sua pesquisa. Com relação à esta pesquisa, o grupo produziu como forma de socialização uma peça teatral que está descrita no capítulo 9. Ressaltamos que esta socialização é, antes de tudo, um compromisso ético-político com aqueles que assumem conosco a tarefa de realizar uma pesquisa. Com relação à ética normativa na pesquisa, preocupamo-nos em assegurar a observação dos princípios éticos descritos na resolução nº 196/96 que trata da pesquisa envolvendo seres humanos que asseguram o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa (autonomia); compromisso com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos (beneficência); garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência) e relevância social da pesquisa (justiça e equidade). Ainda para garantir os preceitos éticos, a pesquisa foi submetida a apreciação do comitê de ética no qual recebeu parecer positivo. (Anexo I)

3.2 A produção de sentido como acontecimento

É pois agradável que ressoe hoje a boa nova: o sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. Ele não é algo a ser descoberto. Restaurado ou reempregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações. Não pertence a nenhuma altura, não está em nenhuma

profundidade, mas é efeito de superfície, inseparável da superfície como sua dimensão própria (DELEUZE, 1974).

Escolhemos tomar como ponto de partida esta citação do livro chamado “Lógica dos Sentidos”, pois entendemos que nela encontramos as idéias gerais daquilo que pretendemos abordar neste capítulo.

Quantas vezes já afirmamos em nossa busca do conhecimento estarmos procurando alcançar o sentido (como se ele habitasse as alturas) ou desvendar o sentido (como se ele se escondesse em lugares obscuros)? Esta tem sido a forma de pensar hegemônica no mundo ocidental desde muito tempo. Mas será que é a única? Será que precisamos mesmo repetir essa Ismália⁵ enlouquecida perseguindo uma lua no céu e outra no mar? E por que estamos querendo por em xeque esta idéia que tem funcionado até agora? Esperamos poder responder a estas perguntas até o final de nossa exposição.

Essa nossa forma de pensar tem início na Grécia antiga, mais especificamente com o advento do pensamento platônico. Foi Platão quem separou o mundo sensível (aquele onde vivemos, das imagens e dos corpos) do mundo inteligível (mundo superior, das idéias e das essências). É como se para cada corpo com o qual entramos em contato existisse uma idéia superior (essência) que lhe corresponde. Ele afirmou, ainda, que o mundo sensível é imperfeito e sempre instável. Sendo assim, para que possamos conhecê-lo, temos necessariamente que submetê-lo ao mundo inteligível, copiando seu modelo. É a esta atividade de confrontar cópia/modelo que passaremos a chamar de *representação*.(DELEUZE, 1974; FUGANTTI, 1990).

Na lógica platônica nossa busca deve ser sempre pela boa cópia, ou seja, por aquela que mais se aproxime do modelo. Quanto àquelas que não se encaixam a um modelo (simulacros), devem ser desprezadas, pois só produzem ilusões. Entretanto, como afirma Fuganti (1990:34) o grande perigo que se coloca ao devir não é o princípio de identidade:

Quando Ismália enlouqueceu./Pôs-se na torre a sonhar.../Viu uma lua no céu./Viu outra lua no mar./
 No sonho em que se perdeu./Banhrou-se toda em luar...Querida subir ao céu./Querida descer ao mar...
 Na torre pôs-se a cantar.../Estava longe do céu.../Estava longe do mar...
 Como um anjo pendeu/As asas para voar./Querida a lua do céu./Querida a lua do mar...
 As asas que Deus lhe deu/Rúflaram de par em par.../Sua alma, subiu ao céu./
 Seu corpo desceu ao mar...(Alphonsus de Guimarães)

Se ele fosse considerado suficiente poderíamos fazer pouco caso da obra platônica, talvez lê-la como um conjunto de dramas literários capazes de nos divertir. Mas é com o princípio de semelhança que ela desenvolve toda sua potência e pretensão de governar o devir. É por esse princípio que o devir, segundo Platão, pode e deve ser subjugado.

É através da mensuração dos seres pelo critério da semelhança que podem ser determinados seus valores e suas hierarquias. Se pensarmos nas repercussões desse pensamento para as nossas formas de existir e de ver o mundo atual, veremos que não são poucas. O ser humano em si é percebido como uma cópia que tem por imagem um ser superior, perfeito. Quanto mais nos aproximarmos dessa perfeição, mais aceitos seremos. Ao contrário, quanto mais distantes estivermos dessa idéia superior, mais fadados estaremos a marginalização. De um lado homens, brancos, produtivos, racionais. Do outro lado, o resto: mulheres, negros, loucos, drogados, ou qualquer outro que se atreva através de sua existência incorporar a maldição da diferença. Seguimos, assim, tentando remeter o devir a um mundo de culpa e de faltas que nos imobiliza.

A proposta que viemos apresentar é aquela que Deleuze (1974) define como “reversão do platonismo”. Aqui, valoriza-se exatamente aquilo que, para Platão, tratava-se apenas de ilusão: a diferença, a multiplicidade do mundo sensível, as variações. Sendo assim, nada mais resta a descobrir por trás do véu, pois tudo que há são véus sobrepostos: *a própria dançarina é que é um complexo de tecidos. A nudez revela ainda pregas e repregas. Arlequim nunca chegará a seu último traje, despe-se infinitamente. Continua sempre ocelos e tatuagens.* (Serres, 2001:78)

Na perspectiva deleuziana não há mais modelo a ser seguido, não há mais sentido transcendente a ser perseguido, mas multiplicidades a serem produzidas. Aqui, o simulacro vai ser valorizado como aquilo que, apesar de não se submeter ao modelo original, não é mais comparável a uma mera cópia, mas sim, o portador da capacidade de se afirmar na sua própria diferença. O mundo sensível é instável sim, e é em cima dessa instabilidade que precisamos cavalgar se quisermos encontrar o sentido. Nem acima, nem abaixo, mas seguindo uma linha. Entretanto, essa linha não é unidirecional, ela nos puxa nos dois sentidos ao mesmo tempo. Caímos na arena do devir:

O puro devir, o ilimitado, é a matéria do simulacro na medida em que se furta à ação da idéia, na medida em que contesta tanto o modelo como a cópia. As coisas medidas acham-se sob as idéias; mas debaixo das próprias

*coisas não haveria ainda este elemento louco que subsiste, que “sub-vem”,
aquém da ordem imposta pelas idéias e recebida pelas coisas? (Deleuze,
1974:02).*

O devir é puro fluxo e não se deixa fixar e, se ele tem uma identidade, ela é infinita nos dois sentidos ao mesmo tempo; passado e futuro, mais e menos, ativo e passivo, causa e efeito. Vale ressaltar que esse conceito de sentido, apesar de rejeitar uma idéia transcendente, também não está a serviço do bom senso ou do senso comum. Para Sales (2003), o bom senso está relacionado ao sentido acertado, ao caminho sensato, que prevê e orienta as coisas segundo uma direção única, enquanto que o senso comum é a boa média, é o que designa uma identidade fixa. É ao rejeitar ao mesmo tempo o bom senso e o senso comum que o sentido se afirma como paradoxo.

Para explicar essa lógica paradoxal do sentido, Deleuze vai se utilizar de outro pensamento grego: o dos estóicos. Se para Platão as idéias eram a origem de tudo que existe no mundo sensível, para os estóicos estas são simples efeitos dos encontros entre os corpos. Sendo assim, não existe uma idéia pronta a ser perseguida ou, como afirma Sales (2003:57):

As idéias não são portanto aquilo que devemos alcançar, mas, pelo inverso, aquilo que se põe a gerar a partir de práticas e ações cotidianas, do encontro peremptório dos corpos com outros corpos, do infalível exercício das misturas. Em outras palavras, o sentido não está para ser originariamente buscado, mas está para ser continuamente produzido.

Além disso, as idéias não existem enquanto corpos, mas antes, insistem ou subsistem. Sendo assim, não têm qualidades nem propriedades físicas, não são substantivos ou adjetivos, ou seja, não nomeiam nem designam o ser na sua essência, mas verbos que designam efeitos de superfície que ocorrem aos seres, são acontecimentos.

Pensar dessa forma não é apenas uma alegoria, uma forma de fazer as coisas parecerem diferentes. Pensar dessa forma acarreta sérias modificações na nossa maneira de perceber o mundo e as pessoas. Em primeiro lugar, porque impede o exercício de uma prática imobilizadora, que rotula a tudo e a todos, exigindo que as coisas se passem de acordo com as prescrições destes rótulos; e, também, porque abre espaço para uma multiplicidade e uma afirmação das potências da diferença que não seria possível numa perspectiva de identidade.

Nesse encontro entre corpos e idéias é que se produz o sentido e é através da linguagem que ele se efetua. Tudo se passa entre duas séries: de um lado temos as coisas, os

nomes, as designações. A esta série chamamos significante. Do outro lado está a série de significados composta por verbos, os acontecimentos, expressões. A articulação entre estas duas séries está intrinsecamente relacionada à linguagem pois, segundo Deleuze (1974) é próprio aos acontecimentos serem expressos ou exprimíveis através de proposições. Entretanto, para destacar o caráter peculiar do sentido, precisamos, antes, identificar quais as relações distintas da proposição.

Deleuze destaca inicialmente a existência já reconhecida por outros autores de três relações da proposição: designação, manifestação e significação. Todavia, o autor afirma que não podemos localizar o sentido em nenhuma dessas relações pois elas estão submetidas a certas limitações que não lhe permitiriam funcionar *a priori*, mas somente a partir de certas condições que envolvem outras relações da proposição.

A designação é a relação que associa as palavras com imagens que devem representar as coisas exprimindo-se sob a forma “é isto”, “não é isto”, estando portanto submetida ao critério do verdadeiro ou falso. Sendo assim, o sentido não pode ser encontrado na designação, pois não é possível que ele consista naquilo que torna a proposição verdadeira ou falsa já que toda designação supõe, de antemão, a existência de sentido e é somente a partir dele que podemos operar a designação.

Em segundo lugar, temos a diferenciação entre o sentido e a manifestação. Esta relação é a que se estabelece entre a proposição e o sujeito que fala e se apresenta como *o enunciado dos desejos e das crenças que correspondem à proposição* (Deleuze, 1974:14). A manifestação constitui o domínio do pessoal e é ela que torna possível a designação. Desta forma, não poderíamos identificar o sentido com a manifestação, pois apesar dos designantes só terem sentido a partir de um Eu que se manifesta, a identidade desse Eu só é garantida a partir da permanência de certas significações. *Se estas significações se abalam, ou não são estabelecidas em si mesmas, a identidade pessoal se perde – experiência dolorosa por que passa Alice- em condições em que Deus, o mundo e o eu se tornam os personagens indecisos do sonho de um alguém indeterminado.*

Segundo Deleuze (1974:15), a terceira dimensão da proposição que recebe o nome de significação trata da relação da palavra com conceitos universais ou gerais e das ligações sintáticas com implicações de conceito segundo as quais a proposição intervém como

demonstração, ou como premissa ou como conclusão. A significação é, portanto, atrelada a uma condição de verdade de suas premissas sem a garantia da qual teríamos que remetê-la a categoria do absurdo. Como as premissas dependem da designação e esta, por sua vez, é proporcionada pela manifestação, ficamos impossibilitados de colar o sentido à significação, pois ela está sempre nos remetendo do condicionado à condição e da condição ao condicionado.

Como Deleuze demonstrou, se procurarmos o sentido em qualquer destas relações veremos-nos irremediavelmente presos ao círculo da proposição que nos leva da designação à manifestação, depois à significação, mas também da significação à manifestação e à designação. Para romper com este círculo, precisaríamos elevar o sentido a uma categoria independente como uma quarta dimensão da proposição: *o sentido é o expresso da proposição, este incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irreduzível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição.* (Deleuze, 1974:20).

Desta forma, o sentido é considerado como algo que não se encontra nem nos estados de coisas nem nas imagens, nem nas crenças pessoais, nem nos conceitos universais. Apesar de não se encontrar em nenhum destes estados, o sentido insiste exatamente na fronteira entre as proposições e as coisas, passando de uma para a outra, voltando uma face para cada uma delas. Da proposição podemos afirmar que ele é o exprimível enquanto que das coisas dizemos que ele é o atributo. Para definir melhor o sentido, Deleuze apropria-se novamente do exemplo estóico da relação entre a árvore e a cor verde: se dissermos “a árvore é verde”, estamos nos referindo ao atributo da proposição que é o predicado, enquanto que ao afirmarmos “a árvore verdeja”, estamos nos dirigindo ao atributo do estado de coisa que é o verbo verdejar ou ao acontecimento expresso por este verbo. Entretanto, o verbo nesse caso não é propriedade da coisa, mas é algo que se diz da coisa dentro da proposição que o exprime. Sendo assim, o sentido passeia da coisa à proposição e da proposição à coisa sem se deixar fixar a nenhuma delas.

Podemos, então, afirmar que essa dualidade é a segunda característica do sentido: a dualidade que ele habita entre estados de coisas – proposições, substantivos – verbos, corpo – linguagem. Mas vale ressaltar que essa dualidade não significa um dualismo pois o sentido é a fronteira que articula as diferenças destes dois polos. Para que haja produção de sentido é

preciso que ela se dê entre duas séries que podem ser compostas de várias maneiras, pois além das séries entre coisas e proposições, podemos também ter séries compostas já de expressões ou de sentidos, de substantivos e adjetivos e até mesmo duas séries de coisas, duas séries de proposições, etc. O importante é que elas não sejam nunca iguais, pois uma delas vai representar o significante e a outra o significado.

O significante é considerado aqui como *todo signo enquanto apresenta em si mesmo um aspecto qualquer do sentido* e o significado é percebido como o estado de coisas já dado com suas qualidades e relações reais e é por isso que ele não pode ser confundido com o sentido pois este último não para de circular nas duas séries, *e é mesmo graças a isso que assegura a comunicação entre elas. É uma instância de dupla face, igualmente presente na série significante e na série significada. É o espelho. É ao mesmo tempo palavra e coisa, nome e objeto, sentido e designado, expressão e designação, etc.*(Deleuze, 1974: 43).

Agora podemos passar à terceira característica do sentido, a qual é indispensável para a sua produção que é aquela relativa ao não-senso. Apesar de parecer estranho associar o não-senso ao sentido, poderemos perceber o quão estreita é essa relação se, primeiramente, desirmo-nos da dualidade verdadeiro-falso.

O não-senso não está relacionado àquilo que se opõe ao sentido por ser considerado falso mas, sim, como o espaço não habitado que vai permitir a circulação do sentido entre as séries. Para exemplificar esta afirmação, podemos utilizar a imagem deleuziana da casa vazia. Imaginemos um jogo. Poderíamos nos referir a vários jogos como o de xadrez, por exemplo. Mas entendo ser mais “didático” fazer alusão aqui a um jogo chamado “Cubo Mágico”. Para quem não o conhece, trata-se de um cubo composto por várias seqüências de quadrados coloridos que se movimentam de todos os lados do objeto. O objetivo do jogo é deslocar os quadrados até que todos eles sejam alinhados de acordo com as cores que o compõem. Entretanto, esse deslocamento só é possível graças a um elemento essencial: um único espaço vazio correspondente ao tamanho de um dos quadrados.

Sendo assim, invertamos a lógica que opõe sentido e não-senso, fazendo com que os dois entrem numa relação de interdependência ou de co-presença e dessa forma colocamos o sentido numa abordagem paradoxal: *o não-senso é ao mesmo tempo o que não tem sentido, mas que, como tal, opõe-se à ausência de sentido, operando a doação de sentido.*(Deleuze,

1974 :75) É nesse deslocamento entre o significante e o significado, passando pela casa vazia, que podemos afirmar que não existe sentido a ser buscado mas, sim, a ser produzido.

É a partir daí que podemos afirmar que a produção de sentido é um acontecimento, pois *não nos encontramos mais diante de um mundo individuado constituído por singularidades já fixas e organizadas em séries convergentes, nem diante de indivíduos determinados que exprimem este mundo.* (Deleuze, 1974:118). Mas estamos tratando de singularidades que se passam na superfície das duas séries e que se comunicam em um mesmo Acontecimento que não para de redistribuí-las.

3.3 A comunicação dos acontecimentos na análise sociopoética

No tópico anterior procuramos abordar a produção de sentido em suas principais características: 1- o sentido é um acontecimento de superfície e como tal nada tem a ver com a profundidade; 2- o sentido se passa sempre entre as séries; 3- Ele é a quarta dimensão da proposição e se efetua através da linguagem e 4- o não-senso é co-extensivo ao sentido. Entretanto, além de abordarmos estes aspectos do sentido como acontecimento, precisamos ainda abordar uma propriedade deste processo de produção que tem extrema importância para o desenvolvimento de uma pesquisa sociopoética, qual seja a comunicação dos acontecimentos.

Para entendermos melhor qual a relevância deste aspecto para nossa pesquisa, gostaríamos de nos remeter à primeira característica do sentido, ou seja, sua localização na superfície. Como afirmamos anteriormente, a reversão do platonismo implica uma recusa a busca da verdade contida nas idéias superiores. Sendo assim, ao chegarmos ao momento de análise de uma pesquisa, chegamos a um impasse, pois na pesquisa qualitativa convencional, “analisar” tem quase o mesmo sentido de “interpretar”. Interpretar, por sua vez, não é outra coisa senão atribuir aos dados (considerados cópias imperfeitas, simulacros) idéias mais gerais e reconhecidamente verdadeiras no mundo acadêmico. Como então analisar sem interpretar? É aí que, seguindo a lógica da produção de sentido, passamos a tratar da comunicação dos acontecimentos.

Em primeiro lugar, quando tratamos da comunicação entre acontecimentos, não se trata de categorizar nos atendo à relação causa-efeito. Dessa forma, vários acontecimentos podem

compor um mesmo grande Acontecimento, apesar de toda a variedade que os atravessa. O que faz com

que toque uma só e mesma melodia em todos os tons possíveis com todas as palavras possíveis, não são relações de causa e efeito, mas um conjunto de correspondências não-causais, formando um sistema de ecos, de retomadas e ressonâncias, um sistema de signos, em suma, uma quase-causalidade expressiva, não uma causalidade necessitante. (Deleuze, 1974:176).

Este posicionamento leva-nos a adotar uma atitude diferente na hora de realizarmos nossas análises. Em primeiro lugar, não partimos do princípio de que dois acontecimentos sejam incompatíveis devido a sua contraditoriedade. Em vez disso, seguimos aquilo que Deleuze chama de possibilidades ou impossibilidades alógicas. Nessa perspectiva, o que vai afirmar dois acontecimentos como possíveis ou impossíveis será a convergência ou não das séries que formam as suas singularidades: *Dois acontecimentos são possíveis quando as séries que se organizam em torno de suas singularidades se prolongam umas às outras em todas as direções, impossíveis quando as séries divergem na vizinhança das singularidades componentes.*(Deleuze, 1974:177).

Entretanto, mesmo essa distância assegurada pela impossibilidade das séries não trata de uma separação negativa ou de exclusão. Ao invés disso, ela vai propiciar uma afirmação simultânea de sua diferença, pois se trata de uma distância positiva dos diferentes: não mais afirmar identificar dois contrários ao mesmo, mas afirmar sua distância como o que os relaciona um ao outro enquanto “diferentes” (Deleuze, 1974:178). O impossível passa a ser mais um meio de comunicação diferenciador, ou seja, produtor de uma diferença de potencial, que pode ser desejo, que pode ser amor ou ódio.

Sendo assim, podemos fazer uma relação entre esta comunicação dos acontecimentos e os procedimentos de análise que na pesquisa sociopoética, segundo Gauthier (2004), passam a se chamar de momentos de criação. O momento inicial é aquele onde realizamos a categorização das falas procurando identificar palavras-chave, cortando e classificando os dados de acordo com sua possibilidade. Ainda para o mesmo autor, é importante que efetuemos essa categorização levando em consideração tanto os conteúdos semióticos como os semânticos; tanto os do afeto como os da razão. Podemos afirmar que na lógica dos acontecimentos este momento é o que nos permite identificar as séries, perceber como elas se distribuem, não esquecendo de garantir um espaço também para o não-senso.

O segundo momento de criação é aquele que Gauthier (2004) chama de *transversalização*, onde iremos identificar passagens, fluxos e relações entre esses dados, procurando ligar aquilo que a categorização separou. O terceiro momento, chamado “filosófico”, pretende buscar as relações entre os confetos produzidos pelo grupo e o pensamento filosófico convencional, estabelecendo uma comunicação que nos permita perceber suas convergências, complementaridades ou oposições. O termo “confeto” foi criado por Gauthier (2004) para referir-se aos conceitos produzidos pelo grupo-pesquisador os quais distinguem-se do senso comum por dar-se na composição de um plano de consistência onde conceitos e afetos se misturam traçando linhas de desterritorialização e configurando a realidade de novos desejos. No nosso caso, optamos por apresentar esse momento da análise em um capítulo à parte, ao final da descrição de todas as oficinas.

Finalmente, temos a proposta sociopoética do momento de criação surreal: nele intenciona-se brincar com os dados criando conexões estranhas ao grupo, provocando até mesmo o absurdo. De acordo com Gauthier (2004), esse é um processo que age por proliferações, encontros estranhos e poéticos, disseminações e rejeições, conforme as imagens surrealistas, colocando em relação de possibilidade os inconscientes do facilitador e dos demais membros do grupo-pesquisador.

Parte II

1 FORMAÇÃO DO CORPO COLETIVO – um bicho de sete ou mais cabeças

*Não dá pé,
 não tem pé nem cabeça
 Não tem ninguém que mereça,
 não tem coração que esqueça
 Não tem jeito mesmo
 Não tem dó no peito,
 não tem nem talvez
 Ter feito o que você me fez,
 desapareça
 Cresça e desapareça
 Não foi nada,
 eu não fiz nada disso e você fez
 um bicho de sete cabeças.
 (Zé Ramalho)*

A primeira oficina no hospital-dia realizou-se no dia 1º de agosto de 2003. Foram convidados a participar todos os usuários que compareceram ao serviço naquele dia, contabilizando um total de 17 usuários. Participaram também da oficina a terapeuta ocupacional Silvia (representando o hospital) e a Fonoaudióloga Madalena (colega que se disponibilizou a colaborar nas oficinas).

Iniciamos com uma apresentação e exposição aos participantes sobre nossa pesquisa e sobre o que é a sociopoética. Informamos que o trabalho tratava-se de uma pesquisa para obtenção do título de doutor e que a nossa proposta era a de convidá-los para desenvolvermos juntos o estudo com a formação do grupo-pesquisador.

Surgiram algumas perguntas relativas a realização da pesquisa como, por exemplo, se comporíamos um grupo terapêutico, se iríamos propor algum ritual religioso (provavelmente devido ao fato de haverem alguns incensos acesos na sala). Explicamos que o nosso propósito era apenas o de realizar uma investigação sobre algum tema relacionado à questão da doença mental e que este tema seria escolhido por eles. Explicamos também, de maneira geral,

como se dariam as atividades das oficinas e que seria um momento onde eles mesmos poderiam discutir e entender melhor o tema que escolhessem.

Quando todos haviam afirmado ter entendido a proposta, demos início a uma atividade de relaxamento através da sensibilização das partes do corpo. Ao som de uma música de fundo (*Jeux d'eau – Cirque du Soleil*), solicitamos aos participantes que se dispusessem em pé, com os olhos fechados e formando um círculo. Induzimos a sensibilização e relaxamento de cada uma das partes do corpo em ordem céfalo-caudal. Pedimos que eles identificassem pontos de tensão ou enrijecimento da musculatura e procurassem relaxar esses locais. Em seguida, pedimos que o grupo sentasse em círculo.

Solicitamos que cada um imaginasse a parte do corpo que mais está relacionada à questão da doença mental e que a representasse através do material que disponibilizamos (cartolina, papel seda, papel veludo, tintas e canetas hidrográficas). A maioria iniciou imediatamente a sua construção, enquanto que alguns poucos usuários que mostravam um comportamento mais introvertido e uma dificuldade de lidar com o material foram estimulados e auxiliados a realizar suas produções.

Em seguida, demos um intervalo de 15 minutos para que eles tentassem formar um corpo coletivo com todas as partes que cada um fez. Alguns partiram logo para o centro da sala, onde estava o material, e foram tentando dar forma. Outros permaneciam parados nos seus lugares. Tentamos estimular a participação de todos e, depois que todas as peças estavam agrupadas, pedimos que eles prendessem o corpo coletivo na parede para que todos pudessem ver. A figura abaixo ilustra esta produção.



Figura 1 – corpo coletivo construído pelo grupo-pesquisador do hospital-dia

Depois, solicitamos que cada um fizesse uma apresentação individual da sua produção. O quadro a seguir mostra o relato de cada um dos participantes:

Participante	Relato
Participante 1	Bom, a minha barriga eu não mostro porque desde pequena eu acho feia. Não sei porque, mas eu não gosto da minha barriga. Do meu corpo mesmo o que eu gosto é os cabelos, os olhos, a boca, as pernas e a coxa. O resto eu não gosto. [E por que você desenhou a barriga?] Porque é um problema que eu tenho assim... num gosto da barriga porque quem tem barriga é feio, é horrível. É um complexo. A pior parte do meu corpo é a barriga. [e qual a relação que você faz dela com o tema que a gente está discutindo, a doença mental?] Bom, porque a barriga ela é assim, num sei nem como dizer, num tem nem palavra né? Porque num gosto da barriga.
Participante 2	Meu nome é (xxx), certo. Bem, o problema que eu fiz aqui, a parte principal do meu corpo que eu acho que é o principal que eu to aqui no hospital e se relaciona comigo mais é a cabeça. Que é a parte que eu to

	cuidando to se interacionando e é só.
Participante 3	Meu nome é (xxx) e a parte que eu acho que ta mais relacionada comigo é a cabeça. Eu fico perturbado, eu perco a fala, quando eu fico nervoso.
Participante 4	Meu desenho foi a cabeça que ..eu to me tratando da cabeça.. a mente
Participante 5	Eu fiz a cabeça né? A cabeça é onde está o comando do corpo. Todo nosso corpo depende do funcionamento do nosso cérebro. Então se a cabeça está boa o corpo vai ficar bem também. Agora se a cabeça ta com problema o nosso corpo não vai funcionar bem.
Participante 6	Eu acho que a minha doença é mental devido... to cheio de energia magnética no subconsciente. Se eu não tiver (xxxx) fica preto aí eu morro. Eu tenho que alimpar meu subconsciente, disciplinar meu subconsciente para que o corpo fique uniforme, igual. Então chegar ao estado de espírito.
Participante 7	A parte da doença mental ela faz muito parte da cabeça certo? Atinge muito a parte da cabeça da pessoa. Por isso que eu desenhei a cabeça né? E um corpo também. O corpo também ele sofre muito sobre a doença mental. O corpo começa a ficar mole, começa a ficar dormente, sem querer sair do canto e aí começa a ficar deitado né? E atinge muito o corpo. Por isso que eu fiz o corpo e a cabeça.
Participante 8	Bom dia a todos, meu nome é (xxx). Duas parte do corpo que é afetado pela doença mental são o coração e a cabeça. Porque são parte fundamental do corpo. Pelo menos no meu caso foi esse.
Participante 9	Meu nome é (xxx). Eu fiz um corpo completo porque a doença vem através dos nervos né? E mexe muito com o cérebro, com a cabeça, com a mente. Através do sistema nervoso que é um todo.
Participante 10	A parte que eu desenhei foi as pernas que é através das pernas que eu to sofrendo. Eu tremo. Eu agradeço. Brigada.
Participante 11	Eu desenhei a cabeça e o coração. Porque eu acho que o coração ta

	relacionado com a cabeça. Porque se a pessoa ta triste também ta relacionado com o coração e a cabeça. E quando o coração ta alegre a cabeça também reflete né? E eu acho que o problema maior que ta é na cabeça. Problema mental.
Participante 12	Eu desenhei um coração. Eu acho que o coração é muito importante. Eu sentia às vezes um arrocho no meu coração. Aí eu desenhei ele.
Participante 13	Eu desenhei porque o corpo humano é muito importante e o que atinge mais é a cabeça.

Após cada um ter feito a apresentação da sua parte do corpo, nós nos dirigimos ao grupo pedindo que ele olhasse para o conjunto que foi formado, o corpo-coletivo, e tentasse pensar sobre aquele conjunto: Depois que todo mundo juntou, o grupo inteiro, o que isso aqui formou?

Formou a história do que a gente falou. Ta relacionada com o corpo, mostrando o que ta acontecendo com a gente. (Participante 7)

Se esse corpo conta uma história, perguntamos, então, a ele: o que essa história diz? E é uma outra participante que responde: *Diz que todo mundo aqui é doido. (Participante 14)* Neste momento percebe-se uma movimentação dentro do grupo e a discussão sobre ser ou não louco se acirra:

Não é doido não, é doença (Participante 4)

Eu tenho um problema, mas também não sou doido não... Eu tenho um problema no meu cérebro devido ao meu pai... mas eu não sou doido não.

Eu não rasgo dinheiro e nem como... né? (Participante 5)

Perguntamos, então, como eles podem se posicionar em meio a essa discussão, já que alguns pensam ser uma doença, outros que é loucura e outros, ainda, acham que é um problema. Outro participante faz referência a própria construção do corpo-coletivo para se justificar: *Uma ruma de doido desse fizeram só as cabeças. (Participante 14)*

A discussão continua e perguntamos o que eles acham do fato de haver tantas cabeças no corpo-coletivo:

A gente ta apresentando aí a nossa doença. É uma doença no cérebro, doença na cabeça. (Participante 9)

Nesse momento, lembramos também que vários participantes fizeram outras partes do corpo, e a Preguiça, que havia construído uma barriga, responde:

Porque a barriga eu não gosto dela. Você disse que pra falar o que não gostava. (Participante 1)

Ressaltamos, com relação à afirmação dela, que nós pedimos a parte do corpo que mais estava relacionada, para eles, com a doença mental, mas que ela havia escolhido falar de algo que não gostava. Será que cada um colocou ali uma coisa de que não gostava?

Eu coloquei o que ta acontecendo comigo aqui. A realidade.

(Participante 7)

E eu gosto das minhas pernas, só que eu preciso tratar pra elas ficarem boas. (Participante 10)

Nada..num to gostando de nada..começando pelo cabelo que é bom-bril. (Participante 14)

Ficou horrível. Ta um bicho de sete cabeças. (Participante 15)

Em meio a essa discussão, pedimos ao grupo que pensasse uma pergunta para fazer àquele corpo (ela seria o tema da nossa pesquisa): se você pudesse perguntar alguma coisa a ele, ou sobre ele, o que seria?

Queria saber a solução desse problema: fazer terapia... tomar remédio. (Participante 1)

Por que as pessoas adoecem ? (Participante 7)

Quando um dos participantes perguntou sobre as causas da doença mental, outro se adiantou propondo uma resposta a essa pergunta:

O pior problema da doença mental é ficar em casa. A criação, a relação dentro de casa com pai e filho, porque eu tenho problemas hoje devido a minha infância, por causa da herança que o meu pai que ta no inferno me deu. Porque se eu tivesse tido uma infância boa, eu hoje não era pra ta aqui não. Um irmão nosso que não foi criado com a gente, graças a Deus, ta bem, hoje é advogado, vive bem, tem sua casa, tem seu carro, tem tudo. Porque não foi criado com meu pai. Aí eu disse pra ele; “ó meu irmão, tu escapou, não foi criado com o papai!” Porque quem foi criado com ele teve problema. (Participante 5)

Perguntamos, a partir deste relato, se ele achava que devíamos pesquisar esse relacionamento com a família. Ele e mais outros participantes disseram que sim, que esse seria uma tema interessante. Mas outras pessoas sugeriram ainda outros temas:

A causa da doença é a pessoa não ter o que fazer. (Participante 2)

Disciplina do subconsciente, ocupar a mente, fazer alguma coisa. Mente vazia, oficina do diabo. Eu já fui macumbeiro, crente. (Participante 3)

Ter muita fé em Deus. A pessoa não vive sem Deus e sem família. (Participante 9)

Eu acho que é importante falar da ignorância, porque não sabem falar, vai logo com ignorância. Diz logo assim, toma remédio é doido. É, tem medo da gente. (Participante 1)

A partir dessa discussão, selecionamos os seguintes temas para serem submetidos à votação no grupo:

- Família
- Tratamento/medicação
- Ociosidade
- Religião
- Preconceito
- Causa da doença

Durante a votação, 13 pessoas se manifestaram a favor do tema “família”, 3 pessoas votaram em “preconceito”, 5 pessoas votaram em “causas da doença”, 5 votaram em “medicação/ tratamento”, 4 pessoas votaram em “ociosidade” e quando perguntamos quem votava em “religião/ relação com Deus”, uma pessoa respondeu: *Deus num tem nada a ver com isso*. Ficou então selecionado o tema “Relações entre a doença mental e a família”.

Passamos em seguida à escolha de quem iria participar da pesquisa. Fizemos uma averiguação de quem se interessava em participar e marcamos o segundo encontro para a sexta-feira seguinte. Das 17 pessoas que integravam o grupo inicialmente, 12 concordaram em continuar a pesquisa. Pedimos, também, que cada um escolhesse um pseudônimo que seria usado no momento da escrita do relatório final da pesquisa como forma de preservar a identidade dos participantes.

Apesar desta oficina ter sido destinada a escolha do tema e não a produção de dados propriamente dita, percebemos ao final da mesma que havíamos coletado uma produção que já podia ser inserida como material a ser analisado na pesquisa. Sendo assim, utilizamos os relatos e as discussões sobre o corpo coletivo para realizar as análises a seguir.

1.1 Categorização do corpo coletivo

Procuramos identificar, em cada relato do grupo, as palavras ou frases que mais se destacavam e, a partir delas, fomos formando nossas categorias: significados das partes do corpo, concepções de corpo coletivo e concepções de sofrimento mental. Ressaltamos que essa separação das falas em categorias não se trata de uma tentativa de homogeneizar o discurso do grupo. É apenas uma das fases da análise do material, onde podemos agrupar, em torno de algumas séries, o material produzido para que possamos perceber quais as linhas que perpassam esse pensamento, identificando dentro de cada categoria quais são as suas divergências, suas convergências, ambigüidades ou oposições, conforme apresentado a seguir.

I – significados das partes do corpo

1. Bom, a minha barriga eu não mostro porque desde pequena eu acho feia. Não sei porque, mas eu não gosto da minha barriga. A pior parte do meu corpo é a barriga. Bom, porque a barriga ela é assim...(pausa)... num sei nem como dizer, num tem nem palavra né? Porque num gosto da barriga. (...) você disse que pra falar o que não gostava.
2. A parte principal do meu corpo que eu acho que é porque eu to aqui no hospital e se

relaciona comigo mais é a cabeça. Que é a parte que eu to cuidando to se interagendo e é só.

3. A parte que eu acho que ta mais relacionada comigo é a cabeça. Eu fico perturbado, eu perco a fala quando eu fico nervoso.

4. Eu fiz a cabeça né? A cabeça é onde está o comando do corpo. Todo nosso corpo depende do funcionamento do nosso cérebro. Então se a cabeça está boa o corpo vai ficar bem também. Agora se a cabeça ta com problema o nosso corpo não vai funcionar bem.

5. Eu acho que a minha doença é mental devido... to cheio de energia magnética no subconsciente. Se eu não tiver (xxxx) fica preto aí eu morro. Eu tenho que alimpar meu subconsciente, disciplinar meu subconsciente para que o corpo fique uniforme, igual. Então chegar ao estado de espírito.

6. A parte da doença mental atinge muito a parte da cabeça da pessoa. Por isso que eu desenhei a cabeça né? E um corpo também. O corpo também ele sofre muito sobre a doença mental. O corpo começa a ficar mole, começa a ficar dormente, sem querer sair do canto e aí começa a ficar deitado né? E atinge muito o corpo. Por isso que eu fiz o corpo e a cabeça.

7. Duas partes do corpo que é afetado pela doença mental são o coração e a cabeça. Porque são parte fundamental do corpo. Pelo menos no meu caso foi esse.

8. Eu fiz um corpo completo porque a doença vem através dos nervos né? E mexe muito com o cérebro, com a cabeça, com a mente. Através do sistema nervoso que é um todo.

9. A parte que eu desenhei foi as pernas que é a través das pernas que eu to sofrendo. Eu tremo. E eu gosto das minhas pernas...só que eu preciso tratar pra elas ficarem boas...

10. Eu desenhei a cabeça e o coração. Porque eu acho que o coração ta relacionado com a cabeça. Porque se a pessoa ta triste também ta relacionado com o coração e a cabeça. E quando o coração ta alegre a cabeça também reflete né? E eu acho que o problema maior que ta é na cabeça. Problema mental.

11. Eu desenhei um coração. Eu acho que o coração é muito importante. Eu sentia as vezes um arrocho no meu coração. Aí eu desenhei ele.

1 e 9 são divergentes com relação aos sentimentos despertados com relação ao próprio corpo, mas são convergentes com relação ao fato de atribuir o sofrimento a uma parte do corpo.

2, 3, 4, 6, 8 e 10 convergem por atribuírem à cabeça uma estreita relação com o sofrimento mental.

4 e 6 convergem também com relação ao fato de atribuírem uma associação de comando entre a cabeça e o corpo.

6 e 8 convergem com relação ao fato de que o sofrimento mental atinge o corpo inteiro.

7, 10 e 11 convergem por fazerem uma relação entre o sofrimento e o coração.

5 diverge da estrutura que se manifesta no grupo pois atribui seu sofrimento a uma parte do corpo não orgânica.

1 diverge com relação ao que foi solicitado ao grupo pois não foi pedido que demonstrasse algo do corpo de que não gostasse.

II - Concepções do Corpo coletivo

1. Ta mostrando que todo mundo aqui é doido.
2. Uma ruma de doido desse fizeram só as cabeças.
3. A gente ta apresentando aí a nossa doença.
4. Pois é, coisa de doido.
5. Sei não... se é doido não...
6. Eu coloquei o que ta acontecendo comigo aqui.
7. A realidade.
8. Nada... num to gostando de nada... começando pelo cabelo que é bom-bril...
9. Ficou horrível.
10. Ta um bicho de sete cabeças.
11. Tem nada a ver com a doença.
12. Tem tudo a ver. Ela ataca a cabeça. Por isso tem muitas cabeças... somos vários...
13. Ataca o cérebro.

1, 2 e 4 são convergentes ao afirmarem que o corpo coletivo é coisa de "doido".

1, 12 e 13 convergem ao assumirem que o corpo coletivo está relacionado à doença mental.

11 diverge de 1, 12, e 13 ao afirmar que o corpo coletivo não tem nada a ver com a doença.

6 e 7 convergem por afirmarem que o corpo coletivo é uma representação do real sem juízo de valor.

8 e 9 convergem por apresentarem um juízo de valor negativo sobre o corpo coletivo.

6 e 7 divergem de 8 e 9 em relação à colocação do juízo de valor.

2, 10, 12 e 13 convergem ao afirmarem ser a cabeça síntese do corpo coletivo.

III – Concepções de sofrimento mental

1. Eu tenho um problema, mas também não sou doido não. Eu tenho um problema no meu cérebro devido ao meu pai, mas eu não sou doido não. Eu não rasgo dinheiro e nem como...né...
2. É um problema.
3. Não é doido não, é doença.

4. É uma doença no cérebro, doença na cabeça.
5. Aqui a gente ta se tratando pra melhorar... não é pra piorar...
6. A gente quer a solução desse problema.
7. Fazer terapia, tomar remédio.
8. Ter muita fé em Deus. A pessoas não vive sem deus e sem família.
9. O pior problema da doença mental é ficar em casa. A criação, a relação dentro de casa com pai e filho...porque eu tenho problemas hoje devido a minha infância, por causa da herança que o meu pai que ta no inferno me deu. Porque se eu tivesse tido uma infância boa, eu hoje não era pra ta aqui não. Um irmão nosso que não foi criado com a gente, graças a deus, ta bem, hoje é advogado, vive bem, tem sua casa, tem seu carro, tem tudo...porque não foi criado com meu pai. Aí eu disse pra ele; ó meu irmão, tu escapou, não foi criado com o papai! Porque quem foi criado com ele teve problema.
10. A causa da doença é a pessoa não ter o que fazer.
11. Eu acho que a doença é um distúrbio da natureza humana.
12. Deus num tem nada a ver com isso...
13. Eu acho que é importante falar da ignorância... porque não sabem falar... vai logo com ignorância... diz logo assim, toma remédio é doido... É...tem medo da gente

- 1, 3 e 4 convergem ao afirmarem que não é coisa de doido.
- 1, 2, 6 e 9 convergem ao afirmarem que é um problema.
- 1, 3, 4, 5, 7, 9 e 10 convergem ao afirmarem que é uma doença.
- 11 é ambíguo ao afirmar simultaneamente que a questão é uma doença mas ao mesmo tempo faz parte da natureza humana.
- 8 e 12 são opostos com relação a interferência de Deus na doença.
- 9, 10 e 13 convergem por afirmarem o sofrimento mental como algo produzido pelas condições do meio em que o sujeito vive.
- 5, 6, 7 e 8 convergem ao afirmarem uma busca de soluções.
- 5 e 7 convergem com relação a forma imaginada pra resolver o problema baseada nas propostas psiquiátricas de internamento, psicoterapia e medicamentos.
- 8 diverge de 5 e 7 por associar a solução à busca de Deus.

Através da exploração do corpo coletivo, pudemos identificar três categorias principais: significados das partes do corpo, concepções de sofrimento mental e concepções do corpo-coletivo. Ao articularmos essas categorias para realizarmos a transversalização, observamos que a primeira categoria corresponde à série dos corpos e a segunda é relativa à

série das proposições. Estas duas séries estão em articulação constante e, da circulação do sentido entre as duas, temos a formação do corpo coletivo. Neste texto transversal que elaboramos a seguir exploraremos como se dá essa articulação.

1.2 Transversalização do corpo coletivo

O desafio que se apresenta é grande: construir coletivamente um corpo. Não um corpo qualquer, mas uma construção onde possam estar nossas maiores inquietações e desejos, sofrimentos e esperanças. Um corpo que possa mostrar o que realmente nos interessa agora, nesse pedaço de espaço-tempo recortado: quais são as nossas linhas? Quais são os nossos fluxos? Quais são os nossos pontos de bifurcação?

A primeira coisa que chama atenção nesse corpo coletivo é a quantidade de cabeças. Elas se apresentam dos mais diversos tipos e tamanhos e se sobressaem mostrando que a cabeça é onde está o comando do corpo. O corpo reduzido a cérebro e nervos comandando lá de cima tudo que se passa. Até então, nada de novo. Tudo que se faz nos meios “psi” já repete essa mesma concepção: psicotrópicos, tratamentos morais, eletrochoque, contenção e psicoterapias.

Entretanto, nas entrelinhas, outros elementos vão surgindo, modificando a configuração desse corpo e mostrando que, além da cabeça existem outras partes do corpo que também são significativas quando nos referimos ao sofrimento mental.

Tentamos escapar à ditadura da cabeça e deixar o resto do corpo falar. Foi aí que a barriga, tão acostumada que já estava a nunca ser ouvida resolveu falar e reclamar da forma como é percebida nos padrões de beleza. Saímos do domínio da ciência (cujo símbolo é a cabeça) e entramos no terreno da estética, onde as coisas se misturam e o sofrimento deixa de ser só “mental” e passa a ser visto como algo esteticamente indesejável por aproximar-se de um rígido padrão corporal que não aceita a barriga. Será que podemos, então, falar de um sofrimento corporal?

Ainda na mesma linha estética, o cabelo também fala, pois não é accito: cabelo bombril, cabelo de negro, não pode ser bonito. E o corpo fica triste. Afinal ele vive numa terra de misturas tão complexas onde se juntam o lirismo e a sífilis herdados dos brancos (já dizia Chico Buarque), a magia da natureza e a liberdade dos instintos que recebemos dos ancestrais

índios com a força e a cor negra que chegava nos navios negreiros. Como querer forçá-lo a entrar no padrão “branco/loiro/olhos azuis”?

Outra parte importante do corpo coletivo é o coração. Esse que, de tão sufocado, já apanha mais do que bate. Como não pode falar, manifesta-se através daquele “arrocho no peito”. Apesar do grande peso que a cabeça tem como símbolo do sofrimento mental, é no coração que tudo é sentido. Além disso, é ele que guarda lembranças, cicatrizes que muitas vezes não nos deixam em paz, seguem nossas vidas como fantasmas. As pernas também fazem parte dessa formação coletiva, pois, ao tremer, elas expressam o sofrimento que perpassa o corpo.

Cada vez mais nos afastamos do modelo centrado na cabeça até que desmaterializamos completamente esse corpo e caímos no lugar topológico dos afetos, um espaço subconsciente que precisa ser limpo e disciplinado para se livrar da energia magnética. Essa energia é também “má-gnética”, empurrada à força para sujar o subconsciente, e se o espírito quiser ficar livre, precisa lutar. Lutar contra a “Verdade”, contra a “Beleza”, contra o “Modelo”, todos no singular e tão asfixiantes que não deixam espaço para mais nada. É preciso limpá-los, e nessa batalha vale tudo, inclusive acender uma vela para Deus e outra para o diabo. Ciência e misticismo misturam-se num caldeirão que envolve desde o cristianismo até à macumba.

Outra questão importante relativa a esse corpo coletivo é saber que nome dar a ele, afinal, ele é louco? É doente mental? Ou o quê? São vários rótulos que podem ser usados, mas cada um tem suas limitações. Como “Louco” é uma palavra que já vem carregada de um sentido pejorativo, talvez seja melhor mesmo utilizar “doente mental”. Entretanto, passar a chamá-lo dessa forma não diminui o preconceito que recai sobre ele, pois as pessoas costumam ter medo de quem faz algum tratamento para doenças mentais.

Que fazer nesse caso então? Precisamos urgentemente de uma palavra qualquer que defina isso, pois é insustentável demais a leveza de não ser. Finalmente, ao juntarmos os pedaços desse corpo: cabeças, barriga, cabelo, pernas, coração, nervos e subconsciente. Todos esses elementos tomam a forma de um grande bicho-de-sete-cabeças (ou mais) e deixam no ar uma pergunta. Não se trata mais de saber o que é esse corpo, mas sim, o que faz problema para esse corpo agora, nesse momento?

2 AS MÁSCARAS DO CORPO COLETIVO

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara.

(Clarice Lispector)

Logo após a oficina do corpo coletivo, um acontecimento fez com que realizássemos um grande deslocamento dentro da pesquisa e que, devido a sua importância, vale a pena ser explicado aqui. Desde o planejamento da primeira oficina, uma questão já vinha se colocando como um problema para nós: como abordar a experiência da loucura nesse primeiro momento sem utilizar termos carregados de significados pejorativos? Sabíamos de antemão, devido a nossa prática em saúde mental, que são vários os nomes que se costuma dar a esta experiência: loucura, doença mental, transtorno mental, entre outros. Dentre todos estes, resolvemos optar pelo termo “doença mental”. Fizemos isso não sem algum incômodo, pois já fazia parte da nossa construção teórica uma tentativa de despsiquiatrizar essa experiência. Mas assim foi.

Como relatamos no capítulo anterior, iniciamos a primeira oficina solicitando ao grupo que escolhesse a parte do corpo que eles associavam à doença mental. Entretanto, ao lermos o diário coletivo de pesquisa (Anexo II) deparamo-nos com o seguinte depoimento:

Eu não sou doente mental, meu problema é o lítio⁶. Falta de lítio, carência de lítio. Eu estou aqui para melhorar. No organismo é o meu problema.

⁶ O lítio é uma substância química utilizada em psiquiatria no tratamento de algumas patologias como a depressão e o transtorno bipolar.

As palavras deste depoimento soaram para nós como um alarme: ei, espere aí! Quem lhes deu o direito de chegar aqui colando esse rótulo em mim? E, de repente, nos vimos repetindo exatamente aquilo que tanto criticamos no nosso discurso de militante. É incrível como o poder fascista se implanta em nós, invade-nos sem que percebamos e passa a ditar nossas ações. Foi então que constatamos a incoerência de começar uma pesquisa que diz respeitar os conceitos produzidos pelo grupo se, nem ao menos, nos demos ao trabalho de saber qual era o conceito deles.

Resolvemos realizar uma outra oficina para discutir o tema da pesquisa só que, dessa vez, partindo da construção, deles mesmos, desta experiência que os levou a procurar o hospital-dia.

Começamos com um relaxamento e em seguida falamos um pouco sobre a inquietação gerada em nós e em outros integrantes do grupo sobre o fato de utilizarmos o termo “doença mental”. Sugerimos que cada um criasse uma máscara expressando a cara dessa experiência pela qual eles estavam passando.

O desafio que se colocou foi o de dar uma “cara” a esse “isto”, a essa experiência radical que parece não se deixar apreender pelos tantos rótulos que o homem já inventou para tentar circunscrevê-la: desrazão, loucura, doença mental, transtorno mental. Cada um desses termos já vem com suas regras e preconceitos e isso nos causou incômodo. Ao construirmos as máscaras, estávamos criando, também, um conceito para esta experiência. Mas não um conceito construído a partir de formulações teóricas e sim aquele que foi escrito através das marcas deixadas no corpo de cada um, de afetos que perpassaram experiências vividas que de maneira alguma podem ser circunscritas em um modelo descritivo.

Como material levamos cartolinas, massa de modelar e sementinhas. Esse material possibilitou uma maior variedade de expressões do que se tivéssemos utilizado somente lápis de cor ou tinta.

Ao final da produção, cada um apresentou a sua máscara e deu a ela um nome para que pudéssemos escolher um que substituísse o termo “doença mental” durante a pesquisa.

Co-pesquisador	Relato
Estrela	Eu fiz uma máscara do carnaval. Todo mundo brinca, se diverte e é só isso. O problema é que através das brincadeiras é que a gente chega no hospital.

	É que todo mundo brinca, aí acaba se machucando. O nome da máscara é Carnaval 2004 .
Lua	A minha máscara transmite alegria, mas essa doença eu acho que é um trauma. Trauma psicológico é o nome da máscara.
Leão	A minha máscara significa problemas que existem. Não ela, mas as pessoas criam os problemas e acham que a máscara talvez seja a causa de tudo, quando na verdade essa é uma crença que as pessoas têm e acabam levando isso adiante. Essa máscara se chama indiferença .
José	Essa máscara, ela traz as parência de quando a pessoa ta doente. Que a gente fica com a cara triste, triste mesmo. Aí quando a gente vai ficando bom vai melhorando. O trauma dessa doença. As pessoas ajudam muito né? Orienta aonde tem um médico pra gente se curar. E eu acho que o problema dessa doença é o problema do desemprego. Porque traz muito também o problema da depressão né? Eu gostei de ter feito essa máscara. O nome dela é Qualidade da doença – problema de depressão .
Sheike	A minha máscara traduz tudo aquilo que é capaz de gerar a depressão. Depressão pra mim é aquilo que eu já tive, um problema mental, psicológico, que causa transtorno mental e tristeza e solidão, trauma. O nome da máscara é depressão .
Jamaica	Minha máscara ela ta parecendo quando eu tava com depressão. E o nome dela é depressão também.
Marquinhos	Essa máscara aqui, ela significa alegria né? Uma coisa que eu não sentia quando eu entrei aqui. Porque quando eu entrei eu queria morrer, me matar né? O contrário da alegria, porque o que o meu pai fez comigo na infância eu não vou esquecer nunca, nem perdoar. Dizem que a gente perdoa, mas eu não perdôo o que ele fez comigo porque apanhar toda noite quatro hora da manhã. É por isso que eu digo que eu tenho Deus, porque apanhar todo dia quatro horas da manhã e não se tornar um louco? Um assassino, um revoltado né? Eu hoje eu to, graças a Deus, to me tornando bem, eu agradeço a Jesus por tudo isso. O nome dessa máscara é tristeza .
Sabiá	A minha máscara aqui é que eu tive um problema com a minha madastra. A minha madastra bateu a minha cabeça numa viga. Aí eu tive depressão e passei no exército e num servi e o nome dessa doença é bicofonia .
Bolinha	Minha mascara é depressão, é tristeza... é quase do mesmo jeito de quando eu cheguei aqui. Eu tava com depressão e agora melhorei. O nome da máscara é angústia .
Joana	É problema de depressão. O nome dela é tristeza .
Participante 1	Uma outra participante não quis que seu depoimento fosse gravado e disse que sua máscara se chamava fantasma .

Palavras sugeridas: Carnaval - Trauma psicológico – Indiferença - Qualidade da doença – Depressão – Tristeza - Bicoфонia – Angústia – Fantasma

Como podemos perceber, surgiram desde palavras convencionais (transtorno, problema mental, trauma e depressão), como também palavras completamente inesperadas (carnaval, indiferença e bicoфонia). Pedimos a todos que escolhessem uma dessas palavras para usarmos na nossa pesquisa.

Ao final da votação, para nossa surpresa, os termos mais votados foram “carnaval” e “bicoфонia”, exatamente aqueles que são menos carregados de significados em relação ao tema. Vale ressaltar que a palavra “bicoфонia” sequer existe na língua portuguesa e, portanto, trata-se de um neologismo criado por um dos co-pesquisadores. Provavelmente ele devia estar querendo se referir a algum diagnóstico médico (como esquizofrenia). Mas, como nosso interesse era exatamente o de desconstruir o significado pronto, nada melhor para alcançar este objetivo do que uma palavra nova. Como a diferença de votos entre as duas opções era de apenas um, resolvemos fazer um segundo turno entre essas duas palavras e “bicoфонia” ganhou.

Não sabemos ao certo o que os levou a votar numa palavra que sequer conheciam. Alguns, inclusive, mostravam-se apreensivos por não saberem o que isso significava. Explicamos que o “verdadeiro” sentido da palavra não importava, pois nós é que iríamos construir esse sentido a partir do que eles mesmos haviam falado sobre suas máscaras.

2.1 Análise da produção plástica – máscaras

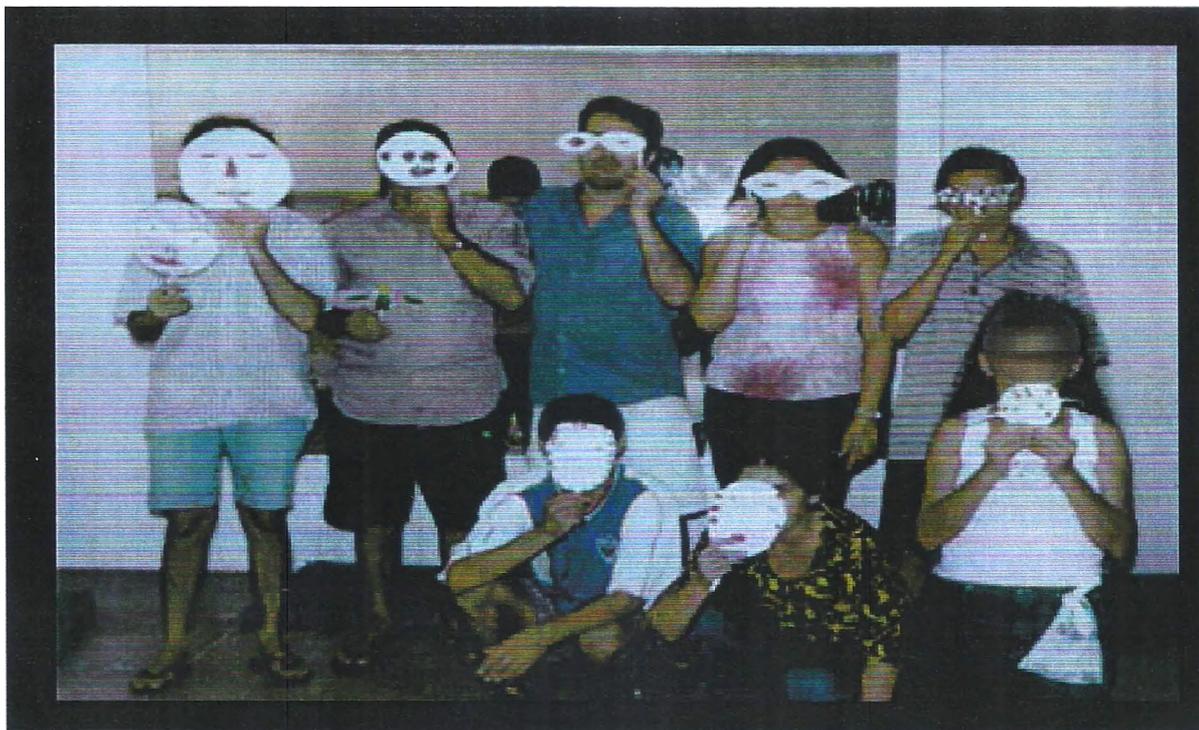


Figura 2 – máscaras produzidas pelo grupo-pesquisador

As máscaras da bicofonia expressam-se, principalmente, através dos olhos. São olhos tristes e pesados, como se estivessem envenenados. Às vezes aparecem caolhos ou vendados. Essas características podem se referir ao mundo interno que se reflete através dos olhos, mas pode ser, também, que essa tristeza diga respeito às coisas que esses olhos vêem lá fora, na forma como o mundo se apresenta aos seus olhos.

A boca também chama a atenção, pois aparece quase sempre disforme ou ausente. Mostra-se travada, fechada, não consegue abrir-se para falar. O nariz algumas vezes está ausente, mas quando se mostra é grande e vermelho, nariz de palhaço, inchado de tanto chorar, pode ficar obstruído e dificultar o olfato. As orelhas saltam para fora do rosto e transformam-se em antenas como que pedindo atenção para que se possa ser escutado.

A pele dessas máscaras de bicoфонia parece ser marcada, ferida. O conjunto forma uma imagem de medo, tristeza, angústia e solidão. Até mesmo a alegria é triste. As cores, quando são quentes, refletem conflitos e intensidades. Quando são frias, traduzem a tristeza e a solidão.

2.2 Análise da produção oral

Consideramos como material para a realização da análise da produção oral os relatos dos co-pesquisadores sobre suas máscaras. Selecionamos em cada um deles as palavras ou frases que poderiam constituir as categorias de análise: “causas da bicoфонia” e “sentimentos e percepções da bicoфонia no corpo”. A seguir, apresentamos a categorização com a identificação de suas convergências, divergências, oposições e ambivalências. Em seguida, apresentamos também a análise transversal.

2.2.1 Categorização das máscaras

I – Significados da bicoфонia

1. Eu fiz uma máscara do carnaval. Todo mundo brinca, se diverte e é só isso. (...) o problema é que através das brincadeiras é que a gente chega no hospital. (...) é que todo mundo brinca ai acaba se machucando. O nome da máscara é carnaval 2004.
2. A minha máscara significa problemas que existem ... não ela, mas as pessoas criam os problemas e acham que a mascara talvez seja a causa de tudo, quando na verdade essa é uma crença que as pessoas tem e acabam levando isso adiante. Essa mascara se chama indiferença.
3. As pessoas ajudam muito né? Orienta aonde tem um médico pra gente se curar.
4. E eu acho que o problema dessa doença é o problema do desemprego. Porque traz muito também o problema da depressão né? Eu gostei de ter feito essa máscara. O nome dela é Qualidade da doença – problema de depressão.
5. O que o meu pai fez comigo na infância eu não vou esquecer nunca nem perdoar. Dizem que a gente perdoa mas eu não perdoo o que ele fez comigo porque apanhar toda noite quatro hora da manhã. É por isso que eu digo que eu tenho Deus, porque apanhar todo dia quatro horas da manhã e não se tornar um louco? Um assassino, um revoltado né? Eu hoje eu to, graças a Deus, to me tornando bem, eu agradeço a Jesus por tudo isso.
6. A minha máscara aqui é que eu tive um problema com a minha madrasta. A minha madrasta bateu a minha cabeça numa viga. Aí eu tive depressão...e passei no exército e num servi e o nome dessa doença é bicoфонia.

2 e 3 são opostos com relação à forma como percebem a intervenção das outras pessoas.

1 é paradoxal quando atribui uma causa que deveria significar alegria (brincadeira) a um efeito que deveria estar associado a tristeza (machucar-se).

5 e 6 são convergentes ao associar a causa da bicoфонia a um problema com um membro da família.

4 diverge das outras falas por propor uma causa de ordem social para a bicoфонia.

II – Sentimentos e Percepções da bicoфонia no corpo

1. Essa máscara, ela traz as *parência* quando a pessoa ta doente. Que a gente fica com a cara triste, triste mesmo. Aí quando a gente vai ficando bom vai melhorando.
2. Minha máscara, ela ta parecendo quando eu tava com depressão. E o nome dela é depressão também.
3. Minha máscara é depressão, é tristeza... é quase do mesmo jeito de quando eu cheguei aqui. Eu tava com depressão e agora melhorei. O nome da máscara é angustia.
4. A minha máscara traduz tudo aquilo que é capaz de gerar a depressão. Depressão pra mim é aquilo que eu já tive, um problema mental, psicológico, que causa transtorno mental e tristeza e solidão, trauma. O nome da máscara é depressão.
5. Essa máscara aqui ela significa alegria né? Uma coisa que eu não sentia quando eu entrei aqui. Porque quando eu entrei eu queria morrer, me matar né? O contrário da alegria (...) o nome dessa máscara é tristeza.
6. A minha máscara transmite alegria, mas essa doença eu acho que é um trauma. Trauma psicológico é o nome da máscara.
7. É problema de depressão. O nome dela é tristeza.

1, 2 e 3 convergem quando relacionam suas máscaras com seus próprios corpos.

4 e 7 convergem ao destacar a tristeza como sentimento despertado.

5 é paradoxal quando diz que sua máscara significa alegria mas que seu nome é tristeza.

2, 3, 4 e 7 convergem por associarem a bicoфонia à depressão.

2.2.2 Transversalização da produção das máscaras

Certamente não podemos falar em “a máscara”, mas sim em várias máscaras que vão se sobrepondo, morrendo e nascendo ao sabor do vento. E por quê? Porque a máscara não tem uma materialidade. Ela significa problemas que as pessoas criam e que, a partir daí, passam a atribuir tudo a ela quando, na verdade, ela é apenas uma invenção das pessoas. Elas se

agarram às máscaras e querem conter a sua multiplicidade em um rosto, algum porto seguro que se possa chamar de “Eu”.

Quando isso acontece temos a materialização corporal da máscara com traços que parecem muito com quando a pessoa está triste. Nesse caso ela pode se chamar depressão, transtorno mental, trauma psicológico. Mas, como mostramos a seguir, existe sempre uma outra máscara por baixo da que vemos agora.

Uma dessas máscaras chama-se alegria. É estranho que uma das máscaras do sofrimento se chame alegria, afinal isso é tudo que não se sente quando se está sofrendo. Mas é um engano supor que elas se opõem, pois essa máscara também pode se chamar carnaval. É no carnaval que todo mundo brinca e se diverte, mas o problema é que essas brincadeiras também machucam. Brincam com os nossos sentimentos, com os nossos desejos, com os nossos sonhos e o pierrô apaixonado acaba chorando.

Outras vezes, a máscara toma a forma de um rosto que grita tentando mostrar a crueldade e a violência de um mundo que só reconhece o corpo como força de trabalho, mas que se apresenta em forma de desemprego. Nessas horas é até difícil entender como não se transforma no rosto de um assassino ou de um suicida.

É assim, nesse baile de máscaras que giram, que vamos tentando dar corpo a essa experiência. E aqui resolvemos chamá-la “bicoфонia”, pois ela muitas vezes não tem boca para falar de si mesma, apenas um bico por onde escapam os sons polifônicos de todas as máscaras possíveis.

3 PRODUZINDO ATRAVÉS DO OLFATO

*Guia-me o teu aroma a luz de novos astros,
De porto a palpitar de velâmes e mastros
E que a vaga do mar ainda exaure e domina,*

*Enquanto o verde odor dos tamarineiros,
Que circula pelo ar me intumesce a narina,
Mistura-se em minha alma o canto dos marinheiros.*

(Charles Baudelaire)

Neste dia, o grupo demonstrou muito interesse em participar. Dos dezessete presentes na primeira oficina, doze aceitaram continuar. Um deles não pôde comparecer, pois tinha ido resolver assuntos particulares e outra participante permaneceu na sala, mas não quis realizar as atividades, permanecendo deitada num canto da sala durante toda a oficina. Optamos por respeitar sua vontade. Uma outra pessoa que não tinha participado da primeira oficina pediu para entrar no grupo. Ficamos então com onze participantes.

Solicitamos que cada um iniciasse falando um pouco sobre como estavam se sentindo naquele momento, pois estávamos um pouco apreensivas em utilizar as técnicas estimulantes da imaginação quando alguns co-pesquisadores apresentavam um quadro psicótico. Como todos se manifestaram positivamente, demos continuidade falando sobre o termo de consentimento e sobre a importância da garantia de anonimato. Pedimos que eles lessem e assinassem o termo de consentimento e também que escolhessem um codinome que os identificassem na pesquisa.

Cumpridos os procedimentos formais exigidos, pudemos começar os preparativos para entrarmos no espaço-tempo da sociopoética. Essa seria a nossa primeira oficina utilizando os sentidos como tema e seria pelo olfato que iniciariamos. Embora a opção de iniciar por esse sentido não tenha sido intencional, percebemos agora que ela teve seus reflexos no grupo. Não precisa ser pesquisador para conhecer a potência do olfato, basta estar vivo. Todos nós passamos, vez ou outra, pelas experiências que ele nos proporciona quando, por exemplo,

somos tomados de assalto por um odor que não sabemos de onde vem, mas, certamente, sabemos para onde nos leva. Não importa quão distante seja o lugar, no centésimo de segundo, passado e presente encontram-se e, mesmo depois, ainda temos a nítida sensação de que estivemos lá:

O olfato é o sentido do singular. As formas se encontram invariantes ou restauradas, as harmonias transformam-se, estáveis por variações, o perfume atesta o específico. Olhos fechados, orelhas tampadas, pés e mãos amarrados, lábios cerrados, distinguimos, anos depois, entre mil, certo sub-bosque em tal estação ao pôr-do-sol, antes da chuva, certa peça em que armazenávamos milho forrageiro ou ameixas de Agen cozidas, de setembro à primavera, uma certa mulher. (SERRES, 2001:171)

Mas será que o olfato é somente memória? Somente representação de um instante passado? Não! Ele não é um teatro de imagens congeladas. Ele é fluxo que não para de encontrar outros fluxos numa máquina complexa que mistura odores para inventar a vida: *Sentido da confusão portanto dos encontros, sentido raro das singularidades, o olfato desliza do saber à memória e do espaço ao tempo; certamente das coisas aos seres.*(SERRES, 2001:172)

Entretanto, sabendo que o mundo contemporâneo, em meio à poluição e ao concreto, acaba por anestesiar nossos sentidos, seria imprescindível começarmos por uma tentativa de resgatar essa capacidade de sentir. Para tentarmos fugir à forma ocidentalizada de interagir com cheiros e odores, resolvemos iniciar com um relaxamento inspirado numa técnica de meditação yogue intitulada “*Meditação no mûlâdhâra chakra*”⁷, a qual apresentamos a seguir:

Sinopse: o *mûlâdhâra chakra* governa o instinto de sobrevivência, o sentido do olfato e o elemento *prithivî* (terra). Por isso escolhemos utilizá-la no relaxamento, para estimular o sentido do olfato. Pedimos aos participantes que sentassem numa posição de meditação com as costas eretas e as mãos sobre os joelhos, mantendo os olhos fechados. Solicitamos que inspirassem profundamente e passamos as seguintes instruções:

⁷ Meditação adaptada do site <http://www.yoga.pro.br/artigos.asp?artID=97>

“Permaneça consciente do seu corpo. Construa uma imagem mental do corpo. Tome consciência da sua espinha dorsal, que está perfeitamente ereta, sustentando o pescoço e a cabeça. Tome consciência da posição equilibrada dos braços e pernas. Imagine-se como se estivesse crescendo a partir do chão, como se fosse uma árvore. Suas pernas são as raízes da árvore. O resto do corpo é o tronco. Você está crescendo a partir do chão, fixando-se no chão. Pensem sobre as características dessa árvore... como ela é? É grande? Pequena? Forte? Frágil? (1/2 minuto em silêncio) . Conscientize-se das partes do corpo, começando pela cabeça. Visualize a sua cabeça e mantenha consciência total nela. Faça o mesmo com o pescoço. Visualize o seu pescoço e mantenha consciência total nele. Faça o mesmo com o ombro direito. O ombro esquerdo. O braço direito. O braço esquerdo. A mão direita. A mão esquerda. As costas inteiras. O peito. O abdômen. O glúteo direito. O glúteo esquerdo. A perna direita. A perna esquerda. O pé direito. O pé esquerdo. O corpo inteiro de uma só vez. Consciência total no seu corpo inteiro. O corpo inteiro, como uma unidade. (1/2 minuto em silêncio). Agora visualize o exterior do corpo. Como se você estivesse se vendo num espelho. Veja seu corpo pela frente. Pelo lado direito. Pelo lado esquerdo. Por trás. Por cima. E depois, de todos os lados ao mesmo tempo. Consciência total no seu corpo inteiro. Seu corpo inteiro, como uma unidade. Tome consciência das sensações físicas que o seu corpo experimenta. Consciência total em todas as sensações físicas. Permita que estas sensações se transformem num foco para o seu pensamento. (1/2 minuto em silêncio). Ao manter a consciência centrada, você sente o seu corpo ficar cada vez mais leve, cada vez mais sutil. (1/2 minuto em silêncio). Este é o momento para transferir a atenção para o ritmo natural da sua respiração. Consciência no ritmo natural da respiração. Observe a respiração na entrada das narinas. Ao inalar, o ar nos pulmões, concentre-se em coisas agradáveis e ao expirar elimine as coisas negativas. (1/2 minuto em silêncio). Coloque a atenção no mûlâdhâra chakra, na extremidade da espinha dorsal. Imagine um quadrado amarelo nesta área e dentro dele uma flor vermelha. Sinta que acorda em você o sentido do olfato. Mergulhe dentro do quadrado amarelo e perceba o perfume suave do corpo sutil. Sinta este perfume. Agora visualize a flor vermelha. Aos poucos, a flor começa a girar. Uma energia girando vertiginosamente. Mergulhe nesse redemoinho. Observe o sentido do giro. Sinta a vibração da energia pulsando através de você. (1 minuto em silêncio). Nesse momento, a imagem se esvai. Conclua a meditação. Mantenha os olhos fechados (1 minuto em silêncio). Fique atento ao momento presente, aos seus sentimentos, ao efeito da prática, ao lugar onde você está. Então, movimente-se devagar. Abra os olhos. A prática de meditação está completa.”

Após o relaxamento, Madalena (facilitadora coadjuvante) e eu entregamos aos pesquisadores uma faixa preta para vendar os olhos e explicamos como seria a técnica de produção através do olfato. Oferecemos naftalina, café, cachaça, manjerição e mel com eucalipto aos 11 participantes da turma, um de cada vez. Foi pedido que, para cada cheiro, o co-pesquisador dissesse que relação tinha com o tema gerador “Relações entre família e

bicofonia”. À medida que iam passando as substâncias, os facilitadores anotavam as respostas dos participantes. Em seguida, apresentamos as associações de idéias produzidas pela técnica dos cheiros acerca do tema gerador e a sua classificação de acordo com as categorias encontradas:

Perfume da mãe – álcool – meu pai – cachaça – meu marido – não sei – não é bom – não é saúde – estou confusa – faz mal e prejudica a saúde – hospital – mental – família – sítio onde morávamos - minha avó – minha mãe – saúde – um doce especial – mel com leite é bom para os nervos – minha irmã – quarto – roupas da minha mãe – guarda roupas – provoca dor no coração – polui o pulmão – casa – reunião de família – meu pai quando era vivo – ir para a escola de manhã – bom, mas não é bom pro coração – tirar mel de abelha co a mãe, com os irmãos – remédio – animação com a família – nada acontece – namorada – roupa cheirosa – limpeza – ir pra igreja – passear – meu sobrinho cheirava a bebê – vinho – semana santa – peixe – forte – transtorno – atinge o cérebro – desunião – meu pai bebia e botava boneco – prejudicar a minha vida – meu padastro bebe – samburá – cera – comida – maconha.

Após esse momento, escrevemos num papel as palavras que tinham surgido na técnica dos cheiros e pedimos que eles pintassem, cada um em uma pequena tela de tecido, alguma coisa relacionada àquelas palavras e à experiência dos cheiros. Optamos por utilizar a pintura como forma de expressão devido ao fato de vários co-pesquisadores terem um baixo nível de instrução, o que dificultaria a expressão através da escrita.



Figura 3 – grupo-pesquisador produzindo os desenhos à partir da técnica do olfato.

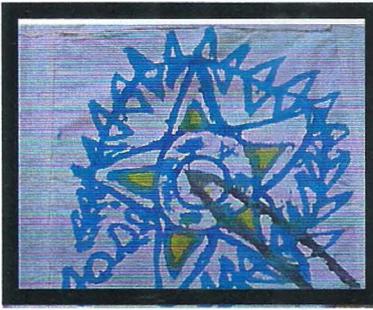
Em seguida, pedimos que eles organizassem os desenhos no centro da sala para que formássemos uma colcha de retalhos. Como não havia mais tempo suficiente para realizarmos a análise no mesmo dia, marcamos para a próxima oficina.

Na oficina seguinte, o grupo dividiu-se em quatro subgrupos para analisar o material produzido em forma de colcha de retalhos. Segue abaixo o resultado das análises e logo abaixo os comentários do grupo relativo àquele texto:

<p>Grupo 1 Lua, Jamaica e Marquinhos</p>	<p>Relação com a Família é bicoфонia. A abelha dá o mel, que serve para remédio, para curar doenças respiratórias. Cachaça destrói uma pessoa levando à morte, e leva à destruição de uma família. Hospital mental – serve para tratar as pessoas que estão com distúrbios mentais, conseqüentemente sendo levado a ser retirado da sociedade. A família é um berço sagrado, ajuda com seu amor a recuperação dos indivíduos. A mãe é muito importante para um lar ser feliz e vivermos em harmonia com filhos e netos, etc. Maconha é uma “troca” prejudicial à saúde em geral.</p>
<p>Comentários Jamaica - na sexta passada vocês trouxeram até maconha foi? Facilitadora – não... na verdade era pó de manjeriçõ mas alguém achou o cheiro parecido. Jamaica - Ah, se fosse eu ia acordar bem ligeirim. (risos)</p>	
<p>Grupo 2 Sabiá e Bolinha</p>	<p>A estrela é um astro do céu. Bicoфонia é uma doença que surge diante dos problemas particulares.</p>
<p>Grupo 3 Estrela e José</p>	<p>A estrela serve para clarear as nuvens. A abelha serve pra fazer mel, que através do mel é como remédio pra gente. Cachaça é uma droga que se você for beber ela lhe prejudica a sua doença e seu tratamento.</p>
<p>Comentários Sabiá – é verdade que a cachaça prejudica a saúde e os remédios. Não pode tomar cachaça com remédio não. Leonardo- eu penso assim, eu penso que tem coisas que a gente evita né? E tem coisas que a gente deseja e não tem né? Então acho que tem que pensar nisso também. Será que a gente ta evitando será que isso... será que devemos fazer isso realmente? Devemos evitar a cachaça?</p>	
<p>Grupo 4 Joana, Leão e Sheike</p>	<p>Meu pai e minha mãe me acompanham no tratamento. Porém umas crenças que nos acompanham e nos prejudicam durante toda vida. Essas crenças povoam nossa mente mas a</p>

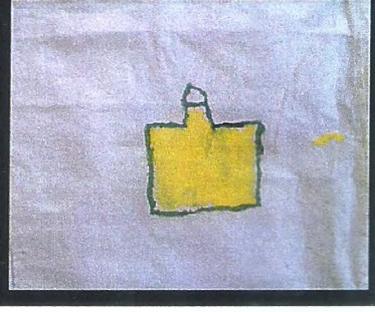
	<p>conscientização é o primeiro passo para minha libertação. A minha vida é tudo aquilo que é capaz de transtornar uma pessoa; ou seja, é uma depressão conduzida à parcialidade refletida na sociedade humana. Porém o hospital evita você a sentir tristeza, solidão, não provoca dor no coração, não faz mal nem prejudica a saúde. Ao atingir o cérebro, a depressão pode provocar loucuras neurológicas, por exemplo, a cachaça pode provocar transtornos psicológicos.</p>
--	--

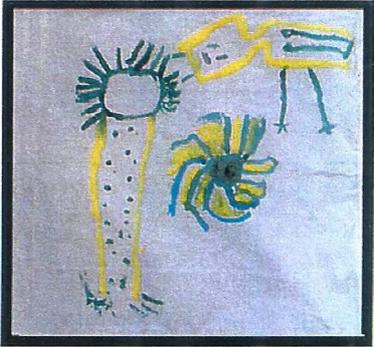
Após transcrevermos toda a produção e análise coletiva do olfato, percebemos que o fato de não termos realizado a apresentação individual dos desenhos tinha deixado muito a desejar na análise do grupo. Resolvemos, então, realizar esta apresentação na oficina seguinte, mesmo sabendo que o intervalo de tempo entre o dia da produção e o da apresentação alteraria os resultados. A seguir, apresentamos os relatos de cada um dos co-pesquisadores acerca de suas produção plástica e destacamos os símbolos equivalentes a cada produção (lembramos que nem todos os co-pesquisadores que estiveram na produção, estavam presentes nesse momento):

Co-pesquisador	Relato	Símbolo	Desenho
Sabiá	<p>O meu desenho significa a estrela do exército. Só isso mesmo. <u>Faz parte da família</u>. <u>Aí todo cidadão tem que servir</u>. Para mim significa muito importante.</p>	Estrela do exército	
Violeta	<p>Meu desenho foi esse que tem uma nuvem e um peixe. Eu quis desenhar sobre a <u>serenidade que é a calma</u>. O que eu desenhei ali representa a serenidade. É porque tem a árvore também que <u>significa vida</u> e também representa <u>uma família né?</u> A serenidade eu desenhei na nuvem e no peixe. <u>Ela existe e a gente procura né?</u></p>	Nuvem e peixe Árvore	

<p>Magda</p>	<p>Eu desenhei uma árvore e umas flores, como se estivesse no sertão. <u>Um sertão assim, como é que se chama? Na serra. Bem frio aí tem as árvores e as montanhas.</u> Desenhei porque eu me senti bem. Eu já fui uma vez e gostei. O meu desenho é porque quando a pessoa viaja e tem <u>contato com a natureza é muito bonito.</u> Aí isso significa a <u>vida...a esperança... dá vontade de viver mais ainda.</u></p>	<p>Árvore, flores e montanha</p>	
<p>Marquinhos</p>	<p>Eu desenhei essa casa vermelha com essa árvore aí. Isso aí <u>lembra a casa do meu avô</u> lá na serra da Guaramiranga, né? Onde eu nasci. Lembra muito a casa do meu avô porque é linda a casa lá e ta com um bom tempo que eu não vou lá e vou voltar de novo. E a natureza, quis mostrar a natureza, né? E a casa do meu avô. <u>Traz lembranças da minha infância.</u> Os poucos <u>momentos bons</u> que eu tive foi aí nessa casa, porque aqui em fortaleza foi só sofrimento, mas aí foi lembrança.</p>	<p>Casa e árvore</p>	
<p>Bolinha</p>	<p>Meu desenho não é esse (risos)⁸, mas eu vou dar a definição dele. É... ta parecendo com a brisa né? O sol, o mar. <u>Bicofonia é um pouco triste,</u> o sol né? Triste.</p>	<p>Brisa, sol e mar.</p>	

⁸ Quando retornamos na oficina seguinte à produção do olfato com os desenhos feitos pelo grupo, o co-pesquisador "Bolinha" afirmou que seu desenho estava faltando. Mostramos um desenho que tinha um sol e perguntamos se não era o seu mas ele disse que tinha certeza que não era. Não estava faltando nenhum desenho em quantidade (12 pessoas e 12 desenhos). Mesmo assim ele continuou afirmando que o desenho não era dele.

<p>Joana</p>	<p>Eu desenhei uma casa que é parecida com uma do interior onde eu sempre frequento e significa <u>alegria</u>. Tem a ver com a <u>família</u>. Essa casa significa muito minha família. Só isso mesmo.</p>	<p>Casa</p>	
<p>Benjamim</p>	<p>Meu desenho foi o peixe né? Faz lembrar o momento da <u>semana santa</u>... a gente comemora com uma <u> festa </u> né? Traz muita <u>felicidade, saúde</u>. É uma data importante pra gente. O peixe lembra a <u>família</u>, faz parte da semana santa também.</p>	<p>Peixe</p>	
<p>Estrela</p>	<p>O meu desenho foi uma cachaça. Ela significa a <u>bicofonia</u>: <u>ela brinca mais machuca</u> também. Ela transmite doença e pode levar até a pessoa a morte. A família é como se fosse a <u>bicofonia</u>, é uma cachaça: brinca, mas ao mesmo tempo ela machuca as pessoas, que <u>pode levar até ela a morte</u>. Só isso mesmo.</p>	<p>Cachaça</p>	
<p>Lua</p>	<p>A minha é a árvore, cheia de frutas e tem duas abelhinhas. A árvore significa <u>a vida, a família</u> né? E as abelhinhas significa <u>dar o mel</u> né? <u>pra sarar as algumas doenças na família e nas pessoas</u>. Certas pessoas tem problemas né? E a família é de uma grande ajuda para mim, no meu caso a minha família me dá todo apoio me dá a maior força. Por eles eu não tinha esse problema que se chama <u>bicofonia</u> né? Nem pra mim também. To lutando pra passar tudo isso.</p>	<p>Árvore e abelhas</p>	

<p>José</p>	<p>Eu desenhei aqui uma planta né? uma flor e uma abelha, certo? E tem quanto a ver com a família porque quando eu morava no interior a gente ia pro mato, ia dois, três da família e quando a gente chegava em casa era uma festa mais medonha do mundo. Comendo mel. Eu me lembro muito dessa época. <u>Tem a ver com a família porque é a maior união né? E eu me sinto muito feliz porque a minha família tem cuidado muito de mim com essa minha doença. Tem quanto a ver sim, com a bicofonia.</u> Eu acho que é por aqui mesmo, só isso mesmo.</p>	<p>Planta, flor e abelha</p>	
--------------------	---	------------------------------	---

Após a exposição individual dos desenhos, perguntamos ao grupo se alguém queria falar algo sobre os desenhos de outras pessoas. A partir daí seguiu-se uma discussão da qual destacamos os relatos a seguir:

Co-pesquisador	Relato
<p>Lua</p>	<p>Teve muita árvore e peixe né? Eu acho que a árvore é como uma árvore genética né? A família tem raízes. porque as plantas significa vida. Significa a natureza, né? Deus... Olha uma rosa, num tem uma coisa mais bela! A família unida jamais será vencida. Existem famílias que infelizmente não têm essa árvore, essa ligação, tipo aquela história da cobra engolindo cobra né? Tão sempre em desunião, família que não é unida traz problema né? A minha família é unida sim: na hora de um sofrimento de um a gente ta sempre próximo. Isso não quer dizer que é todas né? Tem pessoas que não gosta nem dos irmãos. Eu graças a Deus (...)</p>
<p>Magda</p>	<p>Tem gente que conversa com a árvore né? Tem gente que conversa.</p>
<p>Jamaica</p>	<p>Ela falou que tem pessoas que não gostam dos irmãos e eu tenho nojo da minha família. Família é a desgraça que a gente tem na vida da gente.</p>

ao mesmo tempo, não deixa espaço para mais nada. O corpo que se esconde por trás dela contrasta fortemente com sua imponência, pois é pálido e quase invisível. É como a família que, de tanto proteger, passa a sufocar. Pode estar presente numa situação de bicoфонia.

- **Árvore-necessidade:** É o oposto da árvore plena, mas também pode estar relacionada com situações de bicoфонia. Ela pede toda a atenção possível. Todos os elementos do conjunto apontam para ela. Apesar disso, ela é raquítica e disforme. Seus frutos são fracos e escassos e seu tronco é preenchido por uma escuridão que contrasta com as cores do conjunto. Assim como essa árvore, existem algumas famílias, ou alguns membros da família que adotam essa posição.
- **Árvore-gente:** ela é uma forma transitória meio homem, meio árvore. Esta indefinição lhe dá várias possibilidades dependendo do ponto de vista. A copa pode ser o cabelo, a cabeça quadrada pode ser um suporte. O corpo sem braços e disforme é também um trono rígido aprisionando pequenas moléculas soltas, marcas de uma vida. A árvore gente é uma possibilidade dentro da bicoфонia de não se sentir preso a uma única forma e poder inventar situações.
- **Árvore-vazia:** tudo que ela tem é um tênue contorno. Por dentro, nada, por fora, também nada. Ao seu lado um peixe também nada num mar intocável. Para ela não existe chão nem água. Ela flutua num espaço vazio. Por cima, nuvens carregadas não derramam água. Todos os elementos numa tentativa de sobrevivência. Em algumas situações de bicoфонia a pessoa pode se apresentar assim, triste e sentindo-se impotente.
- **Árvore-árvore:** essa árvore é toda ela bem delimitada. O caule destaca-se do restante marcando uma separação e não encontra completamente a terra. A copa é carregada de frutos bem maduros e não consegue se equilibrar no tronco, pois sua base é muito estreita em relação ao restante. Mesmo com essas instabilidades, mantém um aspecto harmônico. Essa árvore é a relação idealizada da família com a bicoфонia.
- **Árvore-opressão:** assim como a árvore plena ela também é cheia, mas não consegue ocupar muito espaço. Ela fica oprimida entre as molduras, encaixada numa forma. Assim como a árvore-necessidade, ela também tem uma escuridão no interior, entretanto, ao contrário da primeira, não recebe nenhuma atenção. Apenas uma tênue linha a conecta ao

elemento ao lado. As situações de baixa auto-estima da bicofonia podem levar a uma árvore opressão.

Além das árvores, existem outros elementos que compõem essa natureza: a estrela marcada é o centro do olho, ao ser atacada, alvejada, perde seu sentido de visão. O sol tenta clarear os espaços, entretanto, não consegue alcançar seu objetivo, pois é muito tímido, tem medo de sair, medo de se mostrar. Em outro momento mostra-se confuso, tentando refletir a luz, mas seu interior não consegue ser iluminado. O peixe também está presente. É um peixe morto, sem cabeça ou então um peixe que tenta sobreviver, procurando encontrar a água. Vemos também um grande mar sem peixes. Na relação com a bicofonia estes elementos mostram as dificuldades que precisam ser enfrentadas na batalha pela sobrevivência.

O homem também faz parte dessa composição, mas está sempre só, apagado e disforme. Em algum momento chega a ter cara de bicho ou a se confundir com a árvore. Toda essa natureza é mediada pelas máscaras, máscaras contraditórias: cômica e trágica. Formam uma representação teatral onde a bicofonia encena seu papel.

3.2 Análise da produção oral

Utilizamos como material para realizar a análise da produção oral todos os relatos dos co-pesquisadores acerca da sua produção. A seguir passamos a apresentar essas análises.

3.2.1 Categorização do olfato

Inicialmente apresentamos a categorização das palavras associadas pelo grupo às substâncias da técnica dos cheiros. Em seguida, categorizamos as falas do grupo sobre a produção do olfato onde pudemos identificar as seguintes categorias: “Símbolos da família”, “o relacionamento com a família”, “Símbolos da bicofonia”, “O contato com a natureza”, “Fragmentos de lembranças”. Passamos agora a apresentação de cada uma delas.

Categorização das palavras associadas pelo grupo às substâncias
A família: meu pai - meu marido - família - minha avó - minha mãe - minha irmã - reunião de família - meu pai quando era vivo - meu sobrinho cheirava a bebê - namorada - quarto - guarda roupas - casa.
Fragmentos de lembranças: Perfume da mãe - sítio onde morávamos - um doce especial - tirar mel de abelha com a mãe, com os irmãos - roupas da minha mãe - ir para a escola de manhã - ir pra igreja - roupa cheirosa - semana santa - animação com a família - passear -

limpeza – Peixe – Forte – Desunião – Comida
saúde/doença: não é saúde - faz mal e prejudica a saúde - mel com leite é bom para os nervos – remédio - provoca dor no coração – hospital – mental - polui o pulmão – transtorno - atinge o cérebro – saúde - prejudicar a minha vida - bom, mas não é bom pro coração.
Bebida alcoólica e outras drogas: Álcool – Cachaça - meu padastro bebe - meu pai bebia e botava boneco – vinho – maconha
Não senso: não sei - estou confusa - nada acontece.

Categorização das falas do grupo sobre a produção do olfato:

I – Símbolos da família
<ol style="list-style-type: none"> 1. A estrela do exército faz parte da família. Todo cidadão tem que servir. 2. A árvore significa vida e também representa uma família. 3. A casa significa alegria e significa muito a família. 4. O peixe lembra o momento da semana santa que a gente comemora com uma festa. Traz felicidade e saúde e lembra a família também. 5. A família é como se fosse a bicoфонia, é uma cachaça: brinca, mas ao mesmo tempo ela machuca as pessoas, que pode levar até ela a morte. 6. A árvore significa a vida, a família. A abelha significa dar o mel para sarar doenças na família e nas pessoas. A família é de uma grande ajuda, dá todo apoio. 7. A planta, a flor e a abelha tem muito a ver com a família porque é a maior união, fico muito feliz porque a família cuida de mim com essa doença. 8. A árvore é uma árvore genética. A família tem raízes e significa vida. Infelizmente existem famílias que não têm essa ligação. É cobra engolindo cobra.
<p>2 e 6 convergem ao associarem a família à árvore.</p> <p>8 também associa a família à árvore mas diverge de 2 e 6 ao destacar que não são todas as famílias, pois algumas estão mais associadas a cobra.</p> <p>6 e 7 convergem ao associar a família à abelha devido a sua função de cuidar.</p> <p>5 diverge dos outros relatos pois associa a família à cachaça e afirma que além de brincar ela também pode machucar. Relaciona a família à bicoфонia.</p> <p>1 associa a família à estrela do exército.</p> <p>3 associa a família a uma casa.</p> <p>4 associa a família ao peixe que representa semana santa, felicidade e saúde.</p>

II – O relacionamento com a família

1. Eu tenho nojo da minha família. Família é a desgraça que a gente tem na vida da gente.
2. Ela sendo unida é feliz, não sendo, gera problema.
3. Por isso que é bom morar longe. né?
4. A minha é mais ou menos, mas dá pra levar.
5. Eu gosto deles. Eles é que não reconhecem quem sou eu, acham que eu sou uma louca, uma débil mental porque eu gosto de brincar e eles acham que isso aí não é do jeito normal. Eles são bem sérios, num respeita ninguém, querem ser maioral.
6. Um irmão não ia jogar dentro dum hospital desse não.
7. Por eles (família) eu não tinha esse problema que se chama bicoфонia né? Nem pra mim também. To lutando pra passar tudo isso.

1 destaca que a família é a desgraça na vida de uma pessoa.

2 fala da existência de dois tipos de família, a família unida – feliz, e a que não é unidade – gera problemas.

4 diverge de dois ao colocar a família numa posição relativa e não em extremos.

5 aponta uma dificuldade de relacionamento com a família devido a diferenças no modo de pensar: a família é séria e não aceita brincadeiras.

6 destaca a dificuldade de lidar com um membro da família que o submete ao internamento.

7 destaca o desejo da família de que ele não sofresse de bicoфонia.

III – Símbolos da bicoфонia

1. Ta parecendo com a brisa né? O sol, o mar. Bicoфонia é um pouco triste, o sol né? Triste.
2. O meu desenho foi uma cachaça. Ela significa a bicoфонia: ela brinca mais machuca também. Ela transmite doença e pode levar até a pessoa a morte.

1 diverge de dois ao associar a bicoфонia à tristeza enquanto dois associa a bicoфонia à brincadeira.

2 é ambíguo ao afirmar que a bicoфонia brinca, mas machuca.

IV – O contato com a natureza

1. O meu desenho é porque quando a pessoa viaja e tem contato com a natureza é muito bonito. Aí isso significa a vida...a esperança. Dá vontade de viver mais ainda
2. E a natureza, quis mostrar a natureza né? E .a casa do meu avô. Traz lembranças da

minha infância. Os poucos momentos bons que eu tive foi aí nessa casa, porque aqui em Fortaleza foi só sofrimento, mas aí foi lembrança.

3 Meu desenho foi esse que tem uma nuvem e um peixe. Eu quis desenhar sobre a serenidade que é a calma. O que eu desenhei ali representa a serenidade.

1 e 2 convergem ao apontar potências do contato com a natureza: 1 destaca que o contato com a natureza significa a vida e a esperança e dá vontade de viver mais ainda e 2 mostra que a natureza faz lembrar momentos bons.

3 mostra elementos da natureza como símbolos de calma e serenidade.

IV – fragmentos de lembranças

1. Eu desenhei uma árvore e umas flores, como se estivesse no sertão. Um sertão assim, como é que se chama? Na serra. Bem frio aí tem as árvores e as montanhas. Eu já fui uma vez e gostei.

2. Eu desenhei essa casa vermelha com essa árvore aí. Isso aí lembra a casa do meu avô lá na serra da Guaramiranga né? Onde eu nasci. Lembra muito a casa do meu avô porque é linda a casa lá e ta com um bom tempo que eu não vou lá e vou voltar de novo.

1 é ambíguo ao falar de um sertão/serra.

3.2.2 Análise transversal – quais os cheiros da relação da família com a bicoфонia?

A família é a árvore da vida que anuncia a alegria. Ela estende seus galhos formando a árvore genética onde pai, mãe, irmãos, avós, namorados, todos se encontram e se fortalecem através da união. Ela exala seus odores que trazem consigo lembranças de infância, detalhes de momentos felizes: o perfume da mãe, um doce especial, a reunião de família, a casa das férias na infância, o cheiro da roupa lavada, o peixe e o vinho da semana santa. Assim como uma abelha que dá o mel, a família dá sua atenção e seu carinho no cuidado com seus membros que precisam.

Entretanto, infelizmente, nem toda família tem essa árvore. Seu símbolo pode ser bem diferente e os galhos da árvore transformam-se em cobras engolindo cobras. A união não existe e a família passa a ser uma desgraça e, além de não oferecer cuidados, pode até se aproximar da própria bicoфонia até que as duas sejam uma só e mesma coisa. O símbolo das

duas, família e bicoфонia, agora é um outro mel. Não o que vem da abelha, mas o mel da cana, também conhecido como cachaça: ela brinca, mas ao mesmo tempo machuca e pode até levar a pessoa à morte. É uma família marcada pela incompreensão, pois não aceita que algumas pessoas tenham um jeito de ser diferente.

Mesmo assim, existem famílias que não se situam em nenhum desses dois extremos. Nem árvore da felicidade nem droga destruidora, elas não são perfeitas, mas se pode estabelecer um bom convívio dentro dela.

Outros cheiros vão se misturando nesse cenário. De vez em quando a brisa da bicoфонia sopra e, mesmo a paisagem mais colorida, até o sol mais brilhante, torna-se sombrio e triste. Por outro lado, o contato com a natureza pode trazer serenidade, calma e a esperança de vida, com a vontade de viver mais ainda.

3.2.3 Análise Surreal

No trabalho com os dados do grupo surgiu a vontade de brincar um pouco com as palavras e afetos que perpassaram a produção através do olfato. A partir daí construí esse poema que foi levado ao grupo como forma de jogar com as idéias e, quem sabe, fazer proliferar outras.

Meu nariz é uma peneira
 Que cõa o resto do mundo
 Pois se a vida me chega inteira
 Quem garante que eu não afundo?

Senti um cheiro de mato
 Da árvore verde da vida
 Mas sinto também o verde
 Amargo de uma ferida

Afinal árvore não é
 Só aquilo que dá no pé?
 Ou será que pé – de – cana,
 É árvore ou não é?

Vejo estrelas no caminho,
 Piso estrelas, tomo um vinho.
 Às vezes são astros no céu

Às vezes sou eu sozinho

Tem mel de doçura que cuida e cura

Tem o que brinca e machuca, é mel de amargura.

Tem um que sara, tem um que engana,

Qual dos dois é mel de abelha, qual dos dois é mel de cana?

4 PRODUZINDO ATRAVÉS DA AUDIÇÃO

Deixa-me ouvir o que não ouço...

Não é a brisa ou o arvoredor;

É outra coisa intercalada...

É qualquer coisa que não posso

Ouvir senão em segredo,

E que talvez não seja nada...

(Fernando Pessoa)

Produzir através da audição era uma proposta muito audaciosa que estávamos levando ao grupo. Acostumados que estamos a falar nas pesquisas acadêmicas, seria um desafio tentar construir algo ouvindo. Serres (2001:91) lembra-nos o quanto estamos enrijecidos pela fala, empanturrados de linguagem como drogados. E ele lembra que a língua inglesa usa mesmo um termo coerente: *addicted*, anestesiado no dito. *Ébrio de verbo, como se dissesse ébrio de Deus*. Será que poderíamos superar esse vício de falar sobre as coisas para passarmos a ouvi-las? Para isso, teríamos que aceitar a realidade crua dos sons. Não apenas sons agradáveis de melodias e notas musicais, mas tínhamos que acostumar nossos ouvidos a suportar o ruído. Aquele mesmo ruído que a ciência fez questão de limpar durante tanto tempo, mas que a loucura insiste em produzir:

Infelizmente, ouvimos ruídos, já não podemos fazer como se só existíssemos nós e deus no mundo; lamentos, gritos, soluços brados, encantamentos nos agridem, muito antes de receberem sentido; temos, pois, de compor música a cada instante para sobreviver, sentir, participar das conversas, e para fazê-lo devemos ficar expostos às feras e às sereias, à dispersão das coisas, do grupo e de nossos membros, expostos às Bacantes. (SERRES, 2001:124)

Será que estávamos preparados para renunciar à segurança da representação da palavra e nos entregarmos ao ruídos das coisas? O convite foi lançado e iniciamos nosso relaxamento propondo que todos deitassem nos colchonetes dispostos em círculo no meio da sala. Ao som

de uma música suave começamos o relaxamento chamado “Viagem à loja mágica”⁹ passando as seguintes instruções:

Primeiro vamos começar mentalizando a respiração. Inspirando o ar pelo nariz e expirando pela boca. (silêncio) Imaginem agora que você está numa estrada, caminhando sozinho. Como é essa estrada? O que existe nela? Olhe ao seu redor e observe a natureza. (silêncio) Essa estrada leva você a uma cidade deserta... não há ninguém na cidade, só você. Observe as casas...as ruas... Imagine o que existe nessa cidade. (silêncio) Ao longe você percebe que existe uma loja e você se dirige em direção a ela. A loja também está deserta, mas lá existem várias prateleiras repleta de coisas. Que coisas são essas? O que existe nessas prateleiras? (silêncio) Depois de observar todas as prateleiras você percebe que existe uma porta nos fundos da loja...você abre a porta e entra numa outra sala menor. O que existe nessa sala? Como ela é? (silêncio) Num dos cantos da sala tem um amontoado de coisas cobertas por uma pano preto. Você levanta o pano...e o que você encontra lá? (silêncio) Agora você olha para o outro lado da sala e vê sob uma prateleira uma caixa preta fechada onde está escrito “caixa mágica de sons”. Você pega a caixa para você e sai correndo da loja... (silêncio) você passa novamente pela cidade deserta, passa novamente pela estrada (silêncio) e a estrada traz você de volta ao hospital-dia. Aos poucos você vai acordando... abrindo os olhos devagar... esticando o corpo... acordando.

Após o relaxamento, pedimos que cada um imaginasse que dentro daquela caixa havia um som. E que esse era o som da bicoфонia na família. Pedimos que cada um imaginasse o seu som e explicamos que em seguida cada um iria apresentá-lo individualmente e depois todos iriam fazer o seu som ao mesmo tempo compondo uma sinfonia a qual seria gravada. Em seguida o grupo foi dividido em subgrupos e pedimos que eles ouvissem a gravação do som que haviam produzido e produzissem uma análise daquela produção.

<p>Grupo I Jamaica, Joana, Sabiá e Irene</p>	<p>Jamaica – esse som representa quando eu e minha irmã estamos meditando. Passamos duas horas só com esse som. Nós nos</p>
--	---

⁹ Esta técnica foi adaptada de Liebmann (2000:248)

	sentimos tão bem, só com esse som nós viajamos o mundo todo. Joana – as palmas me relembram os aniversários de toda minha família, principalmente o meu. Sabiá - esse som parece de um zumbi de uma orquestra. Irene – esse som representa a abelha que dá mel pra curar doenças, principalmente da garganta e de todos da minha família.
Grupo II Sheike e Bolinha	O som é muito confuso e não representa nada. O som traz muito problema pra família. As vezes fica muito confuso e deixa a cabeça cheia de problema. Pode trazer muito transtorno para a pessoa.
Grupo III Benjamim, José e Lua	Pessoas fazendo imitações de sons diferentes, sons confusos que nos deixam tristes. Se a família ouvisse ia achar que nós estamos piores, em crise de bicoфонia.

Após a apresentação dos grupos, abrimos espaço para uma discussão sobre os textos produzidos, a qual apresentamos a seguir:

Co-pesquisador	Relato
Lua	A família vai achar que a gente não está bem porque esse som é muito confuso. É poluição sonora.
Benjamim	la dizer que nós tava doido. Eu acho que ta um pouco. Porque emendou com tudo: emendou o “psiu” com o “bê”, fica parecendo assim um pouco desorientado né? Se a família visse num ia acreditar que a gente tava num hospital em tratamento não. la dizer que tava mais pior de que quando entrou.
Jamaica	Eu não concordo não (que a família fosse estranhar) Porque esse som que eu e minha irmã produz quando ta relaxando. A gente solta tudo de dentro da gente. Tanto a gente vai buscar como vai deixar.
Benjamim	Tava falando, tava uivando, tava berrando, assoviando, batendo palma. A família ia dizer: que som é esse pelo amor de Deus? O que

	foi isso que aconteceu? Doido, ta tudo doido?
Sabiá	Esse som ficou perturbado.
José	E o que que significa esse som? Só quem sabe mesmo sabe quem é? É vocês duas. (referindo-se a mim e à Madalena)
Jamaica	Bota aí de novo esse som, dá pra sambar?
Sabiá	Eu acho que é som de voz.
Benjamim	Pra mim só dá barulho porque misturou tudo ali.
Estrela	tem sim (relação com a bicoфонia), agora que eu me toquei que tem o mel que ajuda a gente quando a gente ta precisado. Agora aquele som ali eu num sei não.
José	Parece assim, um som de abelha.
Lua	A abelha transmite o mel né? Que cura qualquer coisa, é saúde. Mel é ótimo com limão e sal pra garganta. Serve de expectorante.
Jamaica	Mas transmite também cada beliscada! Transmite uma beliscada bem legalzinha.
Lua	É, ela também transmite doença... tem ferrão que ficando dentro dá febre. Com a família é a cura né? E com a bicoфонia é, transmite doenças.
Jamaica	A família é uma doença também.
Jamaica	Aquele som ali parece um bocado de doido. De um por um, tudo bem, mas tudo misturado assim? Parece um bocado de doido daqueles bem perturbado mesmo. Pronto, eu dou um exemplo: pavilhão cinco, aqui se tornou um pavilhão.
Benjamim	E o p4 (pavilhão quatro). Lá tem gente impregnado desse jeito aí, urrando, gritando.
(Lua)	Mas se bem que naquelas festas que a gente vai fica lá, todo mundo gritando e dançando. Parece um bocado de doido, e nem são doidos né? Carnaval?? Sai todo mundo gritando, é pulando, parece um bocado de doido né? Ainda diz que é bom e bonito, e serve pra relaxar. Quer dizer que termina tudo em samba.
José	Eu morro e não entendo... ainda tô pensando aqui o significado daquilo que a gente fez lá.
Lua	Esse som aparece também quando ta brigando.
José	E às vezes aparece em reuniões, até numa festa, na igreja.

4.1 Análise da produção oral

O material produzido na discussão e na apresentação dos grupos foi utilizado para a realização das análises a seguir.

4.1.1 Categorização da produção da audição

A partir das falas analisadas identificamos as seguintes categorias: “os significados do som da bicoфонia”, “relação da família com o som”, “a família e a abelha” e “outras imagens do som confuso”.

I – Os significados do som

1. Porque é todo mundo de uma vez só falando, sem ninguém entender nada.
2. Esse som ficou perturbado.
3. Som de voz.
4. Pra mim só dá barulho porque misturou tudo ali.
5. Esse som dá pra sambar?
6. Parece assim um som de abelha.
7. Aquele som ali parece um bocado de doido.
8. De um por um, tudo bem. Mas tudo misturado assim? Parece um bocado de doido daqueles bem perturbado mesmo. Pronto, eu dou um exemplo: pavilhão cinco. Aqui se tornou um pavilhão.
9. P4 (pavilhão quatro), lá tem gente impregnado desse jeito aí: urrando, gritando.
10. Tudo de uma vez.
11. Ficou misturado, coisa de doido, ficou aqueles pacientes quando tão tudo em crise.
12. Mas se bem que naquelas festas que a gente vai, fica lá todo mundo gritando e dançando. Parece um bocado de doido e nem são doidos. Carnaval?? sai todo mundo gritando, é pulando, parece um bocado de doido né? E ainda diz que é bom e bonito.
13. É, e serve pra relaxar (risos) quer dizer que termina tudo em samba.
14. Esse som aparece quando ta brigando.
15. Aparece às vezes em reuniões, até numa festa, na igreja.

1 afirma que ninguém consegue entender o significado do som.

7, 8 e 11 convergem ao associar o som produzido à “coisa de doido”.

4, 10 e 11 convergem ao destacar a mistura do som.

5 e 3 convergem ao associar o som ao samba.

3 e 6 convergem ao associar um significado à origem do som.

8, 9, 12, 13, 14 e 15 convergem ao destacar situações onde esse som pode ser encontrado.

8 e 9 associam o som ao pavilhão de internamento.

12 e 15 associam o som a festas.

II – Reação da família perante o som

1. A família vai achar que a gente não está bem. Porque esse som é muito confuso. É poluição sonora.
2. (A família) ia dizer que nós tava doido.. Eu acho que ta um pouco. Porque emendou com tudo, Emendou o “psiu”, com o “bê”. Fica parecendo assim um pouco desorientado né? Se a família visse num ia acreditar que a gente tava num hospital em tratamento não. Ia dizer que tava mais, mais pior de que quando entrou.
3. Eu não (concordo). Porque esse som que eu e minha irmã produz a gente solta tudo de dentro da gente. Tanto a gente vai buscar como vai deixar.
4. Tava falando, tava uivando, tava berrando, assoviando, batendo palma. (risos) A família ia dizer: que som é esse pelo amor de Deus? O que foi isso que aconteceu? Doido, ta tudo doido?

1, 2, e 4 convergem ao afirmar que a família não entenderia aquele som e o associaria a “coisa de doido”.

3 opõem-se aos outros, pois afirma que existe espaço para esse som na família.

III – A Família e a Abelha

1. A abelha transmite o mel, né? Que cura qualquer coisa, é saúde. Com a família é a cura né? E com a bicofofia é... transmite doenças.
2. Transmite também cada beliscada! Transmite uma beliscada bem legalzinha. (irônica)
3. Mel é ótimo com limão e sal pra garganta. Serve de expectorante.
4. Ela (abelha) também transmite doença, tem ferrão que ficando dentro dá febre.
5. A família é uma doença também.
6. Tem sim, agora que eu me toquei que tem o mel que ajuda a gente quando a gente ta precisado.. agora aquele som ali eu num sei não...

1, 3 e 6 convergem ao associar o mel da abelha à cura.

1 afirma que a família também é a cura.

2 e 4 opõem-se a 1 e 3 e 6 por associar a abelha às ferroadas.

E se enche de birita
Mas ainda é normal!

Olha aí minha família
hoje é dia de visita
Lá no pavilhão quatro
Gente uiva, gente sente
Mas quem chega não entende
Isso é coisa de doente

De repente o mudo vira
Você vai ver que eu não minto
Sai todo mundo do pavilhão cinco
Pra fazer festa lá fora

5 PRODUZINDO ATRÁVÉS DO TATO

A carta de identidade, um pouco fluida e como que elástica, segue o mapa delicado do tato. Esquece a geometria pela topologia; esquece a geometria pela geografia; esquece o ponto de vista, a representação, pelos montes, estreitos, blocos, planos projetivos, bordas que vêm ao contato, à contingência. (...) A pele sabe explorar os arredores, os limites, as aderências, bolas e nós, litorais ou cabos, os lagos, promontórios e dobras. (Michel Serres)

Durante a realização dessa oficina, apenas nove pesquisadores estiveram presentes. Já se passou quase um mês desde a realização da primeira oficina e vários dos pesquisadores receberam alta do hospital. Mesmo assim, eles continuaram manifestando interesse em frequentar o nosso grupo de pesquisa. Entretanto, a dificuldade financeira vivenciada pela maioria dificulta o deslocamento para o hospital, pois, uma vez de alta, eles não teriam mais direito ao auxílio-transporte que o hospital oferece. Conversamos com a coordenadora do serviço e conseguimos viabilizar o auxílio para que, aqueles que quisessem, continuassem comparecendo às oficinas.

A oficina do tato foi elaborada tomando por base alguns elementos da experiência desenvolvida pela artista plástica Lygia Clark por volta dos anos sessenta e, posteriormente, adotada pelo psiquiatra Lula Wanderley (2002) na clínica com psicóticos. A proposta inicial de Lygia era o desenvolvimento de uma produção artística que saísse do âmbito exclusivo da contemplação passiva e puramente óptica do espectador e passasse a se constituir numa experiência corpórea e participante na criação da linguagem artística:

Lygia Clark percebe a mútua ruptura e incorporação objeto-corpo, o que torna a experiência intensa e perturbadora pois tende a abolir tanto a arte (objeto) quanto o corpo (imagem do corpo), fazendo-os ressurgir como espaço potencial de criação no interior de cada criatura. Experiência que dilui a noção de superfície, supera a dicotomia sujeito-objeto e se projeta para mais além do “eu” que determina a individualidade. (WANDERLEY, 2002:20)

Posteriormente, a artista começa a trabalhar a perspectiva da relação corpo-arte num enfoque terapêutico através da proposição dos objetos relacionais. Nesse período deram-se as primeiras aproximações de Wanderley com a obra de Lygia Clark da qual tornou-se colaborador.

Os objetos relacionais são formados de matérias surpreendentemente simples e, ao serem apenas vistos, não apresentam nenhum valor estético: pequenas almofadas de tecido recheadas com terra, sementes, bolinhas de isopor; sacos de plástico com água ou ar; meias femininas com pedras ou bolinhas, etc. Segundo Wanderley (2002), a especificidade destes objetos está na potencialidade sensorial que eles contêm em suas texturas, pesos e temperaturas. O autor afirma, ainda, que experimentados em conjunto, eles têm uma certa semelhança com o ambiente primário que envolve o corpo, ou seja, às *qualidades plurissensoriais gravadas numa memória pré-verbal do corpo*. (WANDERLEY, 2002:35) Esta experiência vai constituir uma espécie de linguagem do corpo.

Entendemos que essa proposta vai ao encontro das nossas expectativas com a Sociopoética em vários pontos, apesar de não termos um enfoque terapêutico. Primeiro por utilizar a criatividade artística na produção dos dados, segundo, por valorizar a utilização do corpo como força criativa e, finalmente, por proporcionar uma relação corpo/objeto

extremament
e produtora
de
estranhamen
to já que
parte de uma
experiência
com objetos
despidos de
significados
a priori.
Sendo
assim,



Figura 5 – Alguns objetos relacionais utilizados na oficina do tato

elaboramos, baseados na descrição de Wanderley (2002), alguns objetos relacionais para a realização da oficina do tato, os quais descrevemos a seguir:

- **Objeto de ar e pedra:** saco de rede de cerca de 60 x 50 cm contendo em seu interior um saco plástico inflado (objeto de ar) e uma pedra oval;
- **Objetos leve:** almofada de tecido medindo cerca de 30 x 30 cm recheada de bolinhas de isopor;
- **Objetos leve – pesado:** almofada de tecido medindo cerca de 30 x 30 cm com uma costura ao meio separando-a em duas partes sendo uma delas recheada com areia e a outra com bolinhas de isopor;
- **Objeto leve – áspero:** meia calça feminina com bolinhas de isopor amarradas numa das pernas e na outra uma escova de cabelo de cerdas duras;
- **Água-viva:** objeto feito de manta acrílica costurada em várias linhas, recheada de bolinhas de isopor e com uma franja no final (esse objeto surgiu durante a elaboração desta oficina e não está descrito no livro do Wanderley);
- **Objeto de água:** Saco plástico com água nas dimensões de 30 x 50 cm;
- **Objetos pesado-pesado:** almofada de tecido medindo cerca de 30 x 30 cm com uma costura ao meio separando-a em duas partes sendo uma delas recheada com areia e a outra com pedras;
- **Tubo de papelão:** tubo de cerca de 1,5m por onde o ar é soprado no corpo do participante;
- **Baba antropofágica:** um novelo de linha é mergulhado na água e desenrolado sobre o corpo do participante.

Antes de iniciarmos o contato com os objetos, solicitamos a todos que se deitassem nos colchonetes dispostos em círculos. Pedimos também que retirassem os sapatos e arregassem as pernas das calças e as mangas das camisas para deixar uma porção maior do corpo exposto. Entregamos na mão de cada um uma pequena pedra e pedimos que eles a segurassem durante o relaxamento. Ela seria o ponto de contato com a realidade durante a viagem que iríamos realizar. Entregamos também um pedaço de tecido preto para que cada

participante vendasse os olhos e solicitamos que, durante o contato com os objetos, eles procurassem associá-los ao nosso tema: relações entre família e bicoфонia. Acompanhados de uma música suave fomos passando as seguintes instruções:

Primeiramente vamos focalizar a concentração na respiração. Bem devagar vamos inspirar o ar pelo nariz e expirar pela boca (silêncio). Imagine-se agora numa praia deserta. Você está caminhando com os pés descalços pela areia. Sinta o contato com a areia... o vento... o barulho do mar (silêncio). Aproxime-se da água e molhe seus pés. Sinta o contato com a água (silêncio). Agora comece a entrar na água bem devagar... sinta a água subir até suas pernas... até sua cintura (silêncio). Nesse momento, você vê próximo de você uma grande bolha transparente e se aproxima dela. Você entra dentro da bolha e sente-se protegido (silêncio). Você sente agora que a bolha está mergulhando no mar com você. Protegido pela bolha você consegue mergulhar dentro do mar e continuar respirando. Agora você vai fazer um passeio submarino, sempre protegido pela bolha. O que você observa nesse passeio? O que você vê dentro do mar? (silêncio) imagine os peixes passando por você e as algas coloridas (silêncio). Agora a bolha leva você em direção a uma caverna submarina. Você entra na caverna e lá está tudo escuro. O que você sente? O que existe nessa caverna? (silêncio) agora você percebe uma luz vindo do fundo da caverna. A bolha lhe leva em direção a essa luz. (silêncio). Você começa a subir a superfície. A bolha lhe joga de volta a praia e desaparece. Você está deitado na areia agora. Bem relaxado. Sinta seu corpo na areia e aperte sua pedrinha.

Nesse momento do relaxamento eu, Madalena e Leila (duas co-facilitadoras) começamos a colocar os objetos em contato com o corpo dos pesquisadores. Fomos passando alternando os objetos pelo corpo dos pesquisadores por cerca de 10 minutos. Durante este momento percebemos que os co-pesquisadores aparentavam estar num relaxamento profundo, evidenciado tanto pela viagem imaginária, como pelo toque dos objetos. Entretanto, um fato nos chamou a atenção. Logo no início do contato com os objetos, ao colocarmos a “baba rofófica” (objeto descrito acima) em contato com um dos co-pesquisadores, percebemos que ele havia ficado bastante assustado. Ele se mostrava agitado e tentou tirar a venda dos olhos para ver o que estávamos passando por seu corpo. Nesse momento, sentei ao seu lado

segurando no seu braço e conversei um pouco com ele. Perguntei se queria desistir da técnica e se ele se sentia bem. Logo após esse contato, ele pareceu mais calmo e disse que gostaria de continuar.

Situações desse tipo, em que temos que lidar com o imprevisível, com possíveis explosões, sempre podem acontecer quando trabalhamos com grupos. Mais ainda quando investimos sobre o corpo e nas sensações imaginárias ligadas a esse corpo. Lígia Clarck chamou esse contato direto com a subjetividade e a fantasia de “fantasmática do corpo”. Seria um espaço *onde corpo e fantasia se fundem através da memória afetiva que o corpo guardou de nossas relações com o mundo*. (WANDERLEY, 2002:20). Quando estamos abordando essa fantasmática do corpo junto a pessoas que vivenciaram ou vivenciam experiências psicóticas estamos lidando com um corpo muito marcado nas suas relações com o mundo. Acreditamos que nessas situações não existem fórmulas prontas de como o facilitador deve agir. Entretanto, nesse caso específico, o fato de se ter mantido um contato mais intenso através do toque e da fala ajudou a resgatar o contato com a realidade e diminuir a tensão do momento.

Após termos alternado todos os objetos por todos os co-pesquisadores, finalizamos retirando os objetos e pedindo que eles fossem acordando. Sem quebrar o momento de introspecção que havia se criado, disponibilizamos argila e água para que eles elaborassem através desse material algo relacionado ao nosso tema e à experiência com os objetos.

Em seguida, cada um foi convidado a apresentar sua produção e falar um pouco sobre o relaxamento e o contato com os objetos. Apresentamos a seguir os relatos referentes aos dois momentos.

Pesquisador	Relatos do relaxamento
Estrela	A viagem foi ótima. Deu um sono, descanso. Vi muita coisa maravilhosa. Vi alguma coisa dentro de mim gelada. Umhas linhas, umhas bolas. Ah, foi ótimo. Gostei. Brigada. Brincadeira, você brinca. Houve muita brincadeira na bicoфонia. Você sente, botam em você coisas geladas. Você bota aquela máscara, você bota pra descobrir o que é que tem naquelas coisas...o que é isso? O que não é? Aí você tem que adivinhar. A família não, mas a bicoфонia é como se fosse assim uma brincadeira: você quer descobrir o que tem no seu corpo! Coisas geladas.
Lua	Foi ótimo, foi uma paz. Eu senti uma paz. Em relação à família é do mesmo jeito. A minha família me dá paz, me dá segurança e alegria. Nos objetos eu

	<p>senti um bem gelado, que era água, é pra acalmar a pessoa não? Uma calmária. O gelo, o gelo num acalma a dor? Na bicoфонia, o que acalma é o amor. Eu senti assim, desse lado aqui colocaram alguma coisa leve, mas quentinha. Como se fosse uma pessoa da minha família deitando ao meu lado me dando aquela calmária... aquele amor. E na viagem é na água o mergulho, também dá paz. Mas aí tinha a caverna. Eu não gostei de dentro da caverna. Escuras. Porque transmite medo. Transmite coisa ruim pra mim. Eu não gosto. Na doença o que transmite medo é a doença, é o desequilíbrio. Quando a gente não tá equilibrada aí transmite as coisas ruins. Insegurança né?</p>
Sheik	<p>Bem, a minha viagem foi o seguinte. Eu achei muito importante a parte da bolha. Porque ela me trouxe muita paz, muita calma e também a parte da caverna que ela se referiu ali né? A caverna ela testou muita gente né? Pra saber se a pessoa tinha coragem ou não. Eu entrei na caverna, tava escuro, me senti bem. E na relação da família e a bicoфонia eu achei que, como a Lua falou, eu achei que transmite muita paz. Muita calma. Achei, em relação a família, que os objetos eles são muito importantes também porque eu senti muita paz. Essa música também é importante pra relaxar, senti o corpo leve.</p>
José	<p>Eu achei muito interessante quando colocaram uns objetos na minha perna, na minha mente era caranguejo. A gente tava na praia, a viagem foi muito boa. Uma viagem importante. Sempre que a gente faz uma viagem é bom. Este mês eu tô com saudade porque a gente não fez nenhum passeio sabe? Mas foi ótimo aqui no sonho, no relaxamento. Outro, colocaram aqui ao meu lado uma coisa assim comprida. Aí tem muito a ver com a família, com a mãe da gente né? pena que a minha mãe Deus a levou, mas é muito importante quando a gente se sente assim ao lado da família. Tem quanto a ver com a doença né? A gente sente muita falta da família da gente e é só isso que eu queria falar. É ótimo, sempre que a gente faz relaxamento é ótimo.</p>
Violeta	<p>Eu gostei da viagem. Foi bom. Eu senti vontade foi de dormir. Eu senti uma coisa fazendo cócegas e na perna eu senti uma coisa pesada. Na família uma coisa pesada são os desentendimentos, as discussões, às vezes é alguma coisa pesada né? E cócegas acho que é a coisa mais leve né? É uma coisa que a gente não gosta né? Que a gente num gosta de discussão.</p>
Bolinha	<p>A minha viagem foi de relaxamento. Agora eu tive medo né? Um pouco dos objetos, eu me assustei. Eu pensei que era uma cobra (risos) teve maciez também. Isso tem um pouco a ver com a família né? A coisa macia é tranquilidade.</p>
Benjamim	<p>Aquele negócio gelado ali era um saco d'água era? Tinha uma coisa parecida com uma bandeira. Senti que eu tava tomando banho na praia. Eu tava bem relaxado. Eu entrei na caverna e saí com medo. Senti só uma frieza no meu corpo. Não sei qual a relação com a bicoфонia não.</p>

Marquinhos	A viagem foi importante né? Eu me senti bem porque toda viagem faz bem a gente. Os objetos eu senti uma coisa gelada e tipo uma pedra dura, uma coisa dura. Uma coisa dura na família é a discussão com a família. Coisa gelada também tem, uma frieza. Eu me senti bem com a viagem.
-------------------	---

Co-pesquisador	Relatos sobre os objetos de argila
José	Eu fiz um barco, um pratinho e um alguidar. Eu escolhi fazer isso porque antigamente na casa do meu pai a gente só comia em prato de barro. Eu me admirei muito do barro porque nos interior tem muito desse barro. Só assim a experiência mesmo, porque antigamente a gente comia muito em prato de barro, aí lembra muito da família junto né? Quando eu tava fazendo era todo tempo lembrando da família.
Jamaica	Eu fiz essa panela de barro porque eu lembrei da minha avó que faleceu justamente dia 27 fez oito anos que ela faleceu e que quando eu era pequena nós se reunia tudo no chão pra almoçar e as comidas lá de casa eram tudo feita em panela de barro. Com a bicofonia tem a ver com os trabalhos de artesanato, quando a gente vai fazer do hospital. E em matéria da praia né? Quando eu vou pra praia eu faço a comida na panela, pra levar pra praia.
Marquinhos	Eu desenhei esse muro aí, eu escolhi esse muro aí com relação família porque lá na casa do meu avô onde a gente morava né? Tinha um muro muito alto que de um lado era a casa do meu avô e do outro era um hotel. Um hotel desses de interior que tem piscina tem tudo né? Aí pra gente ir pro hotel a gente pulava esse muro, aí eu lembro. Em relação à bicofonia, é a barreira que há entre o doente mental e a vida social. Sempre tem um muro que barra o doente mental. É uma barreira entre o doente mental e a vida social... é isso.
Benjamim	Eu fiz essa bacia aí bem grande porque faz parte quando a mãe lava as coisas e bota tudo dentro de uma bacia grande. Aí por isso eu fiz essa bacia aí, pra lembrar dela. O que ela faz parte da bicofonia? Tem a ver porque quando nós vamos comer, todo mundo, quando termina junta as coisa e bota dentro da bacia maior. Só isso mesmo. Na viagem era a caverna, eu vi uma bacia muito grande só que ela era preta. Não representava nada não. Tava só lá mesmo.
Bolinha	Eu desenhei esse boneco aí, pensando na depressão, no problema que eu tive. Ainda to mas... é só isso.
Estrela	Eu desenhei um caranguejo com uma bolinha porque na hora da viagem na minha barriga tinha um negócio parecendo um caranguejinho se mexendo. E tinha umas bolinhas (risos) por isso que eu desenhei. Faz parte da bicofonia e da viagem. Porque na bicofonia tinha brincadeira, sem machucar. Então tudo isso a gente tava sem machucar, brigada.

Lua	Eu desenhei esse boneco, porque tava relaxando né? E a bolha e as conchas faz parte da família e o relaxamento faz parte da bicoфонia. A família gosta de se divertir, de brincar, é o aconchego do lar.
Violeta	Eu tentei desenhar uma casa, desenhar, não fazer, porque lembrei da casa da minha família no Crato. Eu me senti satisfeita.
Sheik	Bom, como você colocou bem hoje, a parte da história que você contou ... O que eu fiz também, o mar, a bolha e as nuvens e acho que isso aí tem muito relacionado a depressão também né? A solidão da parte que nós fizemos hoje né? Ficar só na praia, a angústia de percorrer só sob o mar. É isso, eu fiz o mar a bolha e as nuvens ali.

Além da apresentação individual da produção, foi realizada também a análise coletiva pelos co-pesquisadores, a qual apresentamos a seguir:

Análise coletiva do material

A análise do material produzido na oficina do tato só foi realizada na semana seguinte devido à limitação do tempo. Como alguns co-pesquisadores que participaram da produção não compareceram no dia da análise resolvemos convidar para participar do grupo mais dois usuários que ainda não haviam participado. Explicamos como funcionavam as oficinas e os outros co-pesquisadores foram lembrando o que a gente já tinha feito nas oficinas passadas. Por fim os dois aceitaram participar.

Dividimos o grupo em duplas e pedimos que procurassem analisar o conjunto da produção elaborada no dia da oficina do tato. Transcrevemos a seguir os textos produzidos nas duplas:

Grupo	Texto produzido
Grupo I – Preguiça e Naica	<p>A Bicoфонia</p> <p>Os pratos representam a refeição familiar. A panela representa quando a minha mãe está cozinhando. Montanha liberdade. Eu tomando banho de sol.</p> <p>As tartaruga, os animais representa a natureza marinha. O desenho da Violeta representa a algema dos escravos. Este boneco está parecendo um corpo seco. Este desenho parece uma criança em depressão.</p>
Grupo II – Sheike e	Bem, eu fiz o mar, uma bolha, uma nuvem, bem, como isso se relaciona com a família? A apresentação desse desenho é uma relação entre a solidão e a angústia. Já o alguidar de barro, se

	relaciona a família servindo para a nossa alimentação. Bem, já a panela de barro se relaciona a família servindo também a nossa alimentação. Já a casa quer nos abrigar para nossa percepção pessoal na família. Tem o nosso muro – representa para mim o meio entre uma divisão depressiva e etc.
Grupo III – Lúcio e marquinho	O muro representa o outro lado das pessoas pra poder se conhecer mais melhor. A pessoa aprende a conhecer outras pessoas do outro lado do muro. A panela representa a coisa que as pessoas pode fazer nela, cozinhar bolos, comida. (ele não consegue ler o que escreveu) Representa o banho.... amigos.... amor.
Grupo IV – Andréa e sabiá	Entre minha família e eu não existe muro. Não existe diferença, todos entendem meu problema e não me tratam mal. Eles me dão muita força. Quando a gente está depressivo ou em crise não é bom as crianças verem. Porque eles podem ficar nervosos e não é bom para a criança, pois eles não entendem.

Após a exposição da análise em grupo, houve uma discussão sobre essas análises, a qual apresentamos a seguir:

Pesquisador	Relato
Jamaica	Eu acho que as algemas dos escravos têm relação com a bicoфонia, porque os escravos apanhavam muito. Levavam muitas pancadas na cabeça, no corpo. Muitos ficavam doidos nos canaviais. Digo isso porque já li num livro do tempo da escravidão.
Marquinhos	O que os escravos sofreram ali, aqueles espancamentos e tudo, ficavam pessoas doentes né? Doentes mentais, porque com aquele sofrimento que eles passavam ali.
Luciano	Os escravos eles não dormiam, eles trabalhavam, mas quando chegava a noite... foi os escravos que inventaram a capoeira. Eles gingavam de noite. Era pra melhorar o sofrimento deles que eles sofria muito, então era uma diversão pra eles, pra eles se divertirem.
Luciano	O corpo seco às vezes é a pessoa que num se alimenta bem, Ou pode sentir fome também, ou não sentir fome.
Jamaica	Bom, eu falei corpo seco porque tem uma amiga minha que ela ficou doente com problema de pulmão por causa de cigarro. O cigarro foi secando, secando, secando... ela pesava quase oitenta quilos, chegou a ficar em 35 quilos, você só via osso e couro. Existe relação com a família sim. Existe sabe porque? Porque a família dela sabia que ela era uma mental e devia combater ela diminuir o fumo ou senão não comprar. Mas não, a própria família é que ia comprar cigarro. Ela ficou só o couro e o osso.

Preguiça	Sabia que ainda hoje existe também, escravo? Passou a reportagem nos navios que vem de fora, vem escravos no porão, bem amarradinho assim, na camisa de força, bem amarradim, bem sequim. Passou até no “João Inácio Junior”. Aí passou da Jamaica, da Etiópia, da Argélia, da África. Na família existe escravo sim, eu sou uma escrava lá. Porque eu faço as coisas e eles num ajudam. Pra mim na família eu me sinto uma escrava. Não posso ter liberdade pra fazer o que eu quero. Uma pessoa sempre tem que mandar e eu baixo a cabeça.
Marquinhos	Eu já fui um escravo do meu pai né? Eu apanhava todo dia do meu pai sem fazer nada. Ajudava ele ainda lá no bar e apanhava dele porque ele era um doido, alcoólatra, e eu apanhava. Aí eu fiquei com problema de depressão, problema de alcoolismo, por causa disso.
Luciano	Eu também já passei muito por isso, já apanhei muito da minha mãe, de pau de ponta de prego. Amarrado também na mesa.
Jamaica	Eu quando era pequena, eu fumava cigarro escondido. A minha mãe me dava uma surra de manhã, uma meio dia e uma de noite por causa de cigarro. Me amarrava num tronco de um pé de castanhola que tinha no fundo do quintal. E o meu pai só chegava 11 horas da noite. Quando meu pai chegava me soltava, eu ia tomar um banho, toda arroxeadada. Mas aí meu pai me desamarrava e eu ia tomar banho, quando eu terminava ele me dava outra surra por causa de cigarro. Quando eu era pequena eu ignorava, mas agora depois de grande, eu sei que o cigarro faz mal, eu sei que é muito prejudicial à saúde.
José	Eu acho que nós dois aqui estudamos bem aqui a panela, o muro que significa a separação da família.
Luciano	Bom o muro aí representa o outro lado que a pessoa quer se conhecer, porque a pessoa não se conhece. É como em Berlim tem um muro que ninguém se conhecia, aí derrubaram o muro aí tinha liberdade pra conhecer outras pessoas. Agora, pra mim, esse desenho que tem aí, aí tem o sol e um menino brincando de bola. Esse outro lado aí tem um caranguejo. Tem a ver com a família e a bicoфонia porque as pessoas têm que se alimentar bem, tem que se vestir bem... tem que se educado com as pessoas também, tem que se dá ao respeito pra poder ser respeitado.
Marquinhos	Eu falei do muro. O muro é a barreira que há entre o doente mental e a sociedade.
Lúcio	A criança é muito sensível...então tem certas coisas que a gente não pode dizer pra criança. Ela pode ficar nervosa – a criança passa até carinho pra pessoa.
Andréa	Ela percebe que a gente tá nervosa. A pessoa fica totalmente diferente e passa pra criança.
Preguiça	A criança precisa de muita conversa, diálogo, carinho, amor. A criança é como se fosse uma nova geração da família.

Finalizada a oficina e as análises do grupo co-pesquisador, o material produzido por eles foi utilizado para a realização das análises apresentadas a seguir. Em primeiro lugar, temos a análise da produção plástica, ou seja, as esculturas e objetos elaborados pelo grupo através da argila. Em seguida, temos as análises classificatória e transversal que foram realizadas a partir das falas dos co-pesquisadores sobre a viagem imaginária e o contato com os objetos.

5.1 Análise da produção plástica – tato

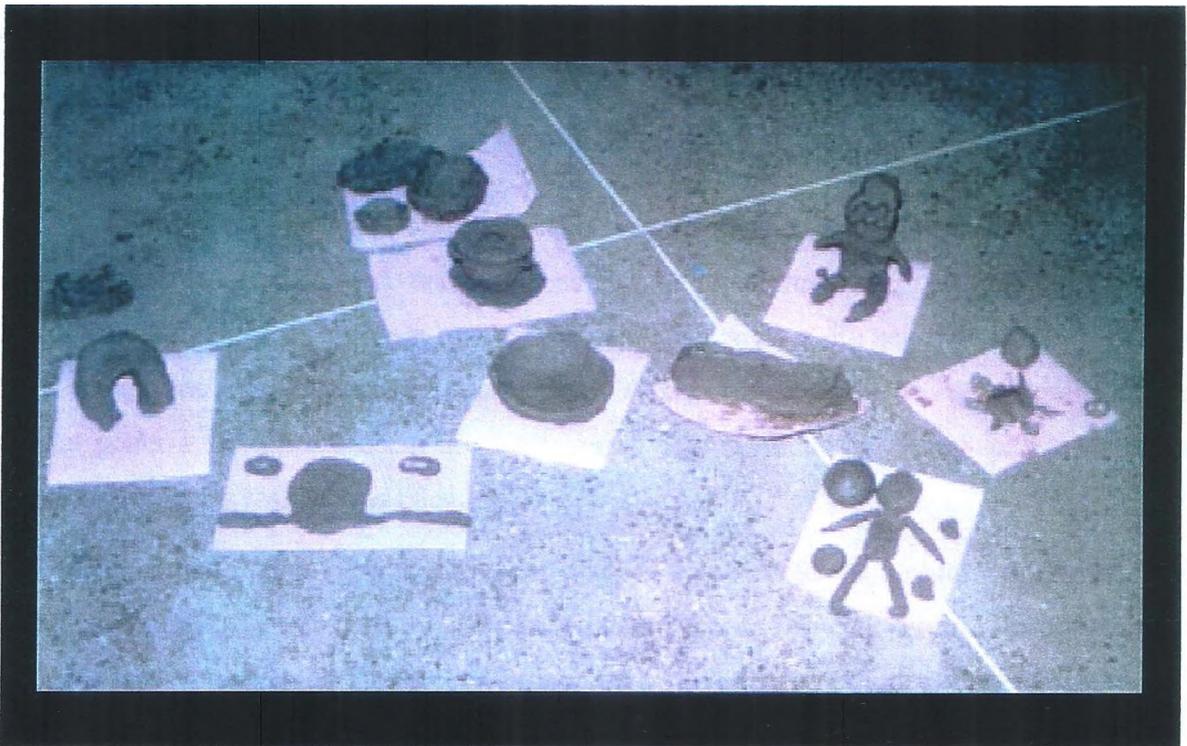


Figura 6 – produção em argila realizada pelo grupo-pesquisador na oficina do tato

Os objetos de argila produzidos pelo grupo chamam a atenção por seu aspecto rústico, provavelmente destacando a relação primitiva que o trabalho com o barro desperta. Brincar de Deus na criação, gerar a vida a partir do barro leva, inclusive, à criação de formas à sua

imagem e semelhança: uma das esculturas em forma de corpo humano chama a atenção pela semelhança com seu criador, é uma auto-escultura.

Pode-se identificar também uma função continente nestes objetos: panelas, bacias, pratos parecem invólucros que podem dar conta das experiências vividas no contado com os objetos relacionais. Mesmo os corpos humanos representados são cercados de outros pequenos objetos que não os tocam, mas os circundam como se além, do corpo, outras estruturas fossem ainda necessárias. Será que esses outros objetos protegem ou sufocam?

Na disposição em que os objetos foram postos percebe-se também uma relação entre conteúdo e continente. Dessa vez, um muro separa os corpos dos outros objetos. Aquilo que numa relação era continente de si mesmo passa agora a ser o conteúdo separado dos recipientes/continentes que habitam a outra margem.

5.2 Análise da produção oral – tato

O material considerado como produção oral foi resultado da gravação das discussões sobre a viagem imaginária, a vivência com os objetos relacionais e a exposição da produção plástica em argila. As fitas com a gravação foram transcritas e em seguida selecionamos as frases e palavras chaves de cada depoimento. A partir dessa seleção, percebemos que o material poderia ser agrupado em nove categorias. Apresentamos a seguir cada uma dessas categorias com suas respectivas falas.

Como já destacamos anteriormente, este é o momento de efetuar cortes para que possamos identificar quais as linhas que perpassam o pensamento do grupo. Posteriormente, a análise transversal, estaremos restaurando e recriando as ligações entre essas linhas.

5.2.1 Categorização dos dados produzidos no tato

– Sensações e Sentimentos relativos à viagem

. A viagem foi ótima. Deu um sono, descanso. Vi muita coisa maravilhosa. Ah, foi ótimo. Gostei. Brigada.

. Foi ótimo, foi uma paz. Eu senti uma paz. Em relação à família é do mesmo jeito. A minha família me dá paz, me dá segurança e alegria.

E na viagem é na água o mergulho, também dá paz. Mas aí tinha a caverna. Eu não gostei de dentro da caverna. Escura. Porque transmite medo. Transmite coisa ruim pra

mim. Eu não gosto. Na doença o que transmite medo é a doença, é o desequilíbrio. Quando a gente não tá equilibrada aí transmite as coisas ruins. Insegurança né?

4. Bem, a minha viagem foi o seguinte. Eu achei muito importante a parte da bolha. Porque ela me trouxe muita paz, muita calma e também a parte da caverna que ela se referiu ali né? A caverna, ela testou muita gente né? Pra saber se a pessoa tinha coragem ou não. Eu entrei na caverna, tava escuro, me senti bem. Essa música também é importante pra relaxar, senti o corpo leve.
5. Eu achei muito interessante quando colocaram uns objetos na minha perna, na minha mente era caranguejo. A gente tava na praia, a viagem foi muito boa. Uma viagem importante. Sempre que a gente faz uma viagem é bom. Este mês eu tô com saudade porque a gente não fez nenhum passeio, sabe? Mas foi ótimo aqui no sonho, no relaxamento. É ótimo, sempre que a gente faz relaxamento é ótimo.
6. Eu gostei da viagem. Foi bom. Eu senti vontade foi de dormir.
7. A minha viagem foi de relaxamento.
8. Aquele negócio gelado ali era um saco d'água era? Tinha uma coisa parecida com uma bandeira. Senti que eu tava tomando banho na praia. Eu tava bem relaxado. Eu entrei na caverna e saí com medo.
9. A viagem foi importante né? Eu me senti bem porque toda viagem faz bem a gente.
10. Na viagem era a caverna, eu vi uma bacia muito grande só que ela era preta. Não representava nada não. Tava só lá mesmo.

3, 4, 8 e 10 fazem referência a caverna, mas enquanto 3 e 8 falam que a caverna provoca medo e associa esse medo ao desequilíbrio da doença, 4 associa a caverna a um desafio do qual ele sai se sentindo bem.

1, 2, 5, 6, 7, 9 convergem ao afirmarem que se sentiram bem com a viagem, entretanto, apenas 2 faz associação desse sentimento com o tema família.

I – Sentidos atribuídos aos objetos relacionais/Bicofonia

- . Vi alguma coisa dentro de mim gelada. Umas linhas, umas bolas. Brincadeira, você brinca. Houve muita brincadeira na bicofonia. Você sente, botam em você coisas geladas. Você bota aquela máscara, você bota pra descobrir o que é que tem naquelas coisas...o que é isso? O que não é? Aí você tem que adivinhar. A bicofonia é como se fosse assim uma brincadeira: você quer descobrir o que tem no seu corpo! Coisas geladas.
 - . Nos objetos eu senti um bem gelado, que era água, é pra acalmar a pessoa não? Uma calmária. O gelo, o gelo num acalma a dor? Na bicofonia, o que acalma é o amor.
- Eu desenhei um caranguejo com uma bolinha porque na hora da viagem, na minha barriga tinha um negócio parecendo um caranguejinho se mexendo. E tinha umas bolinhas (risos) por isso que eu desenhei. Faz parte da bicofonia e da viagem. Porque na bicofonia tinha brincadeira, sem machucar. Então tudo isso a gente tava sem machucar,

brigada.

1 e 3 associam a bicoфония à brincadeira, mas 3 ressalta que é uma brincadeira sem machucar.

2 associa o amor ao gelo, pois ele acalma a dor na bicoфония.

III – Sentidos atribuídos aos objetos relacionais/Família

1. Eu senti assim, desse lado aqui colocaram alguma coisa leve, mas quentinha. Como se fosse uma pessoa da minha família deitando ao meu lado me dando aquela calma, aquele amor.
2. Eu senti uma coisa fazendo cócegas e na perna eu senti uma coisa pesada. Na família uma coisa pesada são os desentendimentos, as discussões, às vezes é alguma coisa pesada né? E cócegas acho que é a coisa mais leve né? É uma coisa que a gente não gosta né? Que a gente num gosta de discussão.
3. Agora eu tive medo né? Um pouco dos objetos, eu me assustei. Eu pensei que era uma cobra (risos) teve maciez também. Isso tem um pouco a ver com a família né? A coisa macia é tranquilidade.
4. Os objetos, eu senti uma coisa gelada e tipo uma pedra dura, uma coisa dura. Uma coisa dura na família é a discussão com a família. Coisa gelada também tem, uma frieza.

1 associa a família à uma coisa leve, mas quentinha.

2 e 4 convergem ao referir-se às discussões. Entretanto, para 2 as discussões são uma coisa pesada, mas que também podem ser leves como cócegas. Para 4 as discussões são como uma pedra, dura e fria.

3 associa a família a uma cobra: medo e maciez.

IV – Sentidos atribuídos aos objetos relacionais/bicoфония e família

1. E na relação da família e a bicoфония eu achei que, como a Lua falou, eu achei que transmite muita paz. Muita calma. Achei, em relação a família, que os objetos eles são muito importantes também porque eu senti muita paz.
2. Outro, colocaram aqui ao meu lado uma coisa assim comprida. Aí tem muito a ver com a família, com a mãe da gente né? Pena que a minha mãe Deus a levou, mas é muito importante quando a gente se sente assim ao lado da família. Tem quanto a ver com a doença né? A gente sente muita falta da família da gente e é só isso que eu queria falar.

Para 1, a família transmite muita paz na relação com a bicoфония.

2 lembra que a mãe é muito importante na relação com a bicoфония, pois é como uma coisa comprida.

V – Outros sentidos relacionados aos objetos relacionais

1. Senti só uma frieza no meu corpo. Não sei qual a relação com a bicoфонia não.

1 não encontrou nenhuma relação entre os sentidos dos objetos e o tema gerador.

VI – Sentidos relacionados aos objetos de argila/Bicoфонia

1. Com a bicoфонia tem a ver com os trabalhos de artesanato, quando a gente vai fazer do hospital.

2. Em relação à bicoфонia, é a barreira que há entre o doente mental e a vida social. Sempre tem um muro que barra o doente mental. É uma barreira entre o doente mental e a vida social... é isso.

3. O que ela faz parte da bicoфонia? Tem a ver porque quando nós vamos comer, todo mundo, quando termina junta as coisa e bota dentro da bacia maior. Só isso mesmo.

4. Eu desenhei esse boneco aí pensando na depressão, no problema que eu tive. Ainda to mas... é só isso.

5. Eu desenhei esse boneco porque tava relaxando né? E o relaxamento faz parte da bicoфонia.

6. O mar, a bolha e as nuvens, e acho que isso aí tem muito relacionado a depressão também né? A solidão da parte que nós fizemos hoje né? Ficar só na praia, a angústia de percorrer só sob o mar. É isso, eu fiz o mar a bolha e as nuvens ali.

7. Eu acho que as algemas dos escravos têm relação com a bicoфонia porque os escravos apanhavam muito. Levavam muitas pancadas na cabeça, no corpo. Muitos ficavam doidos nos canaviais. Digo isso porque já li num livro do tempo da escravidão.

8. O que os escravos sofreram ali, aqueles espancamentos e tudo, ficavam pessoas doentes né? Doentes mentais, porque com aquele sofrimento que eles passavam ali.

Os escravos eles não dormiam, eles trabalhavam, mas quando chegava a noite... foi os escravos que inventaram a capoeira. Eles gingavam de noite. Era pra melhorar o sofrimento deles que eles sofria muito, então era uma diversão pra eles, pra eles se divertirem.

associa a bicoфонia aos trabalhos de artesanato do hospital.

afirma que na bicoфонia existe um muro que separa o doente mental da sociedade.

afirma que a bicoфонia é como uma bacia.

5 e 6 convergem ao associar a bicoфонia a um boneco, mas divergem quanto ao significado. Para 5 o boneco é relaxamento e para 6 o boneco é depressão.

5 e 6 convergem ao fazer referência à depressão, mas 6 destaca como característica da depressão a solidão e a angústia.

7, 8 e 9 convergem ao associar a bicoфонia à escravidão. Entretanto, 9 diverge dos outros ao ressaltar uma potência da escravidão e não seu sofrimento.

VII – Sentidos relacionados aos objetos de argila/família

1. Eu fiz um barco, um pratinho e um alguidar. Eu escolhi fazer isso porque antigamente na casa do meu pai a gente só comia em prato de barro. Eu me admirei muito do barro, porque nos interior tem muito desse barro. Só assim a experiência mesmo, porque antigamente a gente comia muito em prato de barro, aí lembra muito da família junto né? Quando eu tava fazendo era todo tempo lembrando da família.
2. Eu fiz essa panela de barro porque eu lembrei da minha avó que faleceu justamente dia 27, fez oito anos que ela faleceu e que quando eu era pequena nós se reunia tudo no chão pra almoçar e as comidas lá de casa eram tudo feita em panela de barro.
3. Eu desenhei esse muro aí, eu escolhi esse muro aí com relação à família porque lá na casa do meu avô onde a gente morava né? Tinha um muro muito alto que de um lado era a casa do meu avô e do outro era um hotel. Um hotel desses de interior que tem piscina tem tudo né? Aí pra gente ir pro hotel a gente pulava esse muro, aí eu lembro.
4. Eu fiz essa bacia aí bem grande porque faz parte quando a mãe lava as coisas e bota tudo dentro de uma bacia grande. Aí por isso eu fiz essa bacia aí, pra lembrar dela.
5. E a bolha e as conchas faz parte da família. A família gosta de se divertir, de brincar, é o aconchego do lar.
5. Eu tentei desenhar uma casa, desenhar, não fazer, porque lembrei da casa da minha família no Crato. Eu me senti satisfeita.
7. Eu acho que nós dois aqui estudamos bem aqui a panela, o muro que significa a separação da família.

, 2, 4 e 6 convergem ao associar os objetos à uma experiência com a família.

fala da existência de um muro que permite passar para o outro lado.

afirma que a família gosta de brincadeiras.

fala que o muro significa a separação da família.

III – Sentidos relacionados aos objetos de argila/família e bicoфонia

Bom, eu falei corpo seco porque tem uma amiga minha que ela ficou doente com problema de pulmão por causa de cigarro. O cigarro foi secando, secando, secando... ela pesava quase oitenta quilos, chegou a ficar em 35 quilos, você só via osso e couro. Existe relação com a família sim. Existe sabe porque? Porque a família dela sabia que ela era uma mental e devia combater ela diminuir o fumo ou senão não comprar. Mas não, a própria família é que ia comprar cigarro. Ela ficou só o couro e o osso.

Sabia que ainda hoje existe também, escravo? Passou a reportagem nos navios que vem de fora, vem escravos no porão, bem amarradinho assim, na camisa de força, bem amarradim, bem sequim. Passou até no João Inácio Junior. Aí passou da Jamaica. da

Etiópia, da Argélia, da África. Na família existe escravo sim, eu sou uma escrava lá. Porque eu faço as coisas e eles num ajudam. Pra mim, na família, eu me sinto uma escrava. Não posso ter liberdade pra fazer o que eu quero. Uma pessoa sempre tem que mandar e eu baixo a cabeça.

3. Eu já fui um escravo do meu pai né? Eu apanhava todo dia do meu pai sem fazer nada. Ajudava ele ainda lá no bar e apanhava dele porque ele era um doido, alcoólatra, e eu apanhava. Aí eu fiquei com problema de depressão, problema de alcoolismo, por causa disso.

4. Eu também já passei muito por isso, já apanhei muito da minha mãe, de pau de ponta de prego. Amarrado também na mesa.

5. Eu quando era pequena, eu fumava cigarro escondido. A minha mãe me dava uma surra de manhã, uma meio dia e uma de noite por causa de cigarro. Me amarrava num tronco de um pé de castanhola que tinha no fundo do quintal. E o meu pai só chegava 11 horas da noite. Quando meu pai chegava me soltava, eu ia tomar um banho, toda arroxeadada. Mas aí meu pai me desamarrava e eu ia tomar banho, quando eu terminava, ele me dava outra surra por causa de cigarro. Quando eu era pequena eu ignorava, mas agora depois de grande, eu sei que o cigarro faz mal, eu sei que é muito prejudicial à saúde.

6. Agora, pra mim, esse desenho que tem aí, aí tem o sol e um menino brincando de bola. Esse outro lado aí tem um caranguejo. Tem a ver com a família e a bicofonia porque as pessoas tem que se alimentar bem, tem que se vestir bem... tem que ser educado com as pessoas também, tem que se dar ao respeito pra poder ser respeitado.

7. A criança é muito sensível. Então tem certas coisas que a gente não pode dizer pra criança, ela pode ficar nervosa. – a criança passa até carinho pra pessoa.

8. Ela percebe que a gente tá nervosa. A pessoa fica totalmente diferente e passa pra criança.

9. A criança precisa de muita conversa, diálogo, carinho, amor. A criança é como se fosse uma nova geração da família.

10. e 5 convergem ao falar da relação da família com a bicofonia e o uso de cigarro. Entretanto, em 1 a família colabora para o uso do cigarro e em 5 a família usa da violência pra fazer deixar o cigarro.

3 e 4 convergem ao falar de uma relação entre a violência cometida contra os escravos e existência dessa mesma relação de escravidão na bicofonia.

6 destaca as necessidade de uma pessoa.

8 e 9 convergem ao falar da relação da criança com a bicofonia. Entretanto, divergem quanto a postura em relação a criança. Para 7 e 8, deve-se esconder as coisas da criança e para 9 deve-se ter muito diálogo com ela.

– Outros sentidos relacionados aos objetos de argila

O corpo seco às vezes é a pessoa que num se alimenta bem, Ou pode sentir fome

também, ou não sentir fome.
2. Bom o muro aí representa o outro lado que a pessoa quer se conhecer, porque a pessoa não se conhece. É como em Berlim tem um muro que ninguém se conhecia, aí derrubaram o muro, aí tinha liberdade pra conhecer outras pessoas.
1 fala da existência do corpo-seco.
2 fala do muro do autoconhecimento.

5.2.2 Análise transversal - quais os toques da relação da família com a bicoфонia?

A bicoфонia tem um lado escuro e amedrontador, é a doença mental, o desequilíbrio. Portanto, para conhecê-la através do tato, é preciso abrir mão da segurança da visão e aceitar o desafio de mergulhar na caverna escura. Quem tiver coragem de percorrer esse caminho vai descobrir que a relação da família com a bicoфонia é perpassada por múltiplas sensações e percepções táteis. Podemos começar com uma brincadeira que existe na bicoфонia. Ela funciona assim: primeiro você venda os olhos e em seguida colocam no seu corpo coisas geladas. Então, você precisa descobrir o que tem no seu corpo, o que são essas coisas geladas?

Uma coisa gelada que faz parte da relação da família com a bicoфонia é o amor, ele é o que acalma na bicoфонia. Entretanto, existem também coisas geladas e duras: são as discussões. Você sente até uma frieza. Geralmente essas discussões são uma coisa pesada na família, mas podem ser também do tipo “discussões-cócegas”: elas são leves, mas causam muito incômodo. Mas não só coisas geladas que encontramos nas relações da família com a bicoфонia, pois existem também coisas leves e quentinhas. O amor, por exemplo, é como uma pessoa da sua família deitando ao seu lado. Aliás, como podemos perceber, existem vários tipos de amor como o amor-gelado ou o amor quentinho.

Alguns elementos despertam outras sensações variadas. Uns assustam, apesar de serem macios, assim como uma cobra. Outro elemento importante é o muro, ou melhor, os muros, porque ele pode ser de vários tipos. Na família, por exemplo, existe um muro que permite a passagem (só através dele se consegue chegar ao outro lado) e um outro que separa é a separação da família). Na bicoфонia o muro é a separação que existe entre o doente

mental e a sociedade, mas pode ser também o muro do autoconhecimento, muro de Berlim, que ao ser derrubado permite conhecer o que há no outro lado.

Outra sensação característica da relação da família com a bicoфонia é a do corpo-seco. Ele é causado pelo cigarro, mas também pela falta de comida. A família pode colaborar para que esse corpo seque ou usar de violência para obrigá-lo a parar. Ninguém lembra que ele precisa mesmo é alimentar-se bem, vestir-se bem, ser educado com as pessoas e se dar ao respeito para poder ser respeitado. Se esse corpo for uma criança, deve-se tomar ainda mais cuidado. A criança é muito sensível e há certas coisas que é melhor ela não saber, pois pode ficar nervosa, embora às vezes passe até carinho para pessoa. Ela precisa de muito diálogo, carinho e amor.

Por falar em violência, existe outro elemento importante na relação da bicoфонia com a família: são as algemas dos escravos. Embora se afirme que a escravidão foi abolida, ela ainda não acabou. A diferença é que hoje os escravos são amarrados em camisas de força e apanham em qualquer lugar, inclusive na própria família: em troncos de castanholas, amarrados nas mesas. Além disso, não têm liberdade para fazer o que querem e precisam sempre obedecer.

Estes são alguns elementos e sensações encontrados na produção através do tato. Como podemos perceber, são misturas intrigantes, composições estranhas onde uma multiplicidade de elementos se encontram. Afinal, família e bicoфонia, é tudo uma grande bacia.

6 *PRODUZINDO ATRAVÉS DA VISÃO*

O que nós vemos das cousas são as cousas.
 Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
 Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
 Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
 Saber ver sem estar a pensar,
 Saber ver quando se vê,
 E nem pensar quando se vê
 Nem ver quando se pensa.

(Alberto Caeiro)

A presença do sentido da visão nas pesquisas científica é, certamente, mais aceita que os outros quatro sentidos. As mais variadas correntes metodológicas valem-se da observação como uma de suas ferramentas. Entretanto, a maneira como vamos dispor deste recurso aqui difere radicalmente da forma como ele é utilizado nas correntes convencionais.

Inicialmente, gostaríamos de destacar aqui a intrínseca relação que o sentido da visão possui com o conceito de verdade. Chamamos “evidente” aquilo que não pode ser contestado e, por assim dizer, tem um caráter de verdade. A ciência tem se proposto a descobrir os véus que recobrem essa “ver-dade” para trazê-la à tona. Entretanto, na perspectiva em que nos situamos não procuramos esse desvelamento, mas sim, situarmo-nos entre esses véus e mergulhar na sua variedade de sentidos.

Outra diferença que destacamos na pesquisa sociopoética com relação à visão é que, nesse caso, quem olha e diz o que vê são os próprios sujeitos da pesquisa que, no status de co-pesquisadores, encontram espaço para afirmar suas visões. Foi partindo desses princípios que elaboramos a oficina da visão e para operacionalizá-la fizemos uso de uma ferramenta criada por Augusto Boal (1988) chamada “teatro imagem”. Nesta técnica procura-se transformar questões, afetos e sentimentos em imagens concretas, sem utilizar a linguagem oral, busca-se a compreensão dos fatos através da linguagem corporal.

Iniciamos a oficina com um relaxamento. Todos deitados em colchonetes dispostos em círculo na sala. Ao som de uma música suave fomos passando as seguintes instruções e pedindo que eles associassem o conteúdo do relaxamento com o nosso tema de pesquisa:

Comece concentrando-se na respiração. Inspirando o ar pelo nariz e expirando pela boca. Imagine que você vem caminhando por uma rua deserta e encontra um grande portão. Imagine como é esse portão, o que você faz para abri-lo (silêncio). Você passa pelo portão e entra em um jardim. Imagine o que existe nesse jardim (silêncio). Você está com os pés descalços em contato com a terra. Perceba as plantas, os pássaros e os animais que existem nesse jardim (silêncio). Você caminha pelo jardim e mais adiante você encontra alguém, uma pessoa significativa para você e ela tem algo para lhe dizer. Imagine quem é essa pessoa e o que ela lhe diz (silêncio). Em seguida você se despede dessa pessoa e toma o caminho de volta pelo jardim. Você se dirige novamente ao portão. Passa por ele. Pega a estrada de volta ao hospital-dia.

Após o relaxamento, iniciamos uma discussão sobre a viagem imaginária e seus principais elementos. Os relatos provenientes dessa discussão estão expostos a seguir:

Co-pesquisador	Relato
Preguiça	<p>Eu gostei do relaxamento porque eu tava muito tensa, muito nervosa hoje por causa que eu tive uma crise nervosa hoje por causa do calor. Aí eu to bem melhor depois do relaxamento. Durante o relaxamento eu vi minha avó. Ela morreu, sabe? Aí eu encontrei com ela, eu sinto muita saudade. Ela dizia que eu era filha dela e eu chamava ela de mãe, de avó. Morreu com cem anos ela e ela dizia: “ô minha filha!” ela dizia assim. Tanta saudade que eu tenho dela, fui ao enterro dela. Chorei muito porque eu tenho muita saudade dela, muito minha amiga, desde pequena. Ela falou que os meus problemas de hoje... Eu disse: vó, e eu chegando no céu vai perdoar meus pecados? “Perdoa moça, Jesus perdoa os pecados. Você num tem culpa de nada não. Você vai pro céu quando morrer”. Só foi isso mesmo, foi</p>

	bom o relaxamento, gostei, legal.
Sheike	Bem, eu gostei muito do relaxamento hoje porque nós estivemos num lugar muito bonito, num jardim onde tinha pássaros e onde nós, primeiramente, entramos por um portão tipo o portão lá de casa. Um portão preto. Eu gostei muito porque relaxou muito a mente. Não encontrei ninguém lá, só encontrei a solidão.
Marquinhos	Eu gostei muito do relaxamento porque hoje eu to me sentindo uma pessoa feliz, né? Porque há cinco meses atrás eu tinha depressão, eu queria morrer, eu queria me matar. E hoje não. Eu to sem nenhum centavo no bolso pra voltar pra casa, mas to feliz. Tinha emprego, tinha mulher, tinha tudo, mas não era feliz né? E hoje eu num tenho nenhum centavo, nem a minha mulher eu tenho, ela ta lá em Messejana, nós tamo separado, mas eu to feliz. Brigado Jesus.
Lúcio	Eu sonhei que tava andando de cavalo no Jóquei. Sonhei que ganhava o primeiro lugar, ganhava um prêmio e saí no carro de bombeiro com a bandeira do Brasil e a taça na mão. Lá eu encontrei o meu pai. Ele ficou feliz porque eu tinha ganhado.
Sabiá	Eu me senti muito bem. Relaxei bem e fiquei com bem astral. No jardim eu encontrei Jesus. Ele disse que eu ia ser salvo

Após a discussão sobre o relaxamento, começamos a produção de dados através da técnica do teatro-imagem. Havia oito pessoas presentes. Então, solicitamos três pessoas que saíssem da sala para montar uma imagem que representasse a relação da família com a microfonia (grupo-ator). Os outros que ficassem na sala deviam observar a imagem e procurar dar sentido a ela (grupo-espectador). Após esse primeiro momento podiam ser feitas modificações na imagem, seguidas de novos comentários. Em seguida, invertermos os papéis e os que ficaram na sala criariam sua imagem.

O grupo-espectador foi convidado a observar a imagem produzida e discutir os seus possíveis sentidos. Em seguida, o grupo espectador poderia fazer intervenções na imagem,

modificando-a. No final de cada imagem, o grupo-ator explica o significado originalmente atribuído por eles à imagem. Os relatos decorrentes dessa discussão são apresentados a seguir:



Figura 7 - Imagem produzida pelo primeiro grupo-ator: Uma pessoa com os braços estendidos e as palmas das mãos voltadas para cima. Uma pessoa com a mão no queixo, com uma fisionomia pensativa e a última pessoa com as mãos na cintura, ambos olhando para a primeira pessoa.

Co- pesquisador	Relatos
Reguiça	Essa imagem significa liberdade, assim de ser independente. Porque ela ta não assim (braços presos), mas ta assim (braços soltos). É liberdade, ta com Jesus. Ele ta pensando que ela ta bem, melhor de saúde.
amaica	A imagem ta mostrando que ela ta numa estátua e o pessoal ta admirando ela.
abiá	Ela é uma estátua de nossa senhora e o outro ta admirando ela.
Reguiça	[faz uma intervenção posicionando todos os personagens abraçados]: Eu fiz assim porque eles se amam, as pessoas têm que se amar. Primeiro a gente, depois aos outros. A gente tem que primeiro lugar se tratar a saúde ter liberdade pra fazer as coisas e pensar.
abiá	[faz uma intervenção e coloca um dos personagens com as mãos postas em direção ao céu]: Ela ta pedindo perdão a Deus. Não sei o que foi que ela fez não.

Marquinhos	[faz intervenção posicionando todos de mãos dadas]: É a união da família com a pessoa que ta com bicoфонia.
Significado atribuído pelo grupo ator – a pessoa com os braços estendidos é alguém triste e pensativo. A pessoa com a mão no queixo está pensando em como ela está sofrendo e o outro personagem está sorrindo porque não entende o que é a bicoфонia.	

Em seguida, invertem-se os papéis e aqueles que compuseram o grupo-ator passam a ser espectadores e o grupo-espectador da cena anterior vai produzir sua imagem:



Figura 8 – Imagem produzida pelo segundo grupo-ator: Uma pessoa em pé com os braços abertos, outra ajoelhada, de frente para a primeira, com as mãos postas. Ao lado um homem e uma mulher de mãos dadas olham a cena.

Co - pesquisador	Relato
Marquinhos	Eu acho que esse em pé é Jesus e esse ajoelhado ta pedindo perdão pelos seus pecados enquanto que esses dois olhando são os Judas.
Lúcio	Eu acho que essa cena significa a união e o perdão de Jesus.
José	É a família unida pedindo perdão a Jesus.
Lúcio	[Faz uma intervenção colocando a mão da pessoa que estava de pé sobre a cabeça da pessoa ajoelhada]: É que essa mão na cabeça representa o amor ao próximo e a família.

José	[Faz intervenção colocando todos de pé com as mãos dadas]: Eu fiz assim porque é, juntei todos na união com a família. Passando força, passando coisas boas e tirando as coisas ruins.
Significado atribuído pelo grupo-ator – a pessoa de braços abertos é Jesus. O casal ao lado está doente de bicoфонia e a pessoa ajoelhada é a família deles pedindo pra eles ficarem bons.	
Preguiça	Não gostei de chamarem a gente de Judas não. Eu acho que cada família tem um Judas e tem um inocente. Na minha família ninguém gosta de mim.
Marquinhos	Cada família tem um traidor. Um tem um problema e um desgosto... eu tenho muito desgosto do meu pai.
Lúcio	Na família existem também as pessoas que não entendem, que zombam e cospem, criticam e falam e isolam a pessoa com bicoфонia.
Sabiá	É, tem gente que só faz maldade e não ajuda em nada.
Jamaica	Na família também existe inveja, existe ciúme e raiva e desprezo.
Preguiça	É, a família é tudo isso junto, tudo tem defeito.

6.1 *Análise da produção oral*

Os dados provenientes da transcrição dos relatos do relaxamento e das discussões sobre as imagens produzidas foram utilizados para a realização da análise da produção oral que expomos a seguir.

6.1.1 *Categorização dos dados*

Percebemos na análise dos dados produzidos pelo grupo a presença de nove categorias conforme apresentado a seguir:

I – Sentimentos e sensações associados ao relaxamento/ Família

. Saí no carro de bombeiro com a bandeira do Brasil e a taça na mão. Lá eu encontrei o meu pai. Ele ficou feliz porque eu tinha ganhado.

I associa uma pessoa da família ao relaxamento.

II – Sentimentos e sensações associados ao relaxamento/ Bicoфонia

1. Estivemos num jardim onde tinha pássaros e onde nós, primeiramente, entramos por um portão tipo o lá de casa. Um portão preto. Não encontrei ninguém lá, só encontrei a solidão.

1 refere-se a um sentimento que faz parte do conceito de bicoфонia.

III – Sentimentos e sensações associados ao relaxamento/ Família e Bicoфонia

1. Durante o relaxamento eu vi minha avó. Ela morreu, sabe? Aí eu encontrei com ela, eu sinto muita saudade. Ela dizia que eu era filha dela, e eu chamava ela de mãe, de avó. Morreu com cem anos ela, e ela dizia: “ô minha filha!” ela dizia assim. Tanta saudade que eu tenho dela, fui ao enterro dela. Chorei muito porque eu tenho muita saudade dela, muito minha amiga, desde pequena. Ela falou que os meus problemas de hoje... Eu disse: vó, e eu chegando no céu, vai perdoar meus pecados? “Perdoa moça, Jesus perdoa os pecados. Você num tem culpa de nada não. Você vai pro céu quando morrer”.
2. Porque há cinco meses atrás eu tinha depressão, eu queria morrer, eu queria me matar. E hoje não. Eu to sem nenhum centavo no bolso pra voltar pra casa, mas to feliz. Tinha emprego, tinha mulher, tinha tudo, mas não era feliz né? E hoje eu num tenho nenhum centavo, nem a minha mulher eu tenho, ela ta lá em Messejana, nós tamo separado, mas eu to feliz. Brigado Jesus.

1 e 2 convergem ao referir-se a uma perda na família. Entretanto, para 1, o familiar é o intermediário em busca do perdão e 2 agradece a Jesus a possibilidade de sentir-se bem apesar das perdas.

1 associa a bicoфонia à necessidade de pedir perdão.

IV – Outros sentimentos e sensações associados ao relaxamento

1. Eu gostei do relaxamento porque eu tava muito tensa, muito nervosa hoje por causa que eu tive uma crise nervosa hoje por causa do calor. Aí eu to bem melhor depois do relaxamento.
2. Bem, eu gostei muito do relaxamento hoje porque nós estivemos num lugar muito bonito. Eu gostei muito porque relaxou muito a mente.
3. Eu gostei muito do relaxamento porque hoje eu to me sentindo uma pessoa feliz, né?
4. Eu me senti muito bem. Relaxei bem e fiquei com bem astral.

1, 2, 3 e 4 relatam a sensação de relaxamento promovida pela técnica utilizada.

V – Sentidos associados às imagens/ Família

1. É a família unida pedindo perdão a Jesus.
2. É que essa mão na cabeça representa o amor ao próximo e a família.
3. Eu fiz assim porque é... juntei todos na união com a família. Passando força, passando coisas boas e tirando as coisas ruins.
4. Não gostei de chamarem a gente de Judas não. Eu acho que cada família tem um Judas e tem um inocente. Na minha família ninguém gosta de mim.
5. Cada família tem um traidor. Um tem um problema e um desgosto...eu tenho muito desgosto do meu pai.
6. Na família também existe inveja, existe ciúme e raiva e desprezo.
7. É, a família é tudo isso junto, tudo tem defeito.

1 associa a família à necessidade de pedir perdão.

2 e 3 associam as imagens produzidas à união da família.

2 refere-se ao amor ao próximo.

4 e 5 referem-se a existência de um traidor na família e se colocam fora dessa posição

5 fala da existência de sentimentos negativos na família.

7 faz uma convergência de todos os outros sentimentos.

VI – Sentidos associados às imagens/ Bicofonia

1. Essa imagem significa liberdade, assim de ser independente. Porque ela tá não assim (braços presos), mas tá assim (braços soltos). É liberdade, tá com Jesus. Ele tá pensando que ela tá bem melhor de saúde.
2. Eu fiz assim porque eles se amam, as pessoas têm que se amar. Primeiro a gente, depois aos outros. A gente tem que primeiro lugar se tratar, a saúde, ter liberdade pra fazer as coisas e pensar.
3. A pessoa com os braços estendidos é alguém triste e pensativo. A pessoa com a mão no queixo está pensando em como ela está sofrendo e o outro personagem está sorrindo porque não entende o que é a bicofonia.

e 2 referem-se à necessidade de liberdade, entretanto, para 1 liberdade é estar com Jesus e ara dois está relacionado à tratar da saúde.

associa a bicofonia ao sofrimento e fala da incompreensão quanto à bicofonia.

VII – Sentidos associados à religião

1. No jardim eu encontrei Jesus. Ele disse que eu ia ser salvo.
2. Ela é uma estátua de nossa senhora e o outro ta admirando ela.
3. Ela ta pedindo perdão a Deus. Não sei o que foi que ela fez não.
4. Eu acho que esse em pé é Jesus e esse ajoelhado ta pedindo perdão pelos seus pecados, enquanto que esses dois olhando são os Judas.
5. Eu acho que essa cena significa a união e o perdão de Jesus.

1, 3, 4 e 5 referem-se à necessidade de pedir perdão e 3 afirma que não sabe que pecado é esse.

4 fala da existência de um Judas.

5 refere-se também à união.

VIII – Sentidos associados às imagens/ Família e Bicofonia

1. É a união da família com a pessoa que ta com bicofonia.
2. A pessoa de braços abertos é Jesus. O casal ao lado está doente de bicofonia e a pessoa ajoelhada é a família deles pedindo pra eles ficarem bons.
3. Na família existem também as pessoas que não entendem, que zombam e cospem, criticam e falam e isolam a pessoa com bicofonia.
4. É, tem gente que só faz maldade e não ajuda em nada.

1 e 2 convergem ao referir-se à união e ajuda da família.

3 e 4 divergem de 1 e 2 ao afirmar que na família também existe maldade e incompreensão.

IX – Outros sentidos associados às imagens

1. A imagem ta mostrando que ela ta numa estátua e o pessoal ta admirando ela.

1 não associa um sentido com relação específica com o tema gerador.

3.1.2 Transversalização das imagens

A imagem da bicofonia é um jardim bonito, mas deserto. Lá é um lugar onde se encontra a solidão. A pessoa se sente muito sozinha, pois nem mesmo a família compreende quem ela tem bicofonia. Ela é uma vítima inocente nas mãos de um traidor, ou uma santa

como Nossa Senhora. Sempre existe um Judas na família. Entretanto, essa vítima também é culpada. Ela carrega o peso do pecado mesmo sem saber o que fez de errado, e precisa constantemente pedir perdão a Deus.

Apesar de tudo isso, as pessoas na família têm que se amar, precisam se amar como uma obrigação. É o mandamento do amor ao próximo como a si mesmo. Mas como amar a si mesmo em meio a tanto sentimento de culpa? A pessoa precisa, primeiro, amar a si mesma. Além disso, é muito importante ter liberdade e isso só se consegue cuidando da saúde, ficando livre das amarras da doença mental. Nesse momento, a união da família e o apoio que ela oferece é imprescindível. Mas é preciso lembrar que na família também existe ciúme, raiva e desprezo.

Nesse moto-contínuo de culpa e traição e perdão, as pessoas vão tentando sobreviver, procurando se salvar e descobrem até que é possível ser feliz em meio a tanto sofrimento e perdas.

7 PRODUZINDO ATRAVÉS DO PALADAR

*No sooner had the warm liquid, and the crumbs with it, touched my palate than a shudder ran through my whole body, and I stopped, intent upon the extraordinary changes that were taking place. An exquisite pleasure had invaded my senses, but individual, detached, with no suggestion of its origin. And at once the vicissitudes of life had become indifferent to me, its disasters innocuous, its brevity illusory—this new sensation having had on me the effect which love has of filling me with a precious essence; or rather this essence was not in me, it was myself. I had ceased now to feel mediocre, accidental, mortal.*¹⁰

(Marcel Proust)

Talvez essa seja a mais estranha associação entre a produção de conhecimento e o corpo. Pensar através do paladar, ou ainda, utilizar o paladar em uma pesquisa acadêmica é no mínimo estranho. Entretanto, vale ressaltar que a mesma língua que nos permite a linguagem (sem a qual nenhuma produção científica existiria) também é o órgão que nos permite experimentar os sabores. Porque, então, relegar a segundo plano esta sua função? Além do mais, quem não sabe que o paladar também guarda consigo elementos coletados durante toda uma existência e que é ainda capaz de recriar e modificar essas experiências quando é reativado noutro momento de nossas vidas?

Essa capacidade peculiar do paladar foi belamente destacada por Marcel Proust (1998) em “A Caminho de Swann”, um dos livros da série “Em Busca do Tempo Perdido”. Trata-se de um episódio onde o narrador come uma espécie de bolinho chamado “madeleine” embebido no chá. Ao sentir esse sabor ele é transportado para o passado, pois aquele era

¹⁰ Tão logo o líquido morno, e as migalhas com ele, tocaram meu palato um súbito tremor atravessou meu corpo inteiro, e eu parei, observando as mudanças extraordinárias que estavam ocorrendo. Um prazer requintado tinha invadido meus sentidos, mas singular, deslocado, não dava nenhuma sugestão de sua origem. E, uma vez que as vicissitudes da vida se tinham tornado indiferentes para mim, seus desastres inócuos e sua brevidade ilusória - esta nova sensação tinha tido em mim o mesmo efeito que o amor teve de me encher com uma essência preciosa; Ou, melhor, esta essência não estava em mim, ele era eu mesmo. Agora eu não me sentia mais medíocre, acidental, mortal. (Trecho do livro “A caminho de Swan” de Marcel Proust)

exatamente o mesmo gosto do pedaço de “madeleine” que sua tia lhe oferecia quando criança, na casa onde costumava passar as férias com os pais. Ao reconhecer o gosto da “madeleine”, todas as experiências de infância tomam forma e saem da taça de chá para o presente. Entretanto, ao voltarem do passado, elas também são outras, pois se misturam aos seus “eus” anteriores e todas as suas lembranças.

Nessa mistura entre memória e criação, o paladar exerce uma participação especial mesclando elementos novos a outros já conhecidos e, segundo Serres (2001:155), é dessa forma que encontra sua ligação com o saber:

A sensação, dizia-se, inaugura a inteligência. Aqui, mais localizadamente, o paladar institui a sapiência. Pela ancestral definição latina do humano, nossos antepassados instruídos, mas ainda sensíveis, indicavam seriamente que sem o paladar arriscamos a perder o estado de homem, a recair no rol dos bichos. Antes de reconstruir o pensamento sobre a sensação, estranha empreitada, decerto queriam que meditássemos sobre uma espécie de recíproca; ao desprezar a sensação, ao substituí-la por artifícios, por discursos ortopédicos, voltamos correndo para a animalidade. O bicho come depressa, o homem saboreia.

Compartilhando da crença nessa potência do paladar foi que desenvolvemos esta oficina procurando explorá-la ao máximo como recurso na produção do conhecimento sobre o nosso tema: relações entre família e bicofofia. Como havia sido decidido na oficina passada, realizaríamos a oficina do paladar ao ar livre, em algum lugar onde eles pudessem também fazer o passeio¹¹. Todos gostaram muito da idéia e ficou combinado que nós iríamos fazer um piquenique no parque do Cocó. Como a oficina seria sobre o sentido do paladar, pedimos que cada um escolhesse uma fruta com a qual ele se identificasse e levasse para o passeio.

No dia da oficina do paladar estavam presentes Sheike, Joana, Violeta, Sabiá, Marquinhos, Jamaica, José, Estrela, Luciano e Adriana. Começamos bastante atrasados, pois o hospital tinha tido um problema com o ônibus que fez o transporte dos usuários. O início da oficina estava previsto para as 8:30, mas só aconteceu por volta das 10 horas. Outro problema

é que alguns co-pesquisadores haviam esquecido de trazer a fruta. Já contando com isso, levamos frutas variadas e sugerimos que eles fossem escolhendo a sua na hora de falar.

O lugar escolhido para a realização da oficina é especialmente bonito e uma ótima oportunidade de entrar em contato com a natureza. Como não seria utilizada uma música, pedimos que eles procurassem se concentrar nos sons que a natureza trazia. Iniciamos o relaxamento pedindo que todos sentassem formando um círculo, com as pernas cruzadas e as mãos dispostas sobre os joelhos. Em seguida fomos passando as seguintes instruções:

“Feche os olhos... procure se concentrar nos sons da natureza, os pássaros, a água, o vento... (silêncio). Mentalize a sua respiração e procure inspirar o ar lentamente pelas narinas e expirar pela boca (silêncio). Agora comece uma viagem no tempo em busca do paladar... pense na sua infância e lembre alguma coisa que tenham um paladar importante pra você... alguma coisa que você gostava de comer e que lhe lembra muito esse tempo (silêncio). Pense na sua adolescência e procure lembrar um sabor característico dessa época. (silêncio) e por fim, pense na idade adulta e tente imaginar qual o sabor mais marcante dessa fase da sua vida”

Após o relaxamento, dispusemos todas as frutas numa bacia no centro do grupo e solicitamos que cada um escolhesse sua fruta e falasse um pouco sobre o sabor dessa fruta e como esse sabor aparecia na relação da família com a bicofofia. A seguir descrevemos os relatos provenientes desse momento da oficina:

¹ O passeio é uma atividade de rotina do hospital-dia onde os usuários têm direito a um ônibus para ir passear em lugares como parques, praias, etc. Esta atividade estava suspensa desde que começamos nossas oficinas e eles sempre comentavam que gostariam de fazer o passeio.



Figura 9 – grupo-pesquisador na oficina do paladar

Co-pesquisador	Fruta	Relato
José	laranja	Escolhi a laranja porque gosto dela. Não querendo a gente chupa. Tem vitaminas. A relação com a família é que a família dá valor à laranja. O sabor às vezes é azedo e as vezes é doce. Às vezes tem pessoas da família que quer se desfazer da gente, tem outras que entende. A relação doce – é aquela pessoa que cuida de você, que trata, que ajuda no tratamento. A relação amarga – é aquela que num ajuda, que é ruim, derruba e só quer se desfazer da gente.
Estrela	Caju	Tem dois tipos, azedo e doce. É gostoso, faz suco. Não é nem doce nem azedo, é forte e é fraco. Traz vitaminas e é forte. Eu sinto aquele gosto.... é doce e ao mesmo tempo azedo. A família é azeda porque tem uns que não ajudam, querem se livrar da gente, têm vergonha, finge que gosta, mas não gosta. Não ajudam. Tem preconceito. Tem um gosto estranho, ruim, mas quando está doce é gostoso. Às vezes a família finge que gosta.

Jamaica*		Tem um ranço, ranço no hospital. Para se acostumar é uma semana quando entra no hospital e depois que se acostuma não quer mais sair. A fruta também é assim. Porque é ruim no começo e depois você chupa até o final.
Sabiá	goiaba	A goiaba é doce e suave. A relação da família com a bicoфонia não é não. A doença é triste.
Estrela		A família era pra ser doce, mas às vezes são grosseiras.
Jamaica		O doce da goiaba é quando a pessoa sai do hospital, que está bem.
Sheik	Caju (castanha)	Escolhi o caju porque transmite muita paz e saúde. Tem uma coisa fundamental. É a castanha. E tem a ver com o remédio que tomamos porque dá segurança. Tem sim, a relação com a família e a bicoфонia é porque é a gente que dá trabalho.
José		A castanha tem um sabor bom. A castanha num tem diferença nenhuma. Mas tem que ter trabalho com ela pra ele ficar gostosa.
Adriana		Dá trabalho sim, a gente dá trabalho. O pior é quando a gente é teimoso, quer andar sozinha, num quer tomar remédio.
Estrela		Eu não concordo... A gente num dá trabalho, as pessoas é que fazem com que ocorra esse trabalho.
Sabiá		Mas eu num sou doente não.
Adriana		Mas já que está no hospital é que não ta legal.
Adriana	maçã	Eu acho que a maçã é sempre doce, macia e quero comparar com a minha família onde só existe doçura. Desde novembro que estou com esse problema e eles sempre me ajudaram. Acho importante a paciência que tiveram e estão tendo comigo.
Luciano	manga	A manga é doce e tem dela que é azeda. O doce – representa a família, o pai e a mãe da gente tem que ter mais calma. A gente que falar mais ninguém entende. O azedo é o rancor da pessoa, é grosseiro, quer bater, diz pra não fazer isso, fala alto e é agressivo. Isso tem na família: interna no hospital e ainda tem que apanhar dos outros pacientes que estão no hospital.
Joana	maçã	Escolhi a maçã porque é gostosa, ela é macia. Na minha família num tem nenhuma pessoa macia, só tem ruins.
Joietta	mamão	Escolhi porque é uma fruta doce e eu gosto e é bom para a saúde.

Neste quadro quando estão agrupados dois ou mais co-pesquisadores na linha de uma mesma fruta é porque houve uma complementação à fala de quem escolheu a mesma.

		O entendimento que a pessoa tem com a gente que é doce.
arquinhos	caju	É uma fruta que às vezes é doce e às vezes é amarga. Doce aqueles familiares que tentam ajudar a gente. Amargo – aqueles que olham pra gente com preconceito, acha que porque a gente é doente vai ser pra sempre assim.

1 *Análise da produção oral*

A partir dos relatos relativos a cada fruta escolhida pelos co-pesquisadores e das discussões geradas por alguns deles, nós selecionamos as categorias presentes na categorização dos dados:

A seguir apresentamos a categorização e as análises transversal e surreal.

1.1 **Categorização dos dados**

Motivo da escolha da fruta

1. Escolhi a laranja porque gosto dela. Não querendo a gente chupa. Tem vitaminas.
2. Escolhi o caju porque transmite muita paz e saúde.
3. Escolhi a maçã porque é gostosa, ela é macia.
4. Escolhi (o mamão) porque é uma fruta doce e eu gosto e é bom para a saúde.

2 e 4 associam a escolha da fruta ao seu sabor.

3 e 4 escolheram a fruta porque é bom para a saúde.

Sabores relacionados com a família

1. A família era pra ser doce, mas às vezes são grosseiras.
2. Eu acho que a maçã é sempre doce, macia e quero comparar com a minha família onde só existe doçura. Desde novembro que estou com esse problema e eles sempre me ajudaram. Acho importante a paciência que tiveram e estão tendo comigo.
3. Na minha família num tem nenhuma pessoa macia, só tem ruins.

3 divergem com relação ao sabor doce da família.

3 divergem com relação ao sabor macio da família.

III – Sabores relacionados com a bicofonia

1. (O caju) tem um ranço, ranço no hospital. Para se acostumar é uma semana quando entra no hospital e depois que se acostuma não quer mais sair. A fruta também é assim. Porque é ruim no começo e depois você chupa até o final
2. O doce da goiaba é quando a pessoa sai do hospital, que está bem.
3. Tem uma coisa fundamental. É a castanha. E tem a ver com o remédio que tomamos porque dá segurança.
4. Mas eu num sou doente não.
5. Mas já que está no hospital é que não ta legal.
6. O entendimento que a pessoa tem com a gente que é doce.

1, 2 e 3 referem-se ao hospital. Entretanto, para 1 o hospital é ruim no começo, mas depois a pessoa não quer sair. Para 2 o sabor doce só aparece quando a pessoa sai do hospital. 3 afirma que o hospital é um lugar para quem não está legal.

3 refere-se a importância do remédio e 6 à importância da compreensão.

IV – Sabores relacionados com a bicofonia e a família

1. A relação doce – é aquela pessoa que cuida de você, que trata, que ajuda no tratamento. A relação amarga – é aquela que num ajuda, que é ruim, derruba e só que se desfazer da gente.
2. Tem dois tipos (de caju), azedo e doce. É gostoso, faz suco. Não é nem doce nem azedo, é forte e é fraco. Traz vitaminas e é forte. Eu sinto aquele gosto... é doce e ao mesmo tempo azedo. A família é azeda porque tem uns que não ajudam, querem se livrar da gente, tem vergonha, finge que gosta, mas não gosta. Não ajudam. Tem preconceito. Tem um gosto estranho ruim, mas quando está doce é gostoso. Às vezes a família finge que gosta.
3. A relação com a família é que a família dá valor a laranja. O sabor as vezes é azedo e as vezes é doce. Às vezes tem pessoas da família que quer se desfazer da gente, tem outras que entende.
4. A goiaba é doce e suave. A relação da família com a bicofonia não é não. A doença é triste.
5. (A castanha) tem sim, a relação com a família e a bicofonia é porque é a gente que dá trabalho.
6. Dá trabalho sim, a gente dá trabalho. O pior é quando a gente é teimoso, quer andar sozinha, num quer tomar remédio.
7. Eu não concordo.. A gente num dá trabalho, as pessoas é que fazem com que ocorra esse trabalho.

8. A manga é doce e tem dela que é azeda. O doce – representa a família, o pai e a mãe da gente tem que ter mais calma. A gente que falar mais ninguém entende. O azedo é o rancor da pessoa, é grosseiro, quer bater, diz pra não fazer isso, fala alto e é agressivo. Isso tem na família: interna no hospital e ainda tem que apanhar dos outros pacientes que estão no hospital.
9. (o caju) É uma fruta que às vezes é doce e às vezes é amarga. Doce aqueles familiares que tentam ajudar a gente. Amargo – aqueles que olham pra gente com preconceito, acha que porque a gente é doente vai ser pra sempre assim.

2, 3 e 9 relacionam a família e a bicoфонia aos sabores doce e azedo fazendo uma distinção:

doce – quando ta doce é bom, cuida, trata, ajuda e entende

azedo – é ruim, derruba e só quer se desfazer, não querem ajudar, tem vergonha, finge que gosta mas não gosta, tem preconceito, tem gosto estranho, ruim, acha que porque é doente vai ser sempre assim.

6 diverge de 1, 2 e 3 pois fala que não existe relação doce na bicoфонia.

6 e 7 convergem ao associarem a castanha ao trabalho que a pessoa com bicoфонia dá à família. Entretanto, 7 diverge dos outros dois pois não concorda que esse trabalho exista.

– Outras associações com os sabores

1. A castanha tem um sabor bom. A castanha num tem diferença nenhuma. Mas tem que ter trabalho com ela pra ele ficar gostosa.

6 fala que a castanha dá trabalho mas não associa com o tema gerador

1.2 Análise Transversal do Paladar

A busca pelo sabor das relações da família com a bicoфонia recai, inicialmente, na polarização doce/amargo. Como já ressaltamos anteriormente, nas produções de outras cenas, esta tendência costuma aparecer no início da produção como uma primeira tentativa de situar os afetos despertados colocando-os em posições antagônicas:

Doce: é a relação em que a família cuida, trata, ajuda e entende a pessoa com bicoфонia.

Amarga: é a relação ruim onde a família só quer se desfazer da pessoa com bicoфонia, não quer ajudar, tem vergonha, finge que gosta mas não gosta, tem preconceito e acha que porque a pessoa é doente vai ser pra sempre assim.

Entretanto, para além desses extremos, aparecem sabores que ocupam lugares intermediários nessa escala de sabores, pois a mesma família que é incompreensiva, em outras situações entende e ajuda. Ou ainda, certas sensações que não têm um lugar fixo para ocupar, pois o sabor da família é doce, mas que mesmo assim não tem paciência com a bicoфонia. Apresenta-se aqui aquilo que deveria ser doce, mas o sabor que se encontra não é aquele esperado: às vezes a família finge que gosta. Como quando você morde com vontade uma fruta suculenta e ao sentir na boca percebe que o sabor não corresponde ao esperado.

Nesse momento de decepção a pessoa com bicoфонia mostra-se como aquele que come e não gosta, que esperava compreensão e ajuda, mas que só encontra barreiras. Mas, existem também momentos em que a pessoa com bicoфонia é a própria fruta. Uma fruta complicada como uma castanha que é cremosa e macia, mas dá muito trabalho para comer: é dura de abrir, é teimosa, que andar sozinha e não quer tomar remédio. Incomoda porque não se submete ao que se espera dela. Dois extremos de uma mesma relação: uma pessoa que espera compreensão, uma família que espera adaptação, e ninguém encontra o que procura no outro. Abre-se um espaço para frustrações e desentendimentos.

O hospital também pode ter um sabor de decepção, pois em um lugar onde se espera estar protegido mais uma vez encontra-se a agressão: além da decepção de ser internado pela família, a pessoa com bicoфонia ainda passa pela violência de apanhar dos outros pacientes que estão no hospital. Entretanto, o hospital tem o sabor do caju: é um ranço, a pessoa demora a se acostumar, mas depois gosta e não quer mais sair. Parece até que lá dentro, por pior que seja, ainda é melhor do que a realidade de fora.

Aliás, esse sabor da relação com o hospital surge como uma falácia perigosa que toma efeito pela causa. Quando alguém afirma que não é doente, logo alguém afirma que se ele tá no hospital, só pode estar doente. Ou seja, se você está doente, vai para o hospital e, já que você está no hospital, é porque está doente. Dessa forma abre-se um círculo do qual dificilmente alguém escapa, pois ninguém consegue responder; quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

7.1.3 Análise Surreal do Paladar

A nossa produção através das frutas terminou com a preparação de uma salada de todas as frutas que foram levadas para o grupo. Além dos sabores das frutas, outros sabores foram sendo incluídos nessa salada e então resolvemos criar uma receita onde doce, amargo, ácido, picante, e suas variações se misturam dando origem à receita da salada de família com bicoфонia. Entendemos que essa pode ser considerada uma análise surreal, pois permite dispor os dados de forma a causar estranhamento.

SALADA DE FAMÍLIA COM BICOФONIA

Ingredientes:

Cuidado	Maldade
Ajuda	Ausência
Entendimento	Preconceito
paciência	Rancor
Incompreensão	Trabalho

Modo de preparar

O sabor doce dessa salada é conseguido com um pouco de cuidado, ajuda, entendimento e paciência. Misturado a ele vem o sabor amargo da incompreensão, maldade, e ausência. Para ficar azedo é preciso bater e apanhar bastante e misturar com um pouco de rancor. Acrescenta-se um pouco de trabalho. Esse vem da gente que quer andar sozinho e não toma o remédio. O gosto estranho é conseguido com uma pitada de preconceito. Depois tem o ranço do hospital. Deixe uma semana para acostumar, no começo é ruim, mas depois você chupa até o fim. Essa receita era para ser doce e suave, mas não é. Só fica assim depois que sai do hospital. Mesmo assim, a gente às vezes finge que gosta, mas não gosta.

8 OFICINAS DE CONTRA-ANÁLISE

Depois de terminadas as oficinas de produção e a análise de todos os dados, voltamos a nos reunir com o grupo-pesquisador a fim de realizarmos a contra-análise dos resultados. Como já afirmamos anteriormente, na proposta sociopoética a contra-análise é o momento em que o pesquisador oficial apresenta suas análises ao grupo-pesquisador para que este possa avaliá-las aceitando-as, alterando-as ou rejeitando-as. Aqui acontece um movimento dialógico de alianças, miscigenação ou bifurcação de sentidos, no seio do grupo-pesquisador, pois os conflitos nem sempre encontram soluções e, nesse caso a divergência é considerada produtiva. Além disso, como afirma Soares (2002), o dispositivo da restituição é mais uma tentativa de romper com a relação de exploração dos grupos investigados instituída por algumas práticas investigativas.

Entendemos que o ideal seria ter disposto de mais tempo antes de voltar ao grupo, mas, infelizmente, isso não foi possível. A maioria dos integrantes do grupo já havia recebido alta do hospital e começava a ficar difícil conseguir junto à direção a alimentação e o auxílio transporte para os participantes. Diante desses problemas, optamos por realizar logo a contra-análise mesmo que essa não se desse da maneira que gostaríamos.

O desafio que se colocou foi o de apresentar ao grupo o material analisado num formato que não se apresentasse muito formal e permitisse ao grupo apropriar-se dessa produção. Sendo assim, quando o texto da análise apresentava uma linguagem muito densa, optamos por utilizar formatos poéticos e mitológicos no preparo do material para contra-análise. A seguir descreveremos cada uma das atividades realizadas.

8.1 Primeira oficina de contra-análise (olfato e audição)

Realizamos a primeira oficina de contra análise no dia 19 de setembro de 2002 utilizando o material analisado referente às oficinas do olfato e da audição. Iniciamos com um relaxamento. Havíamos preparado para esta oficina uma técnica de relaxamento através de massagem corporal onde o grupo seria dividido em duplas e cada um massagearia o outro.

Entretanto, alguns integrantes do grupo não aceitaram a proposta, pois não se sentiam a vontade com a técnica. Sendo assim, optamos por realizar um relaxamento mais simples: com as pessoas deitadas em colchonetes e uma música suave ao fundo, fomos sugerindo a sensibilização e o relaxamento de várias partes do corpo.

Após o relaxamento, cada subgrupo recebeu um material que preparamos com uma síntese do que havia sido analisado. Inicialmente, lemos em voz alta e discutimos cada parágrafo do texto a seguir:

Texto I da contra-análise: qual o cheiro da bicoфонia na família?

Para apresentar a relação da bicoфонia com a família através do olfato o grupo inventa uma paisagem onde, através de seus cheiros e odores, poderemos encontrar os sentidos dessa relação. A paisagem é bastante simples, composta por uma árvore, algumas abelhas e uma estrela. Cada elemento desse cenário é carregado de vários significados que muitas vezes se encontram e noutras se repelem, dando movimento e modificando os cheiros da paisagem. Começaremos apresentando a árvore. Em um de seus sentidos ela é a grande árvore da vida, a árvore genealógica composta por todas as figuras representativas dessa formação: meu pai, meu marido, minha mãe, minha irmã, minha namorada. A família tem raízes, tem um passado que traz lembranças, cada uma com seus cheiros característicos como as reuniões de família, a preparação para ir à escola de manhã, um passeio para tirar mel de abelha com a mãe, com os irmãos, aquela animação em família. A roupa cheirosa guardada nos armários, as visitas à igreja, a semana santa com peixe e união, ou a casa dos avós, cheiro de serra e de sertão. A mãe, por exemplo, é muito importante para um lar feliz, pois ajuda com seu amor na recuperação dos indivíduos. Na hora do sofrimento de um a gente está sempre próximo.

Entretanto, se nesses momentos o cheiro traz a lembrança, noutros é só sofrimento: cobra engolindo cobra, desunião. Eu gosto deles, mas eles não reconhecem quem eu sou. Acham que eu sou uma louca, uma débil mental porque eu gosto de brincar, acham que isso não é normal. Eles são bem sérios, mas não respeitam ninguém! Enquanto tem gente que conversa com árvore, tem pessoas que não gostam nem do irmão. Sagrada ou desgraçada? Que nome dar a essa família se eu tenho nojo dela, mas a família unida jamais será vencida? Alguém afirma: depende da família, a minha é mais ou menos, mas dá para levar. Por via das dúvidas, o melhor mesmo é morar longe! Tudo isso é muito confuso, não sei ...

O outro elemento desse cenário é a abelha, que também vai ter vários significados. Primeiro porque a abelha dá o mel, o mel da cura, afinal mel com leite é bom para os nervos!

Nesse sentido, o hospital é o lugar onde a família vai buscar a cura, pois ele serve para tratar pessoas com distúrbios mentais assim como o mel cura doenças respiratórias. É o remédio, evita você sentir tristeza e solidão, não provoca dor no coração, não faz mal nem prejudica a saúde e sara as doenças na família e nas pessoas. Entretanto, existe o hospital que retira a pessoa da sociedade, parece que é bom, mas não é bom pro coração: ah, um irmão de verdade não ia jogar o outro dentro de um hospital desses não!

O mel que cura também pode ser o mel cachaça. Ele simboliza as coisas que a gente tem que evitar e as coisas que a gente deseja: não pode tomar cachaça com remédio não! Será que devemos evitar a cachaça?

O álcool, a maconha fazem mal e prejudicam a saúde, poluem o pulmão, não é bom para saúde, atinge o cérebro e causa desunião. Lembra o meu pai que bebia e botava boneco ou meu padrasto que bebe. A droga causa a destruição da família. Mas lembra também a união da família, cheirinho de semana santa com vinho e peixe. E a maconha, não nos faz acordar bem ligeirinho? São essas coisas que a gente evita e deseja, que brinca, mas machuca. Às vezes nada acontece.

E por falar no que a gente deseja, o cenário tem uma estrela, a estrela é um astro no céu. É como aquele desejo lá longe, tão longe que parece até que mora aqui dentro. Ela pode ser a estrela do exército ou do contato com a natureza, não importa, ela é o primeiro passo para minha libertação. Ela serve para clarear as nuvens, dá vontade de viver mais ainda, faz a gente procurar a nuvem da serenidade e a calma das montanhas. Ela serve para mostrar que meu desenho não é esse! Ela existe e a gente procura, é a esperança. É a luta para superar a bicoфонia.

E o que é a Bicoфонia? É uma doença que surge diante dos problemas particulares. Não são só os pais, que nos acompanham durante toda a vida. Existem também crenças, acompanham e nos prejudicam por toda nossa vida. Elas povoam nossa mente e chegam a transformar a vida em tudo aquilo que é capaz de transtornar uma pessoa: depressão conduzida à parcialidade refletida na sociedade humana. A depressão pode provocar loucuras neurológicas, parece uma brisa, um sol triste. Será que a bicoфонia também é uma cachaça? Ora, certas pessoas têm problemas... e existem famílias que não têm essa árvore.

* * *

Terminada a leitura do texto, solicitamos ao grupo que lesse a poesia surreal chamada “qual o cheiro da bicoфонia na família?”, a qual havíamos elaborado com base no material

produzido por eles. Propositamente deixamos em branco a última estrofe da poesia e pedimos ao grupo que imaginasse como seria a estrofe que completa a poesia. O grupo foi dividido em subgrupos e produziu os resultados que apresentamos a seguir:

Qual o cheiro da bicofonia na família?

Meu nariz é uma peneira
Que coa o resto do mundo
Pois se a vida me chega inteira
Quem garante que eu não afundo?

Senti um cheiro de mato
Da árvore verde da vida
Mas sinto também o verde
Amargo de uma ferida

Afinal árvore não é
Só aquilo que dá no pé?
Ou será que pé – de – cana,
É árvore ou não é?

vejo estrelas no caminho
piso estrelas, tomo um vinho
Às vezes são astros no céu
Às vezes sou eu sozinho

Tem mel de doçura que cuida e cura
Tem o que brinca e machuca, é mel de amargura
Tem um que sara, tem um que engana
Qual dos dois é mel de abelha,
qual dos dois é mel de cana?

As estrofes criadas pelos subgrupos foram as seguintes:

<p>Grupo I – Irene, Estrela, José</p> <p>O pé de cana não serve Só pra cachaça, serve Também pra rapadura Álcool, mel e açúcar A cana verde que nasce do chão</p>	<p>Grupo II - Sabiá e Marquinhos</p> <p>Pequeno como grande Grande como pequeno Você é como uma flor Que brotou no meu jardim.</p>
<p>Grupo III - Jamaica, Sheike e Luciano</p> <p>Poesia solitária</p>	<p>Grupo IV – Joana e Bolinha</p> <p>Sobre a família é que todas</p>

Joguei o limão pra cima	Elas são muito importante
Aparei com a vassoura	Pra todos nós a família
Nunca vi moça mais linda	Tem que viver unida em harmonia
Comendo batatinha	Para que a vida seja repleta de êxito.
Como a nossa professora	

Texto II da contra-análise: Qual o som da bicoфонia na família?

O som da bicoфонia é como um som de abelha. Parece quando eu e minha irmã estamos meditando. Nos sentimos tão bem e viajamos o mundo todo com aquele som. Solta tudo da gente. A abelha transmite o mel que cura qualquer coisa, é saúde. Mas também tem ferrão e transmite cada beliscada! A família é uma doença, mas também é a cura. Transmite doenças. Cada um tem um pensamento diferente.

Se esse som vier de um por um, tudo bem. Cada coisa no seu lugar a gente suporta, mas se vier tudo misturado parece um bocado de doido. Fica um som confuso que deixa a cabeça cheia de problemas e pode trazer muito transtorno para a pessoa. Fica parecendo um som desorientado e aí se transforma num pavilhão, pavilhão quatro, pavilhão cinco... Para quem não sabe o que é, pavilhão é o nome que se dá às enfermarias do hospital de internamento. Lá, todo mundo fala de uma vez só, sem ninguém entender nada. Lá tem gente impregnado, falando, uivando, berrando, assobiando, batendo palma. Que som é esse pelo amor de Deus? Estão todos doidos?

Se a família ouvisse esse som ia achar que a gente não está bem, ia dizer que nós tava doido. Se a família ouvisse esse som não ia acreditar que tava num hospital para tratamento, ia dizer que a gente tava pior do que quando entrou. Esses sons confusos que nos deixam ristes...Se a família ouvisse ia dizer que estamos em crise de bicoфонia.

Mas existem outras situações em que esse som tem um significado diferente, como por exemplo, nas festas de aniversário na família. Nas festas que a gente vai, no carnaval, fica lá, todo mundo gritando e dançando. Além das festas, esse som aparece também quando estão na greja, no zumbido de uma orquestra. Também parece um bocado de doido, também misturado, vem tudo de uma vez. Mas nesses casos as pessoas dizem que é bom e bonito, que serve para relaxar. Dá para sambar? Então tudo bem, termina tudo em samba. Mas quando não representa nada, é como uma poluição sonora. Som de voz, ninguém quer ouvir porque não entende, porque morre e não entende.

O som da bicofonia

Olha aí minha galera
 Que hoje é dia de festa
 É aquele carnaval
 Gente pula, gente grita
 E se enche de birita
 Mas ainda é normal

Olha aí minha família

hoje é dia de visita
 Lá no pavilhão quatro
 Gente uiva, gente sente
 Mas quem chega não entende
 Isso é coisa de doente

De repente o mudo vira

Você vai ver que eu não minto
 Sai todo mundo do pavilhão cinco
 Pra fazer festa lá fora

A seguir apresentamos as estrofes criadas por cada subgrupo:

<p>Grupo I - Irene, Estrela, José</p> <p>Terminamos todos Com alegria</p>	<p>Grupo II - Sabiá e Marquinhos</p> <p>O carnaval é a Festa de alegria E desabafo Bota tudo que é ruim pra fora</p>
<p>Grupo III - Jamaica, Sheike e Luciano</p> <p>Olha aí galera Hoje é dia de festa Dia de despedida Recebemos alta vamos todos Galerar agora</p>	<p>Grupo IV - Joana e Bolinha</p> <p>A festa deve ficar Deve ser muito bagunçada Mas com muita alegria</p>

Terminada a produção nos grupos abrimos espaço para a discussão sobre os textos e o que eles haviam criado. Percebemos que o grupo demonstrou uma certa dificuldade em trabalhar da maneira que foi proposta, pois acharam difícil se expressar em forma de versos e isso acabou limitando as discussões. Todos afirmaram que os textos estavam de acordo com o que havíamos produzidos e que aquilo que eles haviam discutido durante todas as oficinas representava a realidade vivenciada por eles.

8.2 Segunda oficina de contra-análise (Tato, visão e paladar)

Na segunda oficina de contra-análise procuramos utilizar uma metodologia diferente na devolução dos dados visto que a primeira técnica utilizada não surtiu o efeito que esperávamos de propiciar uma maior discussão sobre os dados. Sendo assim, no primeiro texto que aborda a produção através do tato, solicitamos que após a leitura o grupo imaginasse algumas sensações surreais tomando por base elementos da própria produção do grupo. No segundo texto, o qual trata da produção através da visão, optamos por trabalhar com uma narrativa mítica que articulasse alguns elementos que surgiram durante a oficina de produção. No terceiro texto, relativo à produção do paladar, distribuímos e discutimos o texto da “Salada de família com bicoфонia” o qual produzimos na análise surreal dos dados desta técnica.

A seguir, apresentamos os textos que foram lidos e discutidos junto a suas respectivas produções:

Texto I: Quais os toques da bicoфонia na família?

Corpo-gelado: nessa sensação o grupo afirma que na relação da família com a bicoфонia você sente alguma coisa gelada dentro de si. Botam em você coisas geladas. Algumas coisas geladas doem como uma frieza, você sente. Mas outras têm a função de acalmar a pessoa. O gelo não acalma a dor? Pois assim também são as coisas geladas, às vezes elas são necessárias para acalmar a dor.

Corpo-duro/pesado: essa sensação dura/pesada é uma das que mais sentidos despertou. Podemos citar em primeiro lugar o seu sentido de proteção. É como uma coisa assim comprida, como a mãe da gente deitada ao nosso lado. É muito importante quando a gente se sente ao lado da família, a gente sente muita falta da família quando ela não está por perto. Um outro sentido bem diferente do primeiro é o da coisa dura como uma pedra, que dói como

os desentendimentos e as discussões. Mas é importante destacar que variações destas sensações são intensas, pois as conchas fazem parte da família e podem tanto proteger quanto isolar. Outro elemento que faz parte desse corpo-duro/pesado é o muro. Imagine um muro alto que separa a casa de uma criança de um hotel com piscina e tudo. Para poder entrar no hotel ela precisa pular esse muro, pois não a deixam entrar pela porta. É assim a barreira que há entre o doente mental e a vida social, tem sempre um muro que barra. Tem também o muro da separação da família, que separa os elementos de uma mesma família. Entretanto, nem todas as famílias têm esse muro. O muro pode ser também um muro interior, o meio entre uma divisão depressiva ou um muro de Berlim pessoal, o muro que simboliza o outro lado das pessoas, ao qual elas não têm acesso. Por exemplo, em Berlim tinha um muro que não permitia que as pessoas do outro lado se conhecessem, um dia derrubaram o muro e aí surgiu a liberdade para conhecerem outras pessoas. No muro de Berlim pessoal também é assim, para poder se conhecer melhor a pessoa tem que romper esse muro que existe dentro de si. Finalmente, o muro também pode ser usado para proteger, como no caso das crianças, por exemplo. Quando a gente está depressivo ou em crise não é bom as crianças verem, pois elas podem ficar nervosas, elas não entendem o que está acontecendo. Mesmo assim, a criança é muito sensível e pode pressentir que alguma coisa não está bem. A criança precisa de muita conversa, diálogo, carinho, amor. Ela pode até ajudar passando carinho para pessoa. A criança é uma nova geração da família. Também fazem parte do duro/pesado, as coisas concretas do dia-a-dia, as lembranças da casa do meu pai, da casa da minha família. A casa nos abriga para nossa percepção pessoal na família. Lembra o barro... a gente só comia em prato de barro e isso lembra muito da família junto, toda reunida no chão para almoçar, e as comidas feitas em panela de barro. E por falar em comida, lembra também que além da alimentação, as pessoas têm o direito de se vestir bem, de ser educado com as outras pessoas, tem que se dá ao respeito para poder ser respeitado. O duro/pesado representa também a morte, que pena que minha avó faleceu e que a pena que a minha mãe Deus levou. E outras vezes não representa nada não, fica só lá mesmo.

Corpo – seco: a sensação do corpo seco foi relatada pelo grupo como sendo uma criança em depressão. Um corpo que perdeu toda sua vontade, todo o seu desejo. Como uma pessoa que não se alimenta bem, que sente fome, ou até que nem sente fome, perdeu a vontade comer. O símbolo desse corpo é a algema dos escravos. Eles apanhavam muito, muitas pancadas na cabeça, no corpo. Muitos ficavam doidos nos canaviais, sofriam com os espancamentos e se tornavam doentes mentais com tanto sofrimento. Eles não dormiam, só trabalhavam. Mas esse

corpo seco também tem suas resistências. Ele não se entrega: quando chegava a noite os escravos inventavam a capoeira. Gingavam de noite para melhorar o sofrimento e era uma diversão. Mas não se engane porque ainda hoje existem também escravos. Eles vêm de fora, no porão dos navios, bem amarradinhos na camisa de força, bem “sequim”, vem da Jamaica, da Etiópia, da Argélia, da África... Eu também sou uma escrava lá. Eu faço as coisas e eles não ajudam. Eu me sinto uma escrava na família. Não posso ter liberdade para fazer o que eu quero: uma pessoa sempre tem que mandar e eu baixo a cabeça. E eu já fui um escravo do meu pai, apanhava todo dia do meu pai sem fazer nada. Ele era um doido, um alcoólatra e eu acabei ficando com problema de depressão e alcoolismo. Apanhei muito da minha mãe, de pau de ponta de prego, amarrado na mesa. Mas eu fumava cigarro escondido e ela me dava outra surra por causa de cigarro. Quando eu era pequena eu ignorava mas agora eu sei que o cigarro faz mal. É muito prejudicial à saúde. Também deixa o corpo seco.

Corpo leve/macia: outra sensação relatada pelo grupo na relação da família com a bicoфонia foi o leve/macio. É como umas linhas e umas bolas passeando pelo nosso corpo, ou alguma coisa fazendo cócegas, cócegas é a coisa mais leve que existe. É o amor, alguma coisa leve, mas quentinha. Uma pessoa da minha família deitando ao meu lado me dando aquela calma, aquele amor. Eu senti uma paz. A minha família me dá paz, me dá segurança e alegria. É como um corpo leve de maciez e tranquilidade. Outra coisa leve é também a brincadeira dos trabalhos em grupo. É quando você tem um espaço seguro para poder conhecer o seu corpo, é como se fosse assim uma brincadeira onde você quer descobrir o que tem no seu corpo. É como um caranguejinho se mexendo na minha barriga, mas sem machucar, pois é um lugar protegido. O relaxamento faz parte da bicoфонia e a família gosta de se divertir, de brincar. É como tomar banho na praia, bem relaxado. Mas se você não se sentir seguro, pode sentir medo dos objetos, eles assustam, pois parecem uma cobra. É que essa relação com o leve/macio também pode ser perigosa. Quando as coisas ficam tão leves, tão soltas que você se sente desprotegido. O mar, a bolha e as nuvens, com sua leveza, têm muita relação com a depressão, a solidão é como ficar só na praia e a angústia é como percorrer só sobre o mar. É como ficar dentro da caverna escura. Transmite medo, transmite uma coisa ruim. É a doença, esse desequilíbrio que não permite que nada de duro se forme. Tudo é leve demais. Essa caverna testou muita gente né? Para saber se a pessoa tinha coragem ou não. Pode ser que lá esteja escuro e você se sinta bem. Transmite muita paz, muita calma.

Após a leitura do texto, colocamos para o grupo algumas questões que formulamos com o objetivo de criar corpos surreais, que não existiam inicialmente no pensamento do grupo, mas que foram inventados para estimular a multiplicação do sentido. As perguntas formuladas foram as seguintes:

- a) Como seria uma coisa gelada-pesada na relação da família com a bicofonia?
- b) Como seria uma coisa gelada-leve na relação da família com a bicofonia?
- c) Como seria uma coisa seca-dura na relação da família com a bicofonia?
- d) Como seria uma coisa seca-macia na relação da família com a bicofonia?

A seguir apresentamos os resultados da contra-análise de cada subgrupo:

Grupo I Sheike Sabiá	Gelada - pesada	Incompreensão. Sem amor. Sem união.
	Gelada-leve	Sem afeto. Sem carinho.
	Seca-dura	Falta de paz. Falta de tranqüilidade.
	Seca-macia	Transmite uma coisa ruim, duro, medo.
Grupo 2 Jamaica José	Gelada - pesada	É a consciência da minha irmã. É uma consciência dura para colocar uma irmã num presídio desses.
	Gelada-leve	Eu e minha irmã. Gelada é ela, leve sou eu. E ao mesmo tempo eu sou gelada também, leve quando eu to de bom humor.
	Seca-dura	A cara de pau da minha irmã. É mais dura do que pau.
	Seca-macia	Seca, aliviada, macia quando tira a gente de alta.

Grupo 3 Estrela Bolinha	Gelada - pesada	Uma relação fria, sem amor, sem carinho, sem afeto. Aquela pessoa precisa de amor. Pesada é que muita família não ajuda aquele que precisa.
	Gelada-leve	O grupo não fez este item.
	Seca-dura	O grupo não fez este item.
	Seca-macia	O grupo não fez este item.

Em seguida, fizemos uma discussão sobre as respostas de cada subgrupo. A maioria dos co-pesquisadores concordou com o que havia sido colocado nos textos e alguns poucos se dispuseram a comentar os resultados:

*A família não se importa de ajudar quem precisa. Joga a pessoa num pavilhão, deixa ela lá, e ela se quiser que procure sair de lá. Foi o meu caso a minha família me jogou aí e eu lutei pra sair sozinha porque se fosse outra ainda tava aí sofrendo. **Estrela***

*Eu concordo que as pessoas não procuram ajudar a gente. **Bolinha***

*Achei muito importante porque explicou pra gente mais ou menos como era uma depressão. **Sheike***

Texto II – quais a visão da bicoфонia na família?

A visão que o grupo criou da relação da família com a bicoфонia tem alguns elementos centrais. Em primeiro lugar, existe a visão de que as pessoas precisam do perdão. Elas cometeram algum pecado e precisam pedir perdão para poder ganhar o céu quando morrer. Essa pessoa nem sabe qual foi seu erro, mas precisa pedir perdão e para que ele seja alcançado é preciso que a família fique unida pedindo perdão a Jesus.

Outro elemento presente na relação da família com a bicoфонia é a traição, são os Judas. Cada família tem um Judas e tem um inocente, mas ninguém gosta que chame a gente de Judas não. Cada família tem um problema e um desgosto, como, por exemplo, desgosto do pai. A traição vem também das pessoas que não entendem, zombam e cospem. Criticam,

falam e isolam a pessoa com bicoфонia. Mas isso não acontece só lá fora não. Na família também existe inveja, ciúme, raiva e desprezo.

Entretanto, como todo mundo quer paz e sossego é preciso que haja união na família. Outros elementos importantes são o amor e a liberdade. As pessoas têm que se amar, primeiro a si mesmo, depois aos outros. Em primeiro lugar, tratar da saúde. Precisamos também de liberdade para fazer as coisas e pensar. Liberdade assim de ser independente.

E a família é tudo isso junto, tudo tem defeito.

Após o texto de análise sobre a produção através da técnica da visão, apresentamos para o grupo uma história mítica construída a partir dos elementos que eles haviam introduzido durante a produção. Misturamos elementos como traição, culpa e perdão e elaboramos o texto a seguir. A história para em um ponto culminante da narrativa e cada subgrupo deveria criar um desfecho.

Pecado, perdão e traição em Oainu

Há muito tempo atrás existiu uma pequena cidade chamada Oainu. Seus habitantes haviam pecado muito no passado, mas depois se arrependeram e passaram a pedir perdão todos os dias com medo de ser castigados. Todos procuravam viver como em uma só família. Mesmo assim, lá reinava o medo e a angústia e as pessoas viviam pensando em se matar. O motivo era que a cidade havia sido assombrada por uma terrível maldição: dentro de 12 anos aconteceria uma disputa entre “A Grande Força Superior” e uma pessoa escolhida entre os cidadãos oainuenses. Se o escolhido vencesse, a cidade estaria libertada e todos os pecados de seus habitantes seriam perdoados. Além disso, o vencedor seria coroado rei de Oianu. Caso contrário, a Grande Força castigaria todos os habitantes com terríveis crises de bicoфонia. A notícia se espalhou por outros reinos e todos que não entendiam a situação de Oianu criticavam, riam e zombavam de seus habitantes de tal forma que eles nem conseguiam visitar os amigos que moravam nas cidades vizinhas.

Entre os oainuenses havia uma com poderes especiais. Era uma velha sacerdotisa chamada Ailimaf. Ela fazia orações pela cidade e tentava a todo custo descobrir qual seria o escolhido que salvaria Oainu. Por isso, todas as crianças que nasciam eram levadas até ela para que pudessem ser avaliadas pela sacerdotisa. Um dia nasceu Memoh, filha de uma das

famílias oainuense logo seus pais a levaram até a velha senhora. Assim que viu a criança Ailimaf afirmou:

- Perdoa filha, o grande Deus perdoa seus pecados. Você não tem culpa de nada não. Você vai pro céu quando morrer, mas antes disso, você é quem vai salvar Oainu da maldição!"

A família da criança ouviu a profecia da sacerdotisa e quase todos ficaram muito felizes. Quase todos porque nessa família havia um casal que não queria que Memoh fosse eleita rainha de oianu pois achavam que seu filho Saduj é que devia ser rei. Sendo assim, os pais de Saduj tomados pela inveja, pelo ciúme e pela raiva, viviam tramando traições contra Memoh.

Quando Memoh completou 12 anos chegou o dia da batalha. Seus pais a levaram para o templo e deixaram-na sozinha esperando o desafio. Enquanto isso, os pais de Saduj entraram no templo sem serem vistos e...

Final da história criado por cada subgrupo:

<p>Grupo I</p> <p>Eles entraram no templo e declararam que ele tinha vindo mandado por deus para organizar o país e deram o reinado para ele. Coroaram ele rei e aí mudou tudo pro bem de todas as pessoas no mundo Oainuense e todos foram felizes.</p>	<p>Grupo II</p> <p>A criança queria se libertar dos atos e dos seus pais porque ele não suportava tanta tortura, os pais e as pessoas que viviam ao seu lado.</p>
<p>Grupo III</p> <p>Então ele estava na batalha, aí avaliado Oainu teve uma batalha sangrenta onde só um era vencedor. Saduj foi o vencedor e assim a criança realizou o seu sonho.</p>	

Em seguida discutimos os finais produzidos pelos subgrupos e algumas pessoas quiseram complementar ou alterar partes do texto:

Foi importante o que nos fizemos aqui, e as outras coisas também. (José)

Isso tem a ver porque a própria família não consegue ver você batalhando, lutando pelo que você quer. Aí eles com inveja e com raiva fazem qualquer coisa pra te destruir, nem que seja uma traição. Enquanto não vê você no buraco não sossega. (Estrela)

A pessoa tem que ter liberdade pra fazer o que ela quer. Tem pessoas que têm esse preconceito. (Bolinha)

Eu acho que é isso aqui mesmo, não deve mudar nada não. (Sheike)

Essa história que a família dá carinho, dá amor e felicidade, isso não é. Tem famílias que pega a pessoa de propósito e bota num canto que é pra se ver livre dela. Essa parte aí eu não concordei. (Estrela)

Texto III – Qual o sabor da bicoфонia na família?

Na oficina do paladar resolvemos trazer para a contra-análise o material produzido em forma da receita da salada de família com bicoфонia para que fosse lido e discutido pelo grupo:

SALADA DE FAMÍLIA COM BICOФONIA

Ingredientes:

Cuidado	Maldade
Ajuda	Ausência
Entendimento	Preconceito
paciência	Rancor
Incompreensão	Trabalho

Modo de preparar

O sabor doce dessa salada é conseguido com um pouco de cuidado, ajuda, entendimento e paciência. Misturado a ele vem o sabor amargo da incompreensão, maldade, e ausência. Para ficar azedo é preciso bater e apanhar bastante e misturar com um pouco de rancor. Acrescenta-se um pouco de trabalho. Esse vem da gente que quer andar sozinho e não toma o remédio. O gosto estranho é conseguido com uma pitada de preconceito. Depois tem o ranço do hospital. Deixe uma semana para acostumar, no começo é ruim, mas depois você

chupa até o fim. Essa receita era para ser doce e suave, mas não é. Só fica assim depois que sai do hospital. Mesmo assim, a gente as vezes finge que gosta, mas não gosta.

No começo a gente começa a gostar daquela pessoa e a pessoa num percebe. A gente vai se apegando aí ela vem por detrás da gente e mete a chibata. Aí ela quer por fim da força que a gente goste dela. Depois que a gente sabe quem é ela faz só isolar e esquecer que ela existe. A salada diz que existem pessoas que é covarde e existe mesmo. A minha família é covarde. (Estrela)

Avaliação

Terminada a última oficina de contra-análise, solicitamos ao grupo que fizesse uma avaliação do processo falando um pouco de como havia sido para eles participar desta pesquisa, suas sugestões ou qualquer outro comentário que quisessem fazer sobre os momentos que passamos juntos. A seguir, apresentamos os relatos produzidos nessa discussão.

Sheike – eu achei muito legal, interessante. Porque desde o primeiro dia eu achava que ia ser diferente, eu achava que não ia continuar até o fim e achei muito importante porque nós tivemos uma ajuda de vocês, pessoal da universidade. Eu achava que ia ser monótono. Eu acho que nós temos que aprender cada vez mais.

José – no início eu fiquei pensando: que será isso? Que marmota será essa? Mas deixa que essa marmota foi uma coisa muito interessante que a gente discutiu a bicoфонia e a gente ficou cada vez mais sabendo o que é a bicoфонia. A gente descobriu que traz muito problema quando a gente num quer se tratar. Nós falamos muito dos remédios e do hospital-dia e foi importante a sua presença aqui também.

Jamaica – no começo eu recusei porque eu vi um defumador, uma mesinha. Aí ali fora eu falei essa mulher veio pra cá pra bater macumba e eu num to aí. Aí da ouíru vez eu dormi. Mas serviu de exemplo, eu gostei muito das

oficinas. Gosto muito da Lia, vou sentir muita falta dela e aprendi muita coisa sobre a família e a bicoфонia.

Marquinhos – no começo eu num falei muita coisa porque eu num sabia o que era, nunca tinha participado disso e também você veio com aquelas coisas parecidas com macumba. Mas hoje eu gostei muito porque eu aprendi muitas coisas. Foi ótimo.

Joana – eu achei muito bacana e espero continuar de novo. Achei que deu pra entender.

Bolinha – no começo eu senti um pouquinho de dificuldade porque não sabia o que ia fazer, mas foi muito ótimo. Agradeço muito a sua presença aqui. Gostei muito do tema.

Estrela - desde o começo eu gostei, num tenho nada contra. Tudo que eu falei aqui foi pura verdade. Aconteceu mesmo e vai acontecer muitas vezes ainda, então vocês sejam bem - vindas e obrigada por tudo.

9 SOCIALIZANDO A PRODUÇÃO

*Sonho que se sonha só,
É só um sonho que se sonha só.
Mas sonho que se sonha junto é realidade.
(Raul Seixas)*

A socialização da pesquisa foi discutida com o grupo desde o início da pesquisa. Conversamos muito sobre qual seria a forma mais adequada de apresentar para o público o que eles haviam produzido na pesquisa. As sugestões feitas foram principalmente de fazer a socialização através de um número de dança ou peça teatral. Finalmente a opção da peça acabou sendo a escolhida, mesmo que nem todos do grupo tenham aceitado participar.

Realizamos três encontros após o término da pesquisa que foram dedicados à criação do texto da peça e aos ensaios. O grupo decidiu que a peça aconteceria em três momentos e criou os diálogos para cada um deles. Criamos em conjunto o cenário e os figurinos e, como eu não representaria nenhum papel na peça, me limitei a dirigir as cenas. A peça foi filmada e seu origem a um vídeo. No dia da apresentação da peça, estavam presentes funcionários do hospital, familiares dos usuários de diversos serviços do hospital, estudantes de diversas áreas, além de pessoas atendidas no serviço acompanhamento ao uso de drogas.

A seguir apresentamos a ficha técnica e o roteiro da peça.

FICHA TÉCNICA:

Direção: Lia Silveira

Elenco: Francisco Cordeiro, (Pai)

Cícera Ramos (Mãe)

Marco Aurélio Paixão (Filho)

José Godim (amigo)

Francisco José (médico)

Simone Lélis (Auxiliar de enfermagem)

Irene (poeta)

Além dos seus papéis todos também interpretaram os monstros.

Música: Bicho de sete cabeças (Zé ramalho) - primeira cena

Cofrinho de amor (Lindomar Castilho) – segunda cena

Cenografia: todo o grupo-pesquisador

Figurino: todo o grupo-pesquisador

Vídeo: Kennedy Demetrius Marreiro

Fotos: Madalena Bonfim

ROTEIRO



1ª cena

Personagem está sozinho em casa e começa a ter alucinações. Vê vários monstros que o perseguem e querem matá-lo. Ele começa a gritar e cai no chão ainda confuso.

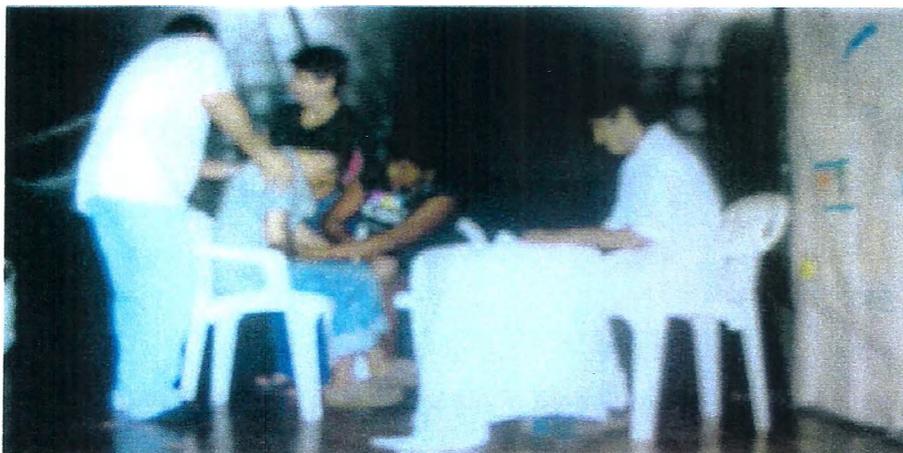


2ª cena

O pai do personagem é alcoólatra. Entra em casa falando agressivo com o filho. Pega uma garrafa de bebida e começa a beber.

3ª cena

A mãe do personagem chega em casa cansada de trabalhar fora e encontra o marido bebendo. Os dois brigam e gritam porque ele não quer trabalhar. O personagem fica agitado e começa a chutar os móveis. A mãe acusa o pai pelo estado do filho e o leva para um hospital psiquiátrico.

**4ª cena**

A auxiliar de enfermagem chama a família para a consulta. O médico sem olhar para o paciente receita um psicotrópico injetável e recomenda o internamento. Os pais vão embora e o personagem fica em um pavilhão conversando com outro interno.

Após a apresentação da peça, abrimos espaço para uma discussão junto à platéia presente. O grupo-pesquisador se apresentou e expusemos o processo de pesquisa que deu origem à peça. Vários familiares e usuários do serviço se manifestaram elogiando a peça e discutindo questões apresentadas na peça como o uso de bebidas alcoólicas, o desemprego, o internamento e o relacionamento familiar.

10 MOMENTO FILOSÓFICO: a produção dos confetos no intensivo dos encontros

O mais importante e bonito, do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.

(Guimarães Rosa)

Como referimos anteriormente, o momento filosófico da análise sociopoética é aquele dedicado a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador com reflexões teórico-filosófica de outros autores ou correntes. Optamos por realizar esta análise em um capítulo separado por entendermos ser necessário fazer um apanhado de todos os confetos produzidos pelo grupo, permitindo, assim, uma leitura geral e mais panorâmica do produzido ao final da pesquisa.

Entretanto, vale destacar a que estamos nos referindo quando falamos em “produção filosófica de confetos”. Inicialmente, gostaríamos de definir mais claramente o que estamos chamando de “filosofia”. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997:14) a filosofia não pode ser associada nem à reflexão, nem a contemplação, nem à comunicação:

Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja. (...) E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o “consenso” e não o conceito.

Os autores afirmam, ainda, que não podemos conhecer nada por conceitos que não tenham sido criados por você mesmo. Essa é a tarefa da filosofia: criar conceitos. Nesse caso, passamos a nos perguntar o que é um conceito e, antes de tudo, já descobrimos que ele não

tem nada a ver com a definição, com a delimitação de uma verdade última sobre algo: o conceito é da ordem do acontecimento, não da essência. Sendo assim, ele tem sempre a verdade que lhe é possível, em função das condições de sua criação e, portanto, não se pode afirmar que haja um conceito melhor do que um outro. Mas, um detalhe se faz necessário: eles *devem estar em relação com problemas que são os nossos, com a nossa história e sobretudo com os nossos devires* (Deleuze e Guattari, 1997:40).

Foi com base nessa noção deleuze-guattariana de filosofia que Gauthier (2004) desenvolveu a noção de “confeto”. Segundo o autor, para que possamos entender a produção de confetos, precisamos distinguir, inicialmente, o *plano de imanência*, o conceito, o *plano de consistência* e as *personagens filosóficas*. O plano de imanência, é anterior ao conceito, mas ao mesmo tempo, é o que possibilita a sua criação: *Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais*. (DELEUZE E GUATTARI, 1997:52) Gauthier (2004) afirma que começamos a filosofar quando filtramos o caos sem perder o infinito das questões, ou seja, quando criamos o plano de imanência. O plano de consistência é a superfície onde os conceitos compõem-se e insistem. Eles traçam linhas de fuga saindo do seu contexto de nascimento para constituírem o pensamento abstrato.

O que a sociopoética faz é criar dispositivos que possibilitem ao grupo-pesquisador, partindo do plano de imanência, inventar novos conceitos e instaurar um plano de consistência. Muitas vezes, nessa passagem do plano de imanência para o plano de consistência, o grupo produz também metáforas. Apesar de não ser propriamente um conceito, a importância dessas produções no pensamento do grupo é, segundo Gauthier, que elas promovem uma tensão produtiva num mundo que se apresentava pacífico e desproblematizado. Isso vai fazer com que o grupo realize um deslocamento no pensamento em direção a novas possibilidades de criação. Além disso, ela envolve elementos poéticos e artísticos que fazem com que ela se situe no entre-dois do saber e do sentir.

A criação do conceito se diferencia da metáfora porque ele já não está ligado a uma idéia. O problema já se instaurou e somos forçados a encontrar novas formas de dar conta dele. È aí que nasce o conceito. Ele vai se formando à partir de pedaços vindos de outros conceitos que respondiam a outros problemas, mas já não dão conta do que se apresenta agora: um conceito é uma heterogênese, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança. (DELEUZE E GUATTARI, 1997: 32) Para entendermos melhor o que é

o conceito podemos perguntar, ainda: e qual a importância de se criar conceitos? Ela reside na possibilidade de confrontar conceitos já instituídos, nos permitindo fazer surgir novas variações, operar vibrações, multiplicar possibilidades e suscitar novos acontecimentos. Dessa forma, aquilo que estava cristalizado começa a tomar movimento. E o mais surpreendente que Deleuze e Guattari nos mostram com relação ao conceito é que, neste movimento, não estão em funcionamento apenas objetos, mas, envolve consigo a própria conformação do sujeito:

O movimento infinito é duplo, e não há senão uma dobra de um ao outro. É neste sentido que se diz que pensar e ser são uma só e mesma coisa. Ou antes, o movimento não é imagem do pensamento sem ser também matéria do ser. (Deleuze e Guattari, 1997:54)

É exatamente nesse ponto que encontramos a interseção entre os objetivos de nosso estudo e a proposta da sociopoética. O objetivo de nossa pesquisa é o de conhecer as possibilidades de produção de subjetividade para pessoas em sofrimento mental que recorrem a um serviço da rede pública. Quando propusemos ao grupo-pesquisador que escolhesse o tema da pesquisa, estávamos começando a nos aproximar desse objetivo, pois, essa é uma forma de perguntar exatamente: o que gera problemas para esse corpo? Quais são suas inquietações, suas convicções e seus devires? Em seguida, ao trabalharmos sobre esse tema, não estávamos pedindo ao grupo que refletisse sobre o mesmo ou que nos comunicasse suas experiências em relação a ele. Antes, a proposta era a de criar um espaço onde pudesse ocorrer a produção de sentidos, de acontecimentos ou de conceitos, mas, que é, ao mesmo tempo, produção de subjetividade: pensar e ser são uma só e mesma coisa.

Sendo o conceito um acontecimento, não pode existir sem ser perpassado de afetos. Vale lembrar que esses “afetos” não são emoções individuais nem sentimentos, mas sim intensidades que percorrem os corpos. A sociopoética se utiliza do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que na atividade do grupo-pesquisador, os afetos não só existem, como são o próprio motor da criação. É esse diagrama que se forma entre metáforas e confetos que passamos a apresentar agora.

Neste estudo, inicialmente encontramos na produção do grupo-pesquisador a criação de uma personagem filosófica chamada “**Bicho-de-sete-cabeças**”. É a maneira que o grupo encontra para poder apresentar-se enquanto filósofo criador de confetos e ao mesmo tempo fugir dos rótulos utilizados para designá-los: doentes mentais, psicóticos, todos carregados de pré-concepções. O personagem conceitual não é um representante do filósofo, mas sim um

heterônimo onde *eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares* (DELEUZE E GUATTARI, 1997:86). Dessa forma, os personagens filosóficos são verdadeiros agentes de enunciação.

O Bicho-de-sete-cabeças nasce inicialmente de uma binarização corpo/mente. A cabeça como a sede do sofrimento mental: quando ela não está bem o corpo começa a ficar mole, dormente e já não responde aos seus estímulos. Perde-se, também, a possibilidade de falar, isto é, não só a capacidade de se comunicar, mas, também, a capacidade de produzir sentido (lembrando da relação sentido-linguagem). Uma cabeça só, afetando o desejo de todo o corpo permanecer vivo. Entretanto, essa binarização é apenas aparente, pois logo outros elementos passam a dissolvê-la.

É então que percebemos que não é só a cabeça que sofre. Não podemos mais nos referir a uma “mente doente” ou a um “sofrimento mental”. Antes, falamos de afetos se incarnando, no sentido mais direto da palavra “in-carnar”. Tornar-se carne naquilo que mais nos toca é uma atualização que pode se dar, por exemplo, através de um corpo que não se encaixa nos padrões de beleza exigidos no modelo estético/fascista que nos empanturra diariamente de comida e representações, mas, num mecanismo sádico, impõe como modelo a ser seguido os corpos esqueléticos, conquistados às custas da anorexia e da bulimia: é o corpo rejeitando e vomitando os excessos. A subjetivação entra num processo esterilizante, onde mais nada se passa: *O corpo é tão somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, Metrôpoles, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia?* (Deleuze, 1996:13).

Em meio a essa discussão entre afetos e corpos, surge outro sentido que diverge das anteriores por destacar-se do corpo físico e remeter-se a um lugar onde não valem nem padrões de beleza nem conceitos científicos. É num subconsciente carregado de energia magnética que o sofrimento se efetua. Energia má-gnética que profana esse corpo preservado a tanto custo: é preciso limpá-lo, desfazer-se de toda a organização imposta e de toda significação imobilizante. Essa linha implica em muitos perigos, inclusive o de perder-se.

Finalmente, podemos perceber como se instaura o diagrama da composição do Bicho-de-sete-cabeças: ela é perpassada por vetores variados como o da estética (o belo e o feio), o dos afetos (encontros com outros corpos); o da razão (controle da cabeça sobre o corpo) e o da

política (discriminação social, racismo, relações de trabalho). Estes fluxos, por vezes, estagnam; noutras se espalham, construindo um verdadeiro embate no qual encontram-se elementos trazidos da própria experiência vivida, como da família, do trabalho, da religião e da memória.

Em seguida, após o surgimento do personagem filosófico, começa a entrar em ação sua capacidade criadora de confetos e, o primeiro que surge, é o de **Bicofonia**. Ele nasce da necessidade de reinventar a forma de nos referirmos à experiência pela qual passa esse corpo. A psiquiatria, ao tomar como domínio seu essa experiência, a qual se refere como “doença mental”, procurou circunscrevê-la dentro da mesma lógica aplicada às doenças orgânicas. Nessa visão, impera, com grande frequência, as versões funcionalistas como a da tríade ecológica de Leavell e Clark. Segundo Breilh (1991:108) este modelo coloca

num mesmo plano natural-a-histórico todos os elementos da natureza (sociedade humana incluída) e sujeitando a interpretação de seu desenvolvimento à aplicação dos princípios neo-positivistas das teorias de sistemas (isto é, homeostase: fluxo harmônico de energia; retroalimentação por meio das conexões externas dos elementos; etc.)

Sendo assim, O modelo de Leavell e Clark ficou conhecido como “história natural da doença”. Nele converte-se o homem (e também o meio e o agente) num elemento da categoria “natural” e só admite-se que ele apresente diferenças que estejam dentro das variantes puramente naturais. Para o autor, essa conclusão é extremamente útil ao modelo capitalista, pois, além de esconder as profundas diferenças de classe, permite centrar as medidas de atenção à saúde apenas na restauração das condições biológicas eximindo-o, portanto, de enfrentar os problemas de organização social.

Ao invés de traçar essa história natural da doença, podemos afirmar que apresentamos uma “história artificial”. Artificial no sentido de que ela é produzida, inventada dentro de uma estética não generalizável e que também não é a única possível. Ela é apenas aquela que foi produzida nas condições dos encontros daqueles momentos.

Dentro desta história encontramos alguns elementos que vão, aos poucos, nos possibilitando construir um novo confeto. O primeiro deles é aquele que diz respeito à relação entre passado e presente, que insiste em nos levar a crer que estamos constantemente fixados a um passado que se repete e que determina, fatalmente, o presente. Como se esse presente

não tivesse, também, no instante em que se fala, um pé no passado e outro no futuro. Esse passado que se congela pode estar relacionado com vivências e lembranças que remetem a uma infância cheia de marcas.

Além dessa máquina binária passado/presente, entram em jogo, ainda, os mecanismos de assujeitamento econômico. Esse corpo que não encontra trabalho, também não serve para assumir uma posição de destaque, nem tem direito a uma identidade: a loucura é o preço a pagar por existir e não entrar no jogo. Finalmente, vemos, ainda, mecanismos de funcionamento de processos de segmentarização muito mais sutis; de linhas muito mais discretas que podem até parecer brincadeira: é como no carnaval, todo mundo brinca e acaba se machucando.

Após uma discussão sobre todos esses percursos que vão construindo esta experiência, para a qual procurávamos um nome menos abarrotado de sentidos prontos, chegamos à construção do seguinte confeto:

Bicofonia – é uma situação em que todo mundo brinca e acaba se machucando. Ela é carnaval, brincadeira, mas é também o contrário da alegria, pois não conseguimos ficar alegre quando estamos com ela, queremos morrer. É um trauma psicológico porque o que fazem com a gente na infância não dá para esquecer. Os problemas existem, mas não fazem parte dela, pois são as pessoas que criam os problemas e acham que ela é a causa de tudo, quando na verdade essa é uma crença que as pessoas tem e acabam levando isso adiante. Ela também se chama indiferença. Ela parece com a pessoa quando está doente, com a cara triste, triste mesmo. O problema da bicofonia é também o problema do desemprego. Ela traduz tudo aquilo que é capaz de gerar a depressão, um problema mental, psicológico, transtorno mental, tristeza, angústia e solidão. Como passar por isso e não se tornar um louco? Um assassino, um revoltado? É o fantasma da bicofonia.

Dessa forma, saímos do registro da doença mental – definida cientificamente segundo um padrão de normalidade e a aplicação de diagnósticos – e passamos para o espaço da bicofonia, onde, além dos componentes orgânicos, circulam múltiplos afetos extremamente significativos.

Depois de especificar o corpo que fala (Bicho-de-sete-cabecças) e a experiência a qual ele se refere (Bicofonia), podemos nos remeter, mais especificamente, ao tema gerador da nossa pesquisa: **as relações entre a família e a bicofonia.**

Algumas metáforas surgem ao começarmos a trabalhar o tema através do olfato. A primeira que se destaca é a árvore como símbolo da união. Ela é a grande árvore da vida, a árvore genealógica composta por todas as figuras representativas dessa formação: o pai, a mãe, os irmãos, os avós, namorados, entre outros. A árvore é o símbolo de toda a sustentação, de todo território estável, onde as relações deveriam se dar de forma harmoniosa para poder ajudar na relação da família com a bicoфонia. Entretanto, a grande árvore frondosa que dá sombra e comida, a árvore genética que fornece DNAs e o sangue em comum, também, pode sufocar: surge a incompreensão, a super-proteção ou a exploração.

Deleuze e Guattari (1995) nos falam sobre a lógica binária da árvore-raiz. Frequentemente ela se articula em torno do Um que se torna dois e do dois que se torna quatro sem nunca escapar da unidade principal. O pai ou a própria família como o grande Um; o dois amor/ódio, confiança, desconfiança, o três que relativiza. Todos eles ainda flutuam em torno de um eixo central. Na verdade não adianta tentar duplicar a árvore, de qualquer forma estaríamos sempre presos a uma estrutura.

Outra metáfora que surge, tanto nos desenhos como no discurso do grupo, é a cachaça. Ela entra instaurando uma linha que passa pelo desejo e pela repressão. Um discurso fortemente repetido nos grupos educativos e nas consultas médicas afirma que álcool e loucura não se misturam (ou não deviam se misturar): mas, será que devemos mesmo evitar aquilo que nos dá prazer? Existe também outra possibilidade de relação entre cachaça-família-bicoфонia, que é a que se refere à droga dos relacionamentos. Aqui a família e a bicoфонia são a mesma droga, pois brincam, mas, ao mesmo tempo, machucam as pessoas.

Articulado à metáfora da “cachaça” aparece a da “abelha”. Inicialmente ela aparece como portadora do poder da cura, em franca oposição ao elemento da cachaça que seria o poder destruidor: Nesse sentido, a abelha está muito próxima do hospital, pois, ele serve para tratar pessoas com distúrbios mentais, assim como o mel cura doenças respiratórias. Entretanto, o mesmo hospital que se propõe a curar, também, adoece ao retirar a pessoa da sociedade. É como a abelha que nos dá o mel, mas, também, pode machucar com seu ferrão.

Além dos odores de árvore, mel e cachaça, a relação da família com a bicoфонia, também, tem seus sons. Inicialmente ele produz muito estranhamento, pois é um som onde todo mundo fala de uma vez só, sem ninguém entender nada. Ausência de significado que incomoda: um som misturado, coisa de doido. Será que é isso a loucura? Bi-coфонia, duas

vezes microfonia, ruído, uma boca/bico que não consegue mais usar a linguagem? Ou será que é a incapacidade do outro de compreender o que escapa aos seus códigos?

É o som do “Pavilhão 5”, um lugar temido do hospital. É assim que as enfermarias são conhecidas: pavilhões seguidos de um número. Qualquer semelhança com a nomenclatura de uma prisão, não é mera coincidência, como já avisou Goffman (1974). Instituições totais, lugares de segregação. Mas, chama-se pavilhão, também, a parte externa de alguns instrumentos de sopro que serve para amplificar o som além da parte externa do ouvido humano - “pavilhão auditivo”. Percebemos, aqui, a diferença de significados que essa palavra pode adquirir, dependendo do contexto, pois, se pavilhão na música e no corpo tem o sentido de amplificar o som, de fazê-lo ser ouvido, no contexto psiquiátrico o pavilhão é exatamente onde nada se ouve. É um lugar onde não adianta gritar.

A família não entenderia nada se ouvisse esse som, pois, tratam-se de códigos estranhos: se o som da bicofonia sair da linguagem, escapar a representação, será castigado. Além disso, se a família ouvisse esse som não ia acreditar que este é um lugar que possa tratar as pessoas. Mas, e quanto ao som do hospital psiquiátrico, pavilhão cinco, não tem esse mesmo som? Porque durante tantos anos não se questionou a eficácia deste serviço, apesar dos gritos, uivos e berros? E quanto à hoje, nos nossos serviços pós-reforma psiquiátrica, o que será que não estamos ouvindo? O que será que nos tempos de hoje os “profissionais psi” ainda não conseguem escutar? Talvez a saída fosse tratar de fugir do estereótipo que nos coloca como tradutores e porta-vozes da verdade dessa fala.

Apesar dessa impossibilidade de ser compreendido, existem situações em que esses códigos são aceitos pela sociedade: explosão do carnaval, tempo de folia, onde o próprio nome já diz “folie”, tempo para a loucura, oficializado e aceito. Nestes quatro dias, pode tudo; depois, volta a ordem e as segmentaridades duras assumem seus postos.

A relação da família com a bicofonia, também, tem suas texturas e consistências. Aqui, as metáforas mostram que essa relação é leve e quentinha, lugar de paz e segurança, mas, também é dura, pesada e fria como o carrasco que bate, agride e até põe em risco a segurança da pessoa. Para além dessa polarização, entramos no terreno ambíguo da brincadeira. Ele possui uma face voltada para a família, mas, também, tem outra voltada para a bicofonia situado na fronteira tênue que separa as duas. Na família, a brincadeira se faz entre conchas e bolhas, pois a família gosta de se divertir, de brincar. Na bicofonia também existe uma brincadeira. Ela começa quando colocam em você coisas geladas. Começa, então,

um jogo de adivinhar: o que é isso? O que não é? Mas, essa tentativa de descobrir o que tem no seu corpo tem que ser feita com cuidado para não machucar.

E assim, aquilo que era claramente delimitado, começa a se misturar, dando origem a híbridos que não podem mais ser classificados: coisas geladas na família, a frieza que pode acalmar a dor ou machucar, passam a fazer parte da brincadeira da bicoфонia. Essas misturas vão ser efetuadas por devires animais que rompem com a organização familiar e passam a se organizar em forma de matilha. Fogem também da possibilidade de serem compreendidas por representações, pois, só se chega a elas através do contágio. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997:23): *Entre um homem e uma mulher passam muitos seres, que vêm de outro mundo, trazidos pelo vento, que fazem rizoma em torno das raízes, e não se deixam compreender em termos de produção, mas apenas de devir.* Entre o caranguejo que passeia pelo corpo e a cobra que tenta atacar, o conceito de família vai se formando (ou se deformando).

O tato, também, revela a geografia da bicoфонia, onde podemos encontrar o confeto de “**Muro**”. O muro da bicoфонia marca uma separação entre os que são aceitos e os que devem permanecer no outro lado. Separação imposta por classe social, raça ou cor que parece vir sempre de fora. Ele é também o muro da separação da família, visível ou invisível. Entretanto, a posição desse muro não é necessariamente externa. Existe também o muro de Berlim interno, que separa dentro de nós mesmos o lado que temos acesso e aquele que nos é negado. Ambos habitados por povos separados e impossibilitados de se conhecer. Entretanto, deve-se lembrar que toda ação induz uma reação e o poder repressivo, também, provoca a potência de achar saídas. Pular o muro pode ser uma das saídas possíveis. Nesse caso, aquele mesmo elemento que deveria separar, passa a servir de passagem para o outro lado, pois, de outra forma, como poderia a criança mergulhar na piscina? Ou então investir na força e derrubar a machadas esse muro e ganhar a liberdade de conhecer as pessoas do outro lado.

A experiência através do tato, também, revela que, na relação da família com a bicoфонia, também está presente o confeto de “**Algemas dos escravos**”. Elas existem e são tudo aquilo que serve para manter os escravos de hoje em dia sob controle: camisas-de-força, troncos e pés de mesa. Como se vê, a escravidão, apesar de abolida historicamente, não deixa de continuar existindo. As práticas repressoras e punitivas também são as mesmas: trabalho forçado, violência física, contenção e, principalmente a falta de liberdade. Mas apesar da repressão, a bicoфонia-escravidão também tem suas resistências. Assim como os escravos

faziam, é à noite, longe das luzes, nos espaços escuros que ainda restam, que se pode inventar e dançar a capoeira.

Outro conceito construído no plano de consistência da relação da família com a bicoфонia é o de “corpo-seco”. Ele é o estado do corpo que passa por muitas agressões. Pode ser característico da pessoa que não se alimenta bem, não estando ligado somente a necessidade da fome, mas também, ao próprio desejo desse corpo, pois ele pode até não sentir fome e ser um corpo-seco. Ele existe lá na Etiópia, mas, a Etiópia também é aqui, ela está em todo lugar onde não existe nada. Pode ser decorrência de alguma droga como o cigarro, mas também é o efeito da falta de alimentação, de educação, de respeito, etc.

A produção dos dados através da visão nos fez mergulhar num outro aspecto do plano de consistência que, apesar de ser muito presente tanto na instituição família, como nos delírios encontrados em algumas doenças mentais, ainda não havia sido abordado aqui: os aspectos místicos e religiosos. Eles envolvem questões como traição, culpa e perdão. Em cada família tem um traidor que é alguém de quem se esperou alguma coisa que não foi cumprida e essa traição é encarnada na metáfora do Judas. Entretanto, ninguém gosta de ser chamado de Judas, ninguém quer ocupar esse lugar e existe a opção de passar para o lugar da vítima inocente onde a culpa é do outro.

Culpado! Mesmo sem saber de que, segue a bicoфонia em penitência. Guattari (1999) também identificou esse processo e o chamou de “culpabilização”. Ele pontuou que isso não acontece por acaso, ao contrário, faz parte do processo de constituição da subjetividade capitalística construir indivíduos vacilantes sempre confrontados com uma imagem de referência:

“Quem é você?”, “Você que ousa ter uma opinião fala em nome de que?”, “o que você vale na escala de valores reconhecidos enquanto tais na sociedade?”, “A que corresponde sua fala?”, “Que etiqueta poderia classificar você?”. E somos obrigados a assumir a singularidade de nossa posição com máximo de consistência. (...) No entanto, a menor vacilação diante dessa exigência de referência, acaba-se caindo, automaticamente, numa espécie de buraco, que faz com que a gente comece a se indagar: “afinal de contas quem sou eu?”, “Será que sou um merda?”. É como se nosso próprio direito à existência desabasse.”(Guattari e Rolnik, 1999:41)

Além desse processo generalizado de culpabilização, que Gutarri denuncia como parte da constituição da subjetividade capitalística, vale lembrar que, especificamente com relação à loucura, outros aspectos relacionados a culpa e ao perdão entram em jogo. Existe um componente histórico relacionado à percepção do desviante como culpado e herético que, segundo Szasz (1978:169), foi apenas mascarado com outros nomes na passagem do modelo teológico para o científico:

No século XVII e XIX, muitos desses fenômenos – nunca antes conceituados em termos médicos – tiveram novos nomes ou foram reclassificados como doenças. Esse processo, que levou à criação da disciplina conhecida como Psiquiatria, é parte integrante do processo mais amplo de substituição de conceitos religiosos por conceitos científicos.

Szasz (1978) mostra, ainda, várias inter-relações entre as características atribuídas ao herético e aquelas necessárias para se considerar alguém um doente mental e mostra como, ao longo do tempo, estas figuras ocuparam o lugar do outro, ou seja, daquele que precisa ser excluído para que a sociedade possa purificar-se e manter sua integridade e sobrevivência. Apesar de Szasz ter feito essas afirmações há mais de 25 anos, o grupo-pesquisador mostra que as linhas que perpassam essas relações não se extinguiram e continuam a manifestar-se nas nossas concepções de loucura como algo associado à culpa e ao pecado.

Após essa discussão sobre onde situar a bicoфонia, se no rol dos culpados ou das vítimas, podemos perceber que, o fato de deslocar seu papel de uma posição a outra, não melhora as possibilidades de existência da pessoa que passa por esta experiência. Seja como herético, seja como bode-expiatório da sociedade, a pessoa em sofrimento mental continua presa a um eixo que a impede de ser outra coisa qualquer a não ser aquilo que se espera dele.

Finalmente, passamos a abordar os sabores existentes na relação da família com a bicoфонia que são principalmente aqueles que se referem a família, ao próprio indivíduo e ao hospital. Cada um desses elementos aparece de forma mais ou menos estereotipada, de acordo com papéis que se espera que cada um execute dentro de uma configuração: da família espera-se proteção, compreensão e união; do indivíduo espera-se que ele colabore, assumindo seu papel de doente mental, que tome seus remédios e não circule entre os normais. Como nada disso funciona a contento, espera-se do hospital que ele possa articular os desejos de cada uma das pontas do triângulo, dando proteção ao indivíduo e aliviando o fardo da família com relação a este. Mais uma vez os papéis idealizados não corresponde ao esperado e o

hospital continua não oferecendo proteção alguma e devolve para a família um indivíduo ainda mais difícil de se conviver.

Entretanto, para além dessa triangularização, não podemos deixar de lembrar, que estas máquinas – família, indivíduo e hospital – não se encontram funcionando sozinhas:

O sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos. (Deleuze e Guattari, 1996: 85)

Sendo assim, podemos ver funcionar dentro desta configuração, também, outros elementos que, apesar de não estarem presentes explicitamente, falam por trás das palavras: Estado, escola, igreja, mídia. Cada um procurando modelar e fixar papéis, geralmente, empobrecidos e desprovidos de suas capacidades de potencialização.

A produção do grupo mostra essa asfixia das segmentarizações que procura impedir, inclusive, que se estabeleça qualquer espaço para discutir esses papéis e a insatisfação decorrente deles: mesmo quando se quer falar, ninguém entende. Ou existe a família doce, idealizada pela mídia, ou a eterna culpada e castradora da psicanálise; ambas são extremos fixos que engessam as relações, levando a uma incomunicabilidade.

Apresentamos aqui alguns confetos e metáforas que surgiram na produção sociopoética sobre as relações da família e a bicoфонia. Certamente não são os únicos possíveis, pois a todo instante estes elementos são articulados e, entre a família e a bicoфонia, o sentido não para de ser produzido. Lembramos ainda que, por habitarem o mesmo plano de consistência, esse confetos se interpenetram, provocam vibrações que vão de uns aos outros e incitando a criação de novos conceitos por quem vier a entrar em contato com eles.

11 CONSIDERANDO POSSÍVEIS FINAIS

Ao que, digo ao senhor, pergunto: em sua vida é assim? Na minha agora é que vejo, as coisas importantes, todas, em caso curto de acaso foi que se conseguiram – pelo pulo fino de sem ver se dar – a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo. Ah, e se não fosse, cada acaso, não tivesse sido, qual é então que teria sido o meu destino seguinte? Coisa vã que não conforma respostas. Às vezes essa idéia me põe susto.

(Guimarães Rosa)

Chegando a etapa final do processo de pesquisa, somos levadas a nos questionar com relação ao alcance dos objetivos iniciais. A proposta era a de cartografar algumas possibilidades de produção de subjetividade para a pessoa em sofrimento mental, a partir da identificação de suas problematizações, suas territorializações e linhas de fuga. Ao confrontar este objetivo com o que foi desenvolvido, percebemos que a abordagem sociopoética nos permitiu atingi-lo, uma vez que, através da produção de confetos, pudemos perceber vários elementos importantes no processo de produção de subjetividade. Começamos a mergulhar nestes elementos no momento em que perguntamos ao grupo quais as questões significativas para eles naquele momento. Que tema deveríamos nos dedicar a pesquisar com relação à pessoa em sofrimento mental? A escolha foi feita e o grupo apontou: relações da família com a bicoфонia.

Para falar dessas relações, em primeiro lugar, o grupo criou novos confetos para cada elemento que a perpassa. Ao invés de “loucura”, “doença” ou “sofrimento mental”, o grupo precisou inventar um novo termo. Vale ressaltar que não se trata apenas da invenção de mais um sinônimo, pois a “bicoфонia” vai muito além dos conceitos anteriormente citados. Ela envolve desde experiências marcantes da infância, até as limitações ocasionadas pelo desemprego. Fala da indiferença a que é submetida e da incompreensão de uma sociedade que inventa os problemas e depois os utilizam como bode-expiatório. Além disso, ela é perpassada

pelos mais diferentes sentimentos e afetos, sendo tristeza, angustia, solidão e também, brincadeira e folia de carnaval.

O conceito de família é re-inventado pelo grupo numa composição que, apesar de partir de uma binarização, vai se revelando muito mais complexa. Inicialmente, a família é uma grande árvore-genealógica, sempre unida para proteger seus membros, ou uma abelha que cuida e cura através do seu mel. Entretanto, a árvore que protege, também, sufoca. A abelha que provê o mel é, ainda, a mesma que pode machucar com suas ferroadas. Aqui, as linhas vão se aproximando e as relações entre a família e bicoфонia começam se mostrar. As vezes elas se aproximam demais e acabam se misturando tanto que família e bicoфонia passam a ser a mesma coisas: ambas brincam, mas, machucam as pessoas.

À medida que vamos provocando a produção através dos sentidos, outros aspectos dessa relação vão surgindo. Através da audição, percebemos como o som da bicoфонia se mostra estranho para a família, pois se trata de uma linguagem com códigos bem diferentes dos seus. Essa linha de sentido logo entra em articulação com outro elemento importante na relação da família com a bicoфонia: o hospital. Inicialmente eles se aproximam por suas sonoridades, já que o som da bicoфонia é o mesmo dos pavilhões do hospital. Entretanto, percebemos, também, que ele mantém outras articulações com nosso tema gerador. O hospital, muitas vezes, é o lugar onde se depositam esperanças de cura, mas, também, é a marca da mágoa que a pessoa sente com relação a família que o interna em um espaço de violência.

Essa articulação do hospital com a família faz suscitar algumas ressonâncias no que diz respeito a própria escolha do tema. Vale lembrar que o grupo-pesquisador foi formado dentro de um hospital-dia, ou seja, um serviço proposto pela reforma psiquiátrica, o qual é intermediário entre o internamento e o atendimento ambulatorial. Nesse caso, apesar de receber atendimento durante todo o dia, a pessoa acaba tendo muito mais tempo de contato com a família e com a comunidade. O fato de o grupo ter escolhido como tema as relações da família com a bicoфонia, pode nos levar pensar porque, entre tantas questões possíveis, logo esta se destacou como um problema para eles? Entendemos que o atual contexto histórico-social, marcado pela luta anti-manicomial e a criação de serviços substitutivos, começa a provocar questões extremamente significativas na produção de subjetividade da pessoa em sofrimento mental. Ao permanecer mais tempo junto de seus familiares, quais as ferramentas

de que todos dispõem para lidar com as dificuldades que se apresentam nessa convivência? Que afetos são suscitados? Quais as linhas de fuga que se apresentam?

Através do tato, o grupo pôde trazer algumas contribuições a esta discussão. Aqui encontramos as coisas geladas que podem surgir na relação com a família, como a indiferença; ou as coisas pesadas das brigas e desentendimentos. Vale ressaltar que o gelo também serve para amenizar a dor e a sensação de peso pode servir para mostrar a presença de alguém que conforta. Existem, ainda, as bolhas, conchas e caranguejos que mostram o lado da brincadeira que se apresenta sempre de forma ambígua, mostrando que ela diverte, mas, pode, também, machucar.

Além dessas relações sensoriais, o tato revelou elementos inesperados que fazem parte das relações da família com a bicoфонia como, por exemplo, a escravidão e o muro. A escravidão não diz respeito a um fato historicamente ultrapassado. Trata-se, antes, de uma escravidão-acontecimento, que está intimamente relacionada a questão da bicoфонia, pois, o fato de sofrer maus tratos, violências e interdições mostra que existem escravos, ainda hoje em dia. Pessoas que são proibidas de pensar e de decidir sobre suas vidas, sofrem tanto que acabam enlouquecendo. O muro remete a outro fato histórico que ganha vida própria: o muro de Berlim. Entretanto, ele não trata de uma separação externa, mas, de uma divisão dentro de nós mesmos, indivíduos ou sociedade, cada um tem os seus muros.

A produção através da visão trouxe outros tipos de elementos ligados, dessa vez, às imagens de culpa, traição e perdão que também estão presentes na relação com a família. Exemplo disso, é a metáfora do Judas que, apesar de estar presente, ninguém quer assumir; ou, ainda, a noção de que existem pecados que precisam ser perdoados. Do paladar vieram outros elementos do relacionamento com a família, como as metáforas das relações doces e amargas, e a metáfora da castanha para a pessoa com bicoфонia que “dá trabalho” à família.

Em meio a confetos e sensações, fomos percebendo como o grupo construiu um diagrama de várias linhas que perpassam, tanto a produção de sentido como, também, a de subjetividade. Entendemos que, para uma multiplicação de possibilidade, a utilização de técnicas variadas teve uma importância significativa, uma vez que cada uma delas fez despertar aspectos diferentes na nossa produção.

Percebemos, ainda, que as atividades desenvolvidas nas oficinas propiciaram um espaço para o surgimento de potências no grupo, que nem sempre são valorizadas em outros

espaços devido ao fato de este ser formado por pessoas consideradas, na psiquiatria, como portadoras de algum tipo de transtorno ou distúrbio mental. Percebemos, frequentemente, na nossa prática em serviços de saúde mental, a infantilização a que eles são submetidos, seja através da realização de atividades que se dizem “terapêuticas”, mas que não passam de meros trabalhos manuais repetitivos e castradores da criatividade, seja pela subestimação da sua inteligência em discussões onde eles sequer são ouvidos, ou, ainda, na realização de atividades grupais esterilizantes e homogeneizadoras.

Aqui o grupo deixou claro que é capaz de pensar, de criar e que sabe muito mais sobre si mesmo do que podemos imaginar. Certamente, nem todos os momentos do grupo foram de criação. Marcados que estamos por um processo de subjetivação massificador, torna-se difícil fazer emergir potências e, muitas vezes, percebíamos que o grupo estava preso a discursos instituídos, como, por exemplo, em posicionamentos binários e maniqueístas. Entendemos que a força da pesquisa sociopoética encontra-se exatamente na sua capacidade de provocar o estranhamento e fazer-nos pensar de outras formas menos assujeitadas.

Além dessa abertura de possibilidades para o grupo-pesquisador, entendo ser válido destacar a importância que este estudo teve para mim, enquanto facilitadora. Em primeiro lugar, pela possibilidade de aprender com o grupo, de conhecer aspectos relativos à saúde mental que não se encontram em livros e mergulhar na riqueza de saberes produzidos por eles. Em segundo lugar, pelo próprio amadurecimento propiciado pelo processo de pesquisa perpassado por dificuldades, mas, também, por vitórias. Entre os obstáculos, posso citar a exigência da uma pesquisa sociopoética com relação à criatividade do pesquisador. Na elaboração das oficinas, na escrita dos textos transversais, em vários momentos, cheguei a me sentir esgotada, mas, acabava descobrindo, dentro de mim mesma, a capacidade de recomeçar.

Outra dificuldade enfrentada por mim, e inclusive já destacada por Adad (2004), foi relativa ao desenvolvimento das análises do material. Nós, pesquisadores acadêmicos, estamos muito acostumados a realizar uma objetivação do grupo, interpretando suas falas, valorizando mais a experiência vivida que a criação. A sociopoética coloca-nos como desafio a superação dessa atitude, em prol da potencialização da produção de sentido. Na superação

desse obstáculo, foi muito importante contar com a colaboração de Sandra Petit¹², que soube perceber essa característica da sociopoética e me indicar a importância de fugir a esta tendência da interpretação. Ainda, com relação ao processo de orientação destaco a importância da relação aberta e amadurecida que tive com minha orientadora Violante Braga para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse processo também foram de suma importância os momentos de discussão com outras colegas sociopoetas como Rosileide Soares, Shara Adad, Valdênia de Moraes e Madalena Bonfim, que muitas vezes ajudaram com seu olhar de fora a provocar o estranhamento necessário para se perceber outros elementos da produção do grupo.

Gostaria, ainda, de ressaltar a importância da realização desta pesquisa para a enfermagem, particularmente para a assistência em saúde mental. Primeiramente, entendo que o fato de trabalharmos com seres humanos e com aspectos tão delicados de sua existência como sua subjetividade, exige que busquemos, cada vez mais, estratégias que nos permitam abordar suas potencialidades e, com isso, aumentar suas possibilidades de produção de vida. Em segundo lugar, porque percebo a postura de especialista que somos levados a adotar como um sério obstáculo ao desenvolvimento de nossa prática. Isso se percebe, freqüentemente, através dos conceitos já cristalizados nas ciências “psi” que, raramente, leva em consideração a voz de quem mais entende sobre si mesmo, ou seja, do próprio sujeito que vivencia a experiência da loucura. Contudo, não venho afirmar que os confetos aqui apresentados sejam melhores ou piores que outros, nem que eles sejam definitivos. Eles foram apenas os que pudemos produzir dentro do nosso recorte de espaço-tempo. A sua tarefa foi a de provocar o movimento, induzir a descristalização e abrir possibilidades para que outras pessoas se interessem em fazer o mesmo.

¹² Sandra Petit é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e pesquisadora na área da sociopoética.

12 REFERÊNCIAS

ADAD, S. J. H. C. **Jovens e Educadores de Rua: itinerários poéticos que se cruzam pelas ruas de Terezina.** 2004. 243p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira – UFC, Fortaleza, 2004.

AGUIAR, M. G. G. **A Reinvenção do ser Enfermeira no Cotidiano da Casa de Saúde Anchieta e Núcleos de Atenção Psicossocial.** 1995.155 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem – USP, São Paulo, 1995.

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. **O saber de Enfermagem e sua Dimensão Prática.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

AMARANTE, P. **Asilos, alienados, alienistas: uma pequena história da psiquiatria no Brasil.** In. _____. (Org.) **Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

_____. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro: SNE/ENDP, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental.** Brasília, 1994.

BREILH, J. **Epidemiologia: economia, política e saúde.** São Paulo: HUCITEC, 1991

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** 10. Ed. São Paulo: Ática, 1998

DEL PRIORE, M. **Histórias do cotidiano.** São Paulo: Contexto, 2001.

DELEUZE, G. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido.** São Paulo: Perspectiva, 1974

DELEUZE, G., **Espinoza: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio Aivim, 1968.

_____. **O Que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 3**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 4**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **A história da loucura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Gerais, 1979.

FRAGA, M. N. O. Uma experiência em ensino de enfermagem psiquiátrica: relato e tentativa de análise **Revista de Psicologia**, vol. 7/8, n. 1/2, p 5 – 14, 1989/1990.

FUGANTI, L. A. Saúde, Desejo e Pensamento. **Revista SaúdeLoucura**, v. 2, São Paulo: HUCITEC, 1990

GADELHA, S. **Subjetividade e minoridade**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998

GAUTHIER, J. H. M. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Ana Nery/UFRJ, 1999.

GAUTHIER, J. H. M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. . **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GAUTHIER, J. Trilhando a Vertente Filosófica da Montanha Sociopoética: a criação coletiva de confetos. In **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: aplicação da abordagem sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2004.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos** . São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOODY, J. **The Interface Between the Written and the Oral**. USA: Cambridge University Press, 1987

- GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LIEBMANN, M. **Exercícios de Arte para Grupos**. São Paulo: Summus, 2000
- MARTINS, A. A. A enfermagem como prática social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.40, n. 213, p. 132 – 143, 1987.
- MIRANDA, C. M. L. **O parentesco Imaginário: história e representação social da loucura nas relações do campo asilar**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, São Paulo: 1999.
- ORLANDI, L., **Corporeidades em minidesfile**, Anotações de aula, PUC-SP, 2002, p. x.
- PELBART, P.P. **Da clausura do fora ao fora da clausura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PETIT, S. H. Sociopoética: potencializando a dimensão poiética da pesquisa. *In* MATOS, K. S. L e VASCONCELOS, J. G. (Org.) **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR – UFC, 2002.
- PROUST, M. **In Search of Lost Time**. Vol. I - Swann's Way. Toronto: Modern Library, 1998.
- RODRIGUES, J. C. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.
- ROTELLI, F. AMARANTE, P. Reformas Psiquiátricas na Itália e no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológicos *in* BEZERRA JUNIOR, B.; AMARANTE, P. (Org.) **Psiquiatria sem Hospício: Contribuições ao Estudo da Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: 1992

SALES, A. C. **Considerações sobre o Sentido em Deleuze**: apontamentos para uma teoria do signo e da comunicação. 2003. 160p. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2003.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**. Filosofia dos corpos misturados, vol 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, G.B. **Enfermagem profissional**: análise crítica. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVEIRA, L. C. **Equipe de Saúde Mental**: sociopoetizando o hospital-dia. 2001. 129p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2001.

SOARES, R. M. S. **Sociopoetizando os Conceitos Relativos à Instituição da Liderança**: significados produzidos por moradores de um bairro popular de Fortaleza. 2002. 209p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2002.

SZASZ, T. S. **A Fabricação da Loucura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WANDERLEY, L. **O Dragão Pousou no Espaço**: arte contemporânea, sofrimento psíquico e o objeto relacional de Ligia Clark. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SUMMARY

This study began in a specific historic moment stressed by strong transformations in the field of mental health assistance provided by the Brazilian proposal of psychiatric reform that pointed out the importance of changing the focus of the actions developed: from the disease to the valorization of life. In this context, we were interested in understanding how were going on the relations of subjectivity production in what concerns the workers as well as the users of mental health services. The first step was the execution of a master's degree research that aimed to investigate the possibilities of subjectivity production in mental health services workers. The present study intends to complement the process initiated in the previous research, aiming to know the same aspects, however directing the focus to the user of mental health services. The theoretical-methodological referential used by us was a composition between sociopoetics and some ideas of philosophers related to schizoanalysis that allowed to approach aspects concerning to subjectivity production through the production of concepts and metaphors. The process began by the choice with the group of the theme to be investigated: the relations between the family and the mental disease. Afterwards, this theme went through modifications and we changed the reference to "mental disease" for the concept created by the group with the name of "bicoфонia" which is wider than the other and comprehend since biological and psychological elements up to social and affective ones. Other concepts produced can be mentioned as "muro" (wall) which comprehend several aspects such as social segregation, the necessity of self knowledge and the separation into the family; and the concept of "corpo-seco" (dry-body) which refers to the several necessities of the person in mental suffering. Besides the concepts, the group created metaphors concerning to the theme such as the "árvore da vida" (tree of life) which refers to the protective and maintaining family functions or the one of "coisas geladas na família" (cold things in family) which comprehend the difficulties and misunderstanding in familiar relationships. We offered a detailed description of the whole research process due to the innovatory character of its methodology – still little known in nursing; so we found it necessary to explain very clearly its stages. We conclude that, in creating concepts, the research-group is, by the same token, working on the production of subjectivity, since this construction involves simultaneously the research object and the subject. In this process, we identified how goes on the experience with "bicoфонia", the relations with the family, the religion and the society besides other important elements that take part on this diagram of affects and becomings. We also noted that the creation of new concepts has a singular importance to the practice of nursing assistance in mental health since it provides the questioning of the instituted concepts and the space for the subject to manifest his own questions.

Key-Words: Mental Health. Psychiatric Nursing. Nursing Methodology Research.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer de aprovação da pesquisa junto ao Comitê de Ética



Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N° 113/03

Fortaleza, 25 de abril de 2003

Protocolo COMEPE n° 73/03

Pesquisador responsável: Lia Carneiro Silveira

Dept°./Serviço: Departamento de Enfermagem/UFC

Título do Projeto: "Do corpo sentido aos sentidos do corpo: sócio poetizando a produção de subjetividade no hospital - dia"

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa e do Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução n°196 de 10 de outubro de 1996 e Resolução n° 251 de 07 de agosto de 1997, publicadas no Diário Oficial, em 16 de outubro de 1996 e 23 de setembro de 1997, respectivamente, aprovou o projeto supracitado na reunião do dia 24 de abril de 2003.

Atenciosamente,

Assinatura manuscrita em tinta preta, aparentemente de Elisabete Amaral de Moraes.

Dr.^a Elisabete Amaral de Moraes
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa
COMEPE/HUWC/UFC

Anexo II - Diário Coletivo de Pesquisa

Transcrevemos a seguir as anotações feitas no diário coletivo de pesquisa. As assinaturas foram omitidas para preservar o nome dos co-pesquisadores.

.....

01 de Agosto de 2003

Eu não sou doente mental, meu problema é o lítio. Falta de lítio, carência de lítio, eu estou aqui para melhorar. No organismo é o meu problema.

.....

08 de Agosto de 2003

Tenho 30 anos sou de Fortaleza, Ceará. Hoje estou muito feliz, contente. Eu estava com muita depressão, tristeza, por causa que eu estava com muita saudade da minha mãe, mas estou muito feliz, alegre, e cheia de felicidade hoje. É o que eu estou sentindo agora.

.....

14 de agosto de 2003

A vida

A vida é uma esperança.

A vida é pra ser vivida com muito amor. Amor pelas pessoas, pelas coisas, pelos animais, enfim, pela própria vida que é um grande dom, do amor.

Viva a vida em sua principal plenitude, seja você mesma.

Ame os outros, seja sempre amigo e companheiro, dê o melhor de você, para que sua felicidade seja recíproca, pois é dando que se recebe, é recebendo que se vive, para ser feliz.

.....

14 de agosto de 2003

Minha vida foi um sofrimento na infância por causa do meu pai. Ele era alcoólatra por isso me batia todo dia em mim e nos meus irmãos e na minha mãe. Ele trabalhava de garçom e eu ajudava ele no bar, tomava conta dos churrascos. Mas todo dia me roubavam churrascos. Quando fechava a churrasceria ele fazia as contas e sentia falta do dinheiro e por isso me dizia: vá para casa que você vai levar uma pisa. Eu ia para casa chorando e me escondia debaixo da cama quando ele chegava me pegava, levava para a cozinha com uma corda e me açoitava. Isso foi mais de quinze anos e por isso eu me tornei doente com depressão e me

tornei um alcoólatra. Hoje estou me tratando. Que Deus me ajude a ficar bom. Obrigado pela atenção de vocês.

14 de agosto de 2003

Hoje eu estou contente e feliz e alegre. Eu ontem estava triste porque eu quebrei a garrafa sem querer. Levei o maior carão porque quebrei a garrafa. Eu não sou doida e nem tenho ataque e só as vezes um pouco de tristeza e depressão. Mas hoje estou alegre e feliz com a graça de Jesus e de Deus, mais porque Jesus é muito bom e amigo.

19 de agosto de 2003

Estou feliz de estar participando deste grupo.

19 de agosto de 2003

Hoje estou muito feliz, pois entendi que a vida a cada dia se renova, agradeço a Deus e o Sr, Jesus Cristo por mais um dia de vida. Obrigado por tudo.

22 de agosto de 2003

Hoje é um dia especial pois entendi que a vida tem um belo sentimento, pois na morte nós somos totalmente apagado como uma vela, é o fim. Amanheceu um dia lindo com o rei sol brilhando, enriquecendo o horizonte nos dando prazer de mais um dia, espero que seja um lindo dia de paz e alegria. Que eu aprenda mais com as pessoas a minha volta, o valor das pequenas coisas, como um olhar ou um sorriso. Que todos nós aprendemos o valor de cada um de nós, precisamos agradecer mais, e não reclamar. Pois sabemos de onde venho, porém não sabemos para onde vamos, na morte só fica as lembranças.

19 de agosto de 2003

Eu estou gostando muito do grupo da Lia. Espero que dê certo eu ir até o fim. Ela é muito legal, ela e a Madalena. Lia, continua sempre ajudando as passiente. Gosto muito de você.

29 de agosto de 2003

A vida é como uma rosa por mais linda e perfumada que seja jamais consegue esconder os espinhos!!!

29 de agosto de 2003

Madalena e Lia gostei muito de conhecer vocês
Sucesso e tudo de melhor.

29 de agosto de 2003

A vida é maravilhosa, eu estou muito feliz, gosto muito do tratamento do hospital-dias.
Agradeço muito a Deus por estar com saúde.

29 de agosto de 2003

A bicoфонia assusta muito a gente. Tem horas que não sabemos como lidar com ela...é como
uma caverna escura..dá medo.

05 de setembro de 2003

Obrigado meu senhor por mais um dia de felicidade. Obrigado pela minha saúde. Obrigado
meu senhor por mim ter encontrado mais uma vez com meus colegas do hospital-dia.
Obrigado pela esposa que tenho.

05 de setembro de 2003

Lia, quando eu comecei no seu grupo eu não gostava mais agora vivo pensando como é que
eu vou mim acostumar sem o seu grupo quando terminar o seu grupo. Eu estou muito
acostumada com você. Ti amo, tenho você como uma irmã.

05 de setembro de 2003

Obrigado Lia por hoje estar gostando do seu grupo porque quando começou eu não gostava.
Agora estou pensando o seu grupo está já acabando e já estou pensando como vou passar sem
o seu grupo. Ti amo tenho você como um irmão.

FIM